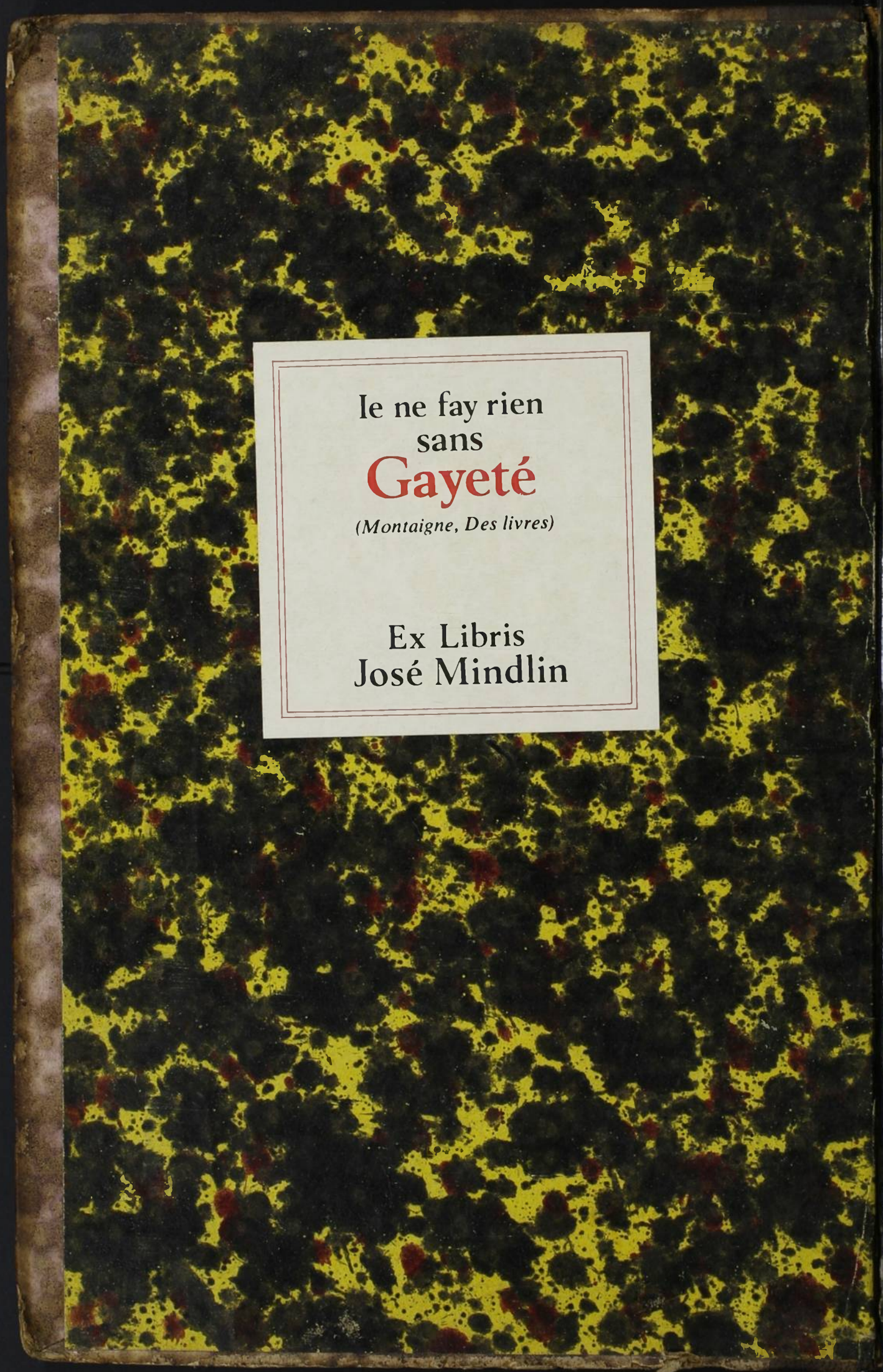
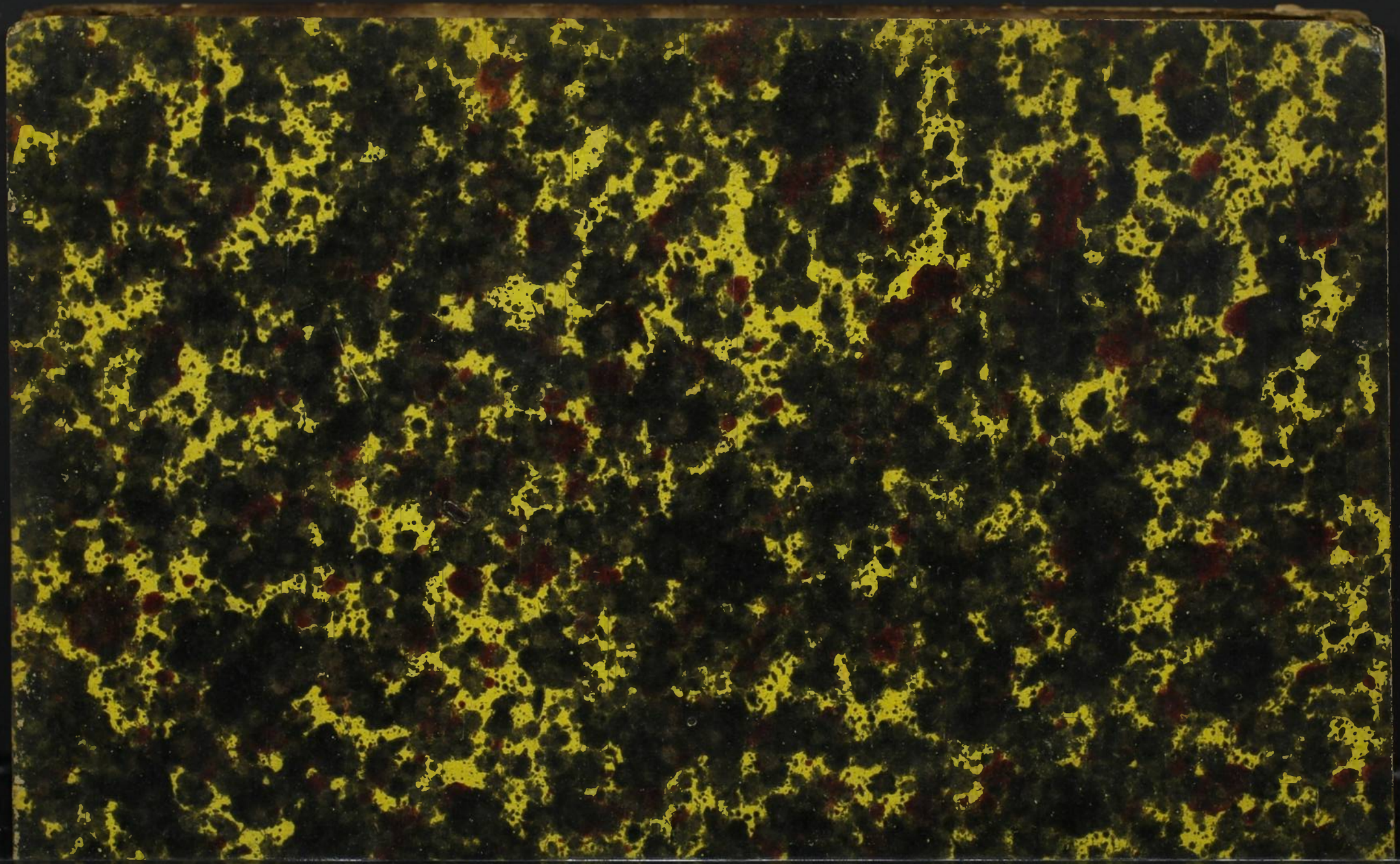

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin



O COMPADRE SUZANO.

COMEDIA ORIGINAL EM 5 ACTOS.

Rosa

THEATRO

DO DOUTOR

A. DE CASTRO LOPES.

TOMO SEGUNDO.

O COMPADRE SUZANO.

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.

AS TRES GRAÇAS.

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

1864.

PERSONAGENS.

SUZANO, 48 annos.
PERPETUA, sua mulher, 40 annos.
EULALIA, filha dos ditos, 18 annos.
RODRIGO, Alferes reformado, 58 a 60 annos.
FELICIO, proprietario, 50 annos.
PAMPLONA, filho de Felicio, 18 a 20 annos.
THOMASIA, visinha de Suzano.
ALFREDO DA SILVA.
ALFREDO DA SILVA.
UM OFFICIAL, (posto de tenente).
UM INSPECTOR DE QUARTEIRAO.
UM CAIXEIRO.
DR. CARLOS, advogado.
Soldados e meirinhos:

A scena passa-se no Rio de Janeiro em 1863.

O COMPADRE SUZANO.

ACTO PRIMEIRO.

Sala regularmente mobiliada.

SCENA I.

PERPETUA E RODRIGO (*Este veste fardeta militar antiga, bonet antigo, anda embuçado em um capote escossez, coxeia algum tanto, e arrima-se a uma bengala de canna da India.*)

PERPETUA.

Compadre, não é como o senhor pensa: quando uma moça se apaixona por um rapaz, custa muito a se lhe tirar da cabeça aquella idéa.

RODRIGO.

Ora, adeos! os rapazes são como os bonecos; quando se perde um, vê-se outro: as raparigas vão sempre achando bonitos os novos, e d'ahi a nada, nem mais se lembrão do primeiro.

PERPETUA.

Pois a Eulalia não é dessas: apaixonou-se pelo Dr. Carlos, e não ha nada que o faça esquecer.

RODRIGO.

E' aquelle advogadozinho que tem bigodes?

PERPETUA.

Esse mesmo. E' um rapaz de muito talento, e tanto, que foi agora defender um réo no Rio-Grande do Sul, ajustando a defeza por trinta contos, se o réo fôr absolvido, e quinze se não fôr.

RODRIGO.

Cá na minha classe é que não ha disso: e mesmo que houvesse estou já ha 20 annos reformado em Alferes...

PERPETUA.

Mas, compadre, esse doutor foi, ha perto de anno e meio, e até agora, nem novas, nem mandados; parece-me....

RODRIGO.

A mim o que me parece é que elle por lá amarrou-se, e de mais tendo dinheiro fresco....

PERPETUA.

Porém elle estimava muito a Eulalia, e dizia que se casaria com ella quando voltasse.

RODRIGO.

Creia em Deos, minha comadre: olhe que alli no Sul ha mocetonas tão lindas, com umas faces tão coradinhas, que aquillo é encarar o inimigo, e logo render-se: eu lá estive, lá estive. Ah!.... (*suspira*).

PERPETUA.

Póde muito bem ser: isto de palavra de homem....

RODRIGO.

E' mesmo como palavra de mulher.

PERPETUA.

Por isso é que eu desejo que ella se case agora com o Alfredo.

RODRIGO.

E esse rapaz tem? (*Esfregando um no outro o pollegar e o indicador*). E' capazorio? E' filho de boa gente? Gosta de trabalhar?

PERPETUA.

Tudo isso: está no commercio....

RODRIGO (*atalhando*).

Boas fallas: vamos por ahi.

PERPETUA.

E' muito sizudo, e trabalhador.

RODRIGO.

Então catequise a menina.

PERPETUA.

Agora mesmo vou eu conversar com ella.

RODRIGO.

Pois vá; ella precisa casar-se. (*Vai-se Perpetua*).

SCENA II.

RODRIGO, (*só*)

Moro com esta minha comadre, ha perto de 12 annos e cada vez a vejo com menos juizo. E o compadre? esse é mesmo uma couza como não se póde imaginar! agora depois de aposentado deu-lhe a mania para saber do que se passa lá pelas estrellas; e anda tudo em casa em uma dezordem continuada. Ai! o que eu sinto é que com este frio que faz, aperta-me o rheumatismo, que não é graça. Ai! (coxeiando) lembra-me o tempo, em que estava no sul: bem bom tempo! Então jogava eu o meu voltarete. Ah! é o jogo da minha paixão; mas hoje nem ha parceiros que prestem: de mais a mais ando tão caipora, e sempre baldo ao naipe, (*esfrega um no outro o pollegar e o indicador*).

SCENA III.

O PRECEDENTE E FELICIO.

FELICIO.

Licença p'ra um, Sr. Suzano.

RODRIGO.

Oh! Sr. Felicio! o Sr. Suzano nãe está; mas a casa é sua.

FELICIO.

E' verdade; é minha, mas emquanto elle mora tambem é dono: Sr. Alferes, como vai passando?

RODRIGO.

Sempre mal com este inverno.

FELICIO.

E' verdade: ha muitos catarrhaes e defluxões.

RODRIGO.

E rheumatismos. Ai! (*sentindo-se do rheumatismo*) Cá está elle.—O senhor é que é feliz: saude, dinheiro, e paz de espirito: tem a espadilha, manilha, e basto; em fim está com a chalupa.

FELICIO.

Falta-me a mocidade.

RODRIGO.

Mas tem a experiencia, e está ainda vigoroso. Então que nos conta de novo?

FELICIO.

Pouco ha que contar: novidades tem o senhor sempre aqui.

RODRIGO.

Como assim ?

FELICIO.

Esta minha inquilina e sua visinha que mora no 2º andar.

RODRIGO.

Oh que bisca !

FELICIO.

E' insupportavel: quando lá vou não faz senão fallar do Sr. Suzano, e da Sra. D. Perpetua.

RODRIGO (*á parte*)

Cá não lhe ficão a dever. (*alto*) Isso é uma peste que nos cahiu mesmo sobre a cabeça.

FELICIO.

Tomára já vel-a mudada.

RODRIGO.

Qual ! aquillo é como ostra agarrada a pedra.

FELICIO.

Entretanto tenho quem me dê mais pela casa.

RODRIGO (*á parte*).

Que cantiga p'ra levantar o aluguel ! (*alto*) Pois é pol-a na rua.

FELICIO.

Não tenho ainda um pretexto ; mas tanto hei de procurar, que a final hei de descobrir.

SCENA IV.

OS PRECEDENTES E SUZANO (*que vem da rua*).

SUZANO.

Ora Deus esteja comnosco : Sr. Felicio como está ?

FELICIO.

Sr. Suzano, como tem passado ?

RODRIGO, (*áparte*).

Não tarda o compadre com alguma das suas.

SUZANO.

Estou ainda a parafusar em uma cousa, que vi agora, e que me tem feito andar a cabeça a roda.

FELICIO.

Então o que é ?

RODRIGO, (*áparte*).

Ahi vem alguma.

SUZANO.

Vinha eu vindo pela rua, quando vejo diversos grupos parados a olharem para o céo.

FELICIO.

Algum cometa, talvez?

RODRIGO.

Disso ha tambem cá pela terra.

SUZANO.

Nada; não era.

FELICIO.

Então o que era?

SUZANO.

Uma estrella muito brilhante que está pendurada em uma das pontas da lua.

RODRIGO.

E' que a lua foi a algum casamento, e pôz na orelha esse brinco de brilhante.

FELICIO.

Sim, eu ouvi tambem fallar nisso na rua, mas não fiz caso.

SUZANO.

Oh! Sr. Felicio! não fez caso? pois olhe, eu estou admiradissimo: desde que me entendo, é a primeira vez que tal vejo.

RODRIGO.

Pois a folhinha não deu aviso?

FELICIO.

Sim, a folhinha ha de fallar nisso.

SUZANO.

Não diz cousa nenhuma: eu a leio todas as noites para prevenir-me de qualquer mudança astronomica.

RODRIGO, (*áparte*)

O homem fica doudo.

SCENA V.

OS PRECEDENTES E PERPETUA.

PERPETUA.

Oh! por cá, Sr. Felicio? não sabia.

FELICIO, (*comprimentando*).

Minha senhora.

PERPETUA, (*a Rodrigo*).

Ora não sabe, compadre? daquelle par de bichas de brilhantes com que hontem sahi, perdeu-se uma, e por mais que tenha procurado, não é possivel achal-o.

RODRIGO.

Pois socegue, que eu sei onde está.

PERPETUA.

Onde, onde está?

RODRIGO.

Está na orelha da lua.

FELICIO.

Bem apanhada!

PERPETUA.

Deixe-se de cassoadas.

SUZANO, (*para Perpetua*).

E' verdade, já viste hoje a lua como está?

PERPETUA.

Sr. Suzano, por quem é, não me desespere; já o senhor começa....

RODRIGO.

E' exacto, comadre; está na orelha da lua; ao menos o compadre quando entrou foi a noticia que nos trouxe.

FELICIO.

Minha senhora, porque não manda saber em casa da sua visinha no 2º sobrado? (*áparte*) Talvez com este insulto se mude uma das duas.

PERPETUA.

Se eu duvido.... Mas Deos me livre; ella era capaz até de incendiar-me a casa.

FELICIO, (*assustado*).

Então, não; não mande saber cousa alguma.

SUZANO.

Eu vou outra vez observar o phenomeno, que é curioso; senhor Felicio não me demoro mais que um instante; tenha a boudade de esperar-me um momento.

FELICIO.

Não, eu vou tambem agora á sua visinha; talvez na volta chegue ainda cá.

SUZANO.

Então até já.

FELICIO.

Atéjá; (*despedindo-se*) minha senhora, Sr. Alferes, até logo (*vai-se*).

SCENA VI.

OS PRECEDENTES, MENOS FELICIO.

SUZANO (*para Perpetua*).

Então não quer ver a lua?

PERPETUA.

No mundo da lua parace-me que está o senhor.

RODRIGO (*á parte*).

Oh! si está!

SUZANO.

Compadre, vamos, vamos ver a lua.

RODRIGO.

Ella si quizer que venha cá, que eu daqui não me abalo agora.

SUZANO.

Decididamente não ha gosto pela Astronomia.

RODRIGO.

Inda si ella jogasse o voltarete; mas mesmo assim faltava um parceiro.

PERPETUA (*que durante estas fallas tem estado a pensar na perda do brinco*).

Ora quem me furtaria o brinco?....

RODRIGO.

Foi a lua.

PERPETUA.

Compadre, não leve o caso de gracejo.

SUZANO (*que tem estado com o dedo na testa, como quem medita.*

Ah! quem sabe?! emfim, hei de pensar: (*a Rodrigo*) Compadre, eu vou observar a lua.

RODRIGO.

Que lhe faça bom proveito (*vai-se Suzano*).

SCENA VII.

RODRIGO E PERPETUA.

PERPETUA.

Este homem é de fazer exasperar um santo.

RODRIGO.

Não é tanto assim, Comadre: elle o que quer é que todos tenhão a mesma paixão que elle tem.

PERPETUA.

Nem parece deste mundo: nada lhe importa do que vai por casa: vejão si elle pensou alguma vez no desarranjo que nos fez o ter a menina deixado de cazar-se com o Dr. Carlos!

RODRIGO.

A proposito: ella ainda está esperando pela vinda de D. Sebastião.

PERPETUA.

Parece estar um pouco resignada; porém preciso ainda convencêl-a mais.

RODRIGO.

Eu não lhe disse? vendo outro boneco, deixa de chorar.

PERPETUA.

O peior não é isso.

RODRIGO.

Então, mais alguma novidade.

PERPETUA.

E' que o Alfredo ha dois dias que não apparece.

RODRIGO.

Mau ! teria quebrado ? E eu que não vi, e nem conheço ainda esse Sr. Alfredo!....

PERPETUA.

Pois já ha perto de 20 dias que começarão as nossas relações.

RODRIGO.

E' justamente o tempo que estive de cama com o meu achaque.

PERPETUA.

Não sei se estará doente: e agora é que elle devia ser mais assiduo.

RODRIGO.

Deixe estar que ha de apparecer. O que a comadre deve fazer é não deixar a menina estar a lembrar-se do Doutor: este cá é do commercio, é negocio mais firme.

PERPETUA.

Sim; eu vou agora ver tambem si converso com seu compadre.

RODRIGO.

Agora está elle com todos os 5 sentidos na lua.

PERPETUA.

E fazer-lhe ver que isto assim não vai bem; que é necessario que a Eulalia tome estado.

RODRIGO.

Apoiado (*vai-se Perpetua*).

SCENA VIII.

RODRIGO (*só*).

Tomára ver esta menina casada! Coitadinha! muito se amofina com as bernardas, que ha todos os dias em casa. O que nos vale é a distracção das visitas do Sr. Felicio. Que homem!.... não falha um só dia, e leva a reparar para as paredes, para as portas, para os tectos!.... nunca vi dono de casa mais implicante. E a tal cantiga da mudança?! O mesmo que elle nos diz da visinha, diz de nós em casa della: não é mal lembrado o meio de esvasiar o prédio para alugal-o por mais alguns mil réis!.... Nessa classe de proprietarios ha alguns.... Já morei, ha muitos annos, em uma casa, cujo dono tinha uma pontualidade espantosa.... era mais facil o sol deixar de apparecer no nascente do que o portador com o recibo no dia do vencimento, e de madrugada!.... Tambem tinha o gostinho de estar sempre com inquilinos novos tres e quatro vezes por anno. — Mas ainda as visitas do Sr. Felicio, vá feito; é o dono da casa, e dá-se com o compadre; mas o badameco do seu filho Pamplona!.... Isso é que é um pelintra, que aqui não devia entrar: e que liberdades que elle toma?!.... Eu bem sei quaes são as tenções do maroto!.... mas felizmente a Eulalia tem juizo. (*Ouve-se Pamplona cantarolar um pedaço de uma opera italiana qualquer*). Oh! ainda vem elle subindo.

SCENA IX.

O PRECEDENTE E PAMPLONA (*vestido no rigor da moda; é um perfeito janota; tem bigodes grandes, muito penteados, e com as pontas faz dous anneis*, pince-nez *quasi sempre no nariz, charuto, luvas de pellica, etc.*)

PAMPLONA (*antes de entrar cantarola um pedacinho de uma opera italiana*).

Bon soir. Sr. Brigadeiro.

RODRIGO.

Alto lá, camarada! Sou Alferes reformado, e tenho nisso muita honra.

PAMPLONA.

C'est la même chose.

RODRIGO.

Homem, falle que se entenda; não ha lingua como a nossa.

PAMPLONA.

Ah! você não entende francez, é do seculo passado.

RODRIGO (*aparte*).

Você?! que desafôro! (*alto*) Um homem desta idade.

PAMPLONA (*atalhando*).

Já podia ser Brigadeiro.

RODRIGO.

Não era isso que eu ia dizer; porém, serve: podia, sim; mas é que os Brigadeiros antigamente não se fazião do pé p'ra a mão, como alguns que eu conheço agora.

PAMPLONA.

Pois olhe, se eu cahisse na asneira de ser militar era logo ao que aspirava.

RODRIGO.

Não duvido; pelos bigodes podia até ser marechal do Exercito.

PAMPLONA (*pegando com mimo nos bigodes*).

Então, gostou desta galhardia? E' para que veja: acabei agora mesmo de passar-lhe a bandoline.

RODRIGO.

Como? o senhor toca bandolim?

PAMPLONA, (*rindo-se e a parte*).

Não sabe o que vai pelo mundo (*alto*). Bandoline é uma agua gommosa e cheirosa, que segura os cabellos da cabeça, e os bigodes: já vejo que nunca teve no seu tocador um vidro de bandoline.

RODRIGO.

Cá no mau baralho não ha d'esse naipe.

PAMPLONA.

Nem isso é de admirar: ora, diga-me, que tal acha este penteado a Montmorency? (*mostrando o cabello*).

RODRIGO, (*áparte*)

Temos outra (*alto*) Repito-lhe que não o entendo: o senhor parece-me uma moça; eu na sua aidade nunca me occupei com essas asneiras.

PAMPLONA.

Pois olhe; sente-se um pouco (*Rodrigo senta-se com muita paxorra*).

RODRIGO, (*áparte, depois de sentado*).

Vamos aos disparates.

PAMPLONA.

Vou dizer-lhe como aproveito perfeitamente o meu tempo neste impagavel Rio de Janeiro.

RODRIGO, (*áparte*).

Isso ha de ser bello.

PAMPLONA.

Acordo ás 10 horas.

RODRIGO.

A's 10 horas do dia?!

PAMPLONA.

Sim; ás 10 horas do dia; pois queria que fosse ás 10 horas da noite?

RODRIGO, (*áparte*).

Safa!

PAMPLONA.

Tomo o chocolate na cama; faço a barba....

RODRIGO, (*pondo-lhe uma enorme luneta*).

Pois já a tem?!

PAMPLONA.

Penteio-me, mando o criado estender os pares de calças para escolher.

RODRIGO.

E todo os dias um par de calças?

PAMPLONA.

Está claro: aqui está que esta (*pegando na calça*) não sahiu a meu gosto.

RODRIGO, (*áparte*).

Ah! bom recrutamento!....

PAMPLONA.

Escolho depois os sapatos....

RODRIGO.

Pois até os sapatos?

PAMPLONA.

Então ? hei de sahir, por exemplo, em dia de chuva com sapatos de sola fina ? depois mando o criado vestir-me.

RODRIGO, (*áparte*).

Tem rasão, as crenaças precisão de quem as vista.

PAMPLONA.

Pégo n'um havana bem perfumado.

RODRIGO.

Eu cá é que não deixo o cigarro ; aproposito, dê-me cá o fogo. (*Pamplona dá-lhe o charuto; Rodrigo accende o cigarro, e cheirando a mão depois de entregar-lhe o charuto pergunta-lhe*). Este cheiro de cobra não lhe faz mal ao peito ?

PAMPLONA.

Esse aroma que sentiu, é porque guardo os charutos em uma caixa, onde tenho o patchuly, e o bouquet de l'imperatrice.

RODRIGO, (*áparte*).

Cada vez o entendo menos ; (*alto*) mas.... continuando : depois de pegar no seu havana bem perfumado.

PAMPLONA.

E depois de bem almoçado, mando vir a minha victoria.

RODRIGO.

E' alguma sua escrava ? !

PAMPLONA.

O senhor parece que não vive n'este mundo! Victorias são estes carrinhos modernos de quatro rodas puxados por um animal.

RODRIGO.

Ah! um animal!.... E p'ra onde vai?

PAMPLONA.

Direitinho para a rua do Ouvidor.

RODRIGO.

E ahi....

PAMPLONA.

Paro no Desmarais, ou no Bernardo; vou depois ao Wallerstein; ao meio dia sigo com a rapaziada para comer doce e tomar sorvete no Carceller: ahi discute-se....

RODRIGO.

Sobre....

PAMRLONA.

Diversas cousas de importancia.

RODRIGO.

A guerra da Polonia, a questão italiana....

PAMPLONA.

Nada, nada d'isso; por exemplo, sobre o merito das cantoras que tem de chegar no paquete proximo.

RODRIGO, (*meio irritado*).

Isso é uma vida de vadio!

PAMPLONA, (*impertigando-se*).

Ora não seja esturrado. Então quem discute sobre o progresso de seu paiz é vadio?

RODRIGO.

Basta, já não está aqui quem fallou: vamos ao resto.

PAMPLONA.

Dou uma chegada ao dentista.

RODRIGO.

Pois padece dos dentes?

PAMPLONA.

Nunca soffri; mas vou para que elle os examine, e veja o effeito do sozodonto, e de outros pós de que uso. Aproposito; (*tira uma caixinha da algibeira e offerece a Rodrigo*).

RODRIGO.

O que é isto? (*não aceita as pastilhas*).

PAMPLONA.

São pastilhas para tirar o cheiro do fumo.

RODRIGO, (*nada mais faz do que benzer-se pondo a mão aberta primeiro sobre a testa, depois sobre o ventre, depois sobre o hombro esquerdo, e dahi passando ao hombro direito*).

PAMPLONA.

A's 5 horas vou jantar no hotel da Europa.

RODRIGO.

E sempre com boa disposição ?

PAMPLONA.

Nem sempre: o meu alimento diario é sopa á juliane, croquet de gallinha; o vinho, Chateau-Margaux ou Chateaux-Lafitte; no dessért ommelléte sofflée e o excellente gateau à la Reine.

RODRIGO, (*áparte*).

Gatos e rãas! safa! que porcarias se dão por ahi a comer ! (*alto*) Então já não se usa mais a bella sopa de macarrão com o bom paio, a boa carne cosida com seus pertences, a feijoada com cabeça de porco, o lombo de Minas assado de espeto, e o excellente vinho velho do Porto para rebater esta bateria toda ?

PAMPLONA.

Isso não são comidas para estes hoteis, são antigualhas.

RODRIGO.

Deos nunca me falte com ellas: porém continue, con-

tinue; estou gostando de ouvil-o; com que, depois de jantar....

PAMPLONA.

Vou para casa; mudo de roupa.

RODRIGO.

Outra muda? Ha mais variedade que no voltarete.

PAMPLONA.

Está claro: ha trastes proprios para cada solemnidade.

RODRIGO.

Quem mais vive, mais aprende.

PAMPLONA.

Tomo o binoculo, metto-me no coupé, e vou para o lyrico: ahi gosão-se das delicias de um paraiso; depois volto e deito-me moido.

RODRIGO.

Do grande trabalho, já se vê.

PAMPLONV.

Quando passo melhor, é se passeio á tarde no meu cavallo do cabo.

RODRIGO.

Mas já que o senhor tem-me dito tanta cousa, diga-me ainda mais, porque é que tem sempre a cabeça meio voltada para traz?

PAMPLONA.

Isso é pelo habito de trazer este pince-nez (*n'esta occasião colloca o pince-nez*).

RODRIGO, (*pondo-lhe a enorme luneta*).

Com effeito! havia de jurar que esses oculos erão os da minha defunta, que os punha com tanta graça quando se ia sentar á almofada para bulir com os bilros!

PAMPLONA.

Pois saiba que é o que ha de mais moderno.

RODRIGO.

Porém aposto que contando-me o senhor tantas façanhas não joga o voltarete?

PAMPLONA.

Eu cá só gosto do lansquenet, e quando me queimo, passo ao ecarté.

RODRIGO.

Isso é um pacau francez: então não sabe fazer um só, nem um volte segundo, nem....

PAMPLONA.

Nem mesmo ir á casca.

RODRIGO, (*áparte*).

A' casca precisava elle que lhe fossem.

PAMPLONA.

Meu amigo, a rapaziada do bom tom é o que joga; e hoje até mesmo os da sua idade.

RODRIGO.

Não duvido; que os ha ainda peiores que muitos cabecinhas de vento que eu cá conheço.

PAMPLONA.

Quer o senhor ver como se arranja um massête, e passa-se assim uma meia duzia de doublés?

RODRIGO.

Nada, nada; não me metto nessa arriosca; já vejo que o senhor está com a sua educação perfeitamente acabada.

PAMPLONA.

Mas para dar-lhe a ultima de mão, pretendo para o anno fazer uma viagem a Europa.

RODRIGO.

Para então ficar com privilegio de rapé viajado.

PAMPLONA.

Ah! Paris! Paris! tu és o meu sonho.

RODRIGO.

Pois realise-o; nada mais facil: *peça licença, faça-se em ouros; (esfregando um outro o rollegar e o indica-*

dor) *o baralho está nas mãos do papai; arranje uma boa compra*; mas sentido, *que não perca a mão* (*com intenção*) ou mesmo a cabeça.

PAMPLONA.

Ora deixe-se d'esse mania de voltarete; vamos a saber: (*em tom de cassoada*) quer o senhor ir hoje comigo ao concerto de Mademoiselle Maxiziloff?

RODRIGO.

Concerto de maxixe e giló?

PAMPLONA.

Estou perdendo o meu tempo.

RODRIGO.

Que é precioso!

PAMPLONA.

Isto é o nome de uma artista russa.

RODRIGO.

A artista está russa? é por isso então que precisa de concerto.

SCENA X.

OS PRECEDENTES E EULALIA.

EULALIA, (*áparte*)

Se soubesse que estava aqui este sujeito, não vinha á sala. (*alto*) Boa noite Sr. Pamplona.

PAMPLONA, (*com affectação*).

Minha senhora, como passa V. Ex. (*Eulalia responde por um simples movimento de cabeça*).

EULALIA, (*para Rodrigo*).

Sr. alferes papai tornou a sahir?

RODRIGO.

Não, foi lá para dentro; e eu tambem estava me dispondo a ir, quando aqui chegou o Sr. Pamplona, e esteve a contar-me os seus trabalhos de cada dia, que é um louvar a Deos.

PAMPLONA.

E aposto que lhe fiz vir agua á boca?

RODRIGO, (*áparte*).

De nojo. (*alto*) Oh! pois não! mas si eu tivesse ainda filho vivo, qor certo que o senhor e outros de sua tempera não lhe havião de por o olho em cima.

PAMPLONA.

O senher insulta-me? (*querendo brigar*).

RODRIGO, (*áparte*).

Ai! que é espadanchim! (*alto*) Eu só ralha ás vezes com as crianças.

PAMPLONA, (*olhando para Eulalia*).

Se não fosse respsitar esta bellesa....

EULALIA, (*áparte*).

Que bobo !

RODRIGO.

Nada de dar o cavaco, (*áparte*) Não tem trunfo para cortar esta vasa. (*olhando para a bengala de canna da India em que anda arrimado*).

PAMPLONA, (*a Eulalia*).

V. Ex. ha de perdoar-me este excesso....

RODRIGO.

Somos amigos ; isto é só por brincar.

PAMPLONA, (*com tom de amigo*).

Mas o senhor ia-me fazendo ficar fóra de mim.

EULALIA.

Sr. Pamplona dê-me licença. (*indo retirar-se*).

PAMPLONA, (*chegando-se para junto d'ella*)

Por quem é, minha senhora, mais um momento ; sabe que.... (*N'este momento escurece repentinamente todo o scenario; quando Pamplona tem-se aproximado de Eulalia, Rodrigo tambem se aproxima dos dous, e colloca-se de modo, que quando escurece elle atravessa a bengala entre Pamplona e Eulalia*).

RODRIGO, (*gritando apenas escurece*).

O gaz virou lamparina ! tragão velas ! tragão velas.

EULALIA, (*correndo para dentro*).

Eu vou mandar trazer velas. (*sai Eulalia*).

PAMPLONA, (*querendo seguir Eulalia tropeça na bengala que Rodrigo atravessa entre os dous e cai.*)

Ora ainda mais esta! Sr. alferes, que diabo é isto?

RODRIGO.

Não é nada; é um cordão sanitario que estabeleci.

SCENA XI.

RODRIGO, PAMPLONA E SUZANO (*que vem de dentro com duas velas accesas: quando Suzano entra, Rodrigo deve ainda ter a bengala na mesma posição em que estava quando escureceu*).

SUZANO.

Foi um eclipse total! (*ao ver Pamplona*). Sr. Pamplona, como passa?

PAMPLONA.

Como quem acaba de dar uma queda agora na sua sala.

SUZANO.

Então, por que?

RODRIGO.

Por causa do eclipse; eu ficando ás escuras, perco o tino: estava tacteando com a bengala, quando o Sr. Pamplona, que julgo tambem ter perdido o tino, abalroou e foi de ventas.

SUZANO.

Que cataclysma! Pois peço-lhe perdão, que o culpado de tudo isto fui eu.

RODRIGO, (*áparte*).

Já me estava parecendo.

PAMPLONA.

Como assim?

SUZANO.

Tenho imaginado fazer uma certa modificação no gaz que ha algum tempo para cá não me dá boa luz.

RODRIGO.

Compadre, olhe que essas experiencias podem dar em alguma.

SUZANO.

Eu tambem entendo o meu bocadinho de chimica.

PAMPLONA.

Então, qual é a experiencia?

SUZANO.

Despejar toda agua do registro, e enchel-o de espirito de vinho.

SCENA XII.

PERPETUA, EULALIA, (*e muitas outras vozes gritando do interior*).

Fogo! Fogo! está pegando fogo!

RODRIGO, (*assustado*).

Eu não disse, compadre?

SUZANO, (*assustado*).

Compadre, mande chamar as bombas.

(*As mesmas vozes gritando de dentro: Fogo, fogo accudam!*)

PAMPLONA.

Vou atirar-me ás chammas p'ra salvar aquelle anjo (*querendo ir para dentro*).

RODRIGO, (*empurrando-o para fóra*).

Vá chamar a bomba, ande; vá, homem dos diabos, vá tocar a bomba!

SUZANO. (*muito assustado*).

A bomba, a bomba! toca o sino! toca o sino! (*Todos tres correm para dentro assustados e cai o panno*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

A mesma vista do 1º acto.

SCENA 1.

EULALIA, *só.*

Não sei quando me hei de ver livre destas brigas: tambem mamai já sabe do genio de papai, e não se emenda, contradizendo-o em tudo, e por tudo. O que mais sinto é que sou eu sempre ou quasi sempre o objecto da questão. Mas o culpado de tudo isto é o Sr. Felicio: capitalista, proprietario, e por tanto levando uma vida de vadio! Como é dono deste grande predio, visita-o todos os dias tanto no 1º como no 2º andar: e de mais esta pessima visinhança, que occupa o segundo sobrado.... Já agora parece-me que casarei mesmo com esse Alfredo: porque do meu Carlos perdi quasi a esperança: ha perto de anno e meio que partio para o Rio Grande, e nada de voltar: entretanto disse-me que ia fazer a defeza de um rèo, e que quando voltasse, casaria comigo, jurou-me até pelas cinzas de seu pai.

SCENA II.

A MESMA, SUZANO, E PERPETUA.

Você sabe que tenho esta visinha atravessada ; e porque vai pôr-se de conversa com ella ?

SUZANO.

A visinha é muito boa senhora : deixe-se de prevenções.

PERPETUA.

E' optima ; pois não ! Mas vamos, o que fazia o Senhor todo entretido com uma caixa na mão, e com acenos p'raqui e p'ra ali ?

SUZANO.

Senhora, você entende de astronomia ?

PERPETUA.

Ahi vem o Senhor com asneiras.

SDZANO.

Isso agora é que é uma asneira.

EULALIA (*á parte*).

Começa a bulha.

PERPETUA.

Eu ficò santa, si já não estou : é preciso tel muita paciencia para atural-o.

EULALIA (*á Perpetua*).

Mamai, não diga nada.

PERPETUA.

Sr. Suzano, ou diga o que estava fazendo com aquella caixa a conversar com esta visinha do Diabo....

SUZANO (*atalhando*).

Olhe, que é sua visinha.

PERPETUA.

Ou eu....

EULALIA.

Mamai....

SUZANO.

Eu estava explicando-lhe o eclipse do sol.

PERPETUA.

E o que era aquella caixinha ?

SUZANO.

Era uma agulha de marear.

SCENA III.

OS PRECEDENTES E FELICIO.

FELICIO.

Ora Deus esteja nesta casa.

EULALIA (*á parte*).

Eu me retiro, que não gosto deste homem (*vai-se*))

SUZANO.

Ora entre, amigo e Sr. Felicio.

FELICIO (*á Perpetua*).

Minha Senhora....

PERPETUA.

Adeos, Sr. Felicio· foi uma fortuna o Senhor chegar.

FELICIO.

Então, porque, minha Senhora?

SUZANO (*á parte*).

Ahi vem alguma.

PERPETUA.

Amanheci hoje....

SUZANO (*á parte*).

Com o diabo no corpo.

FELICIO.

Indisposta, talvez?

PERPETUA.

Indisposta, sim, indisposta.

SUZANO (*á Perpetua*).

Mas Senhora, si estava indisposta, porque não me disse? eu tenho a caixinha.

PERPETUA.

Já vem a historia da caixinha?....

FELICIO.

Mas que historia?

SUZANO.

E' a caixinha das pilulas do Dr. Allan; são muito boas pilulas para os ataques hystericos e outros incommodos.

FELICIO.

Então, porque não tomou, minha Senhora?

PERPETUA.

Ora, Sr. Felicio, tambem o Senhor?

FELICIO.

O que, minha Senhora? estou no ar!

SUZANO.

Meu amigo, eu lhe explico: esta Senhora tem uma negação completa para a Astronomia.

PERPETUA.

Homem, porquem é, cale-se, que eu....

FELICIO.

Não é possivel entendel-os.

SUZANO.

Não é possivel; tem toda a razão.

PERPETUA.

Sr. Felicio, logo conversaremos; estou agora com dôr de cabeça.

SUZANO.

Senhora, tome as pilulas: olhe que eu tenho tirado muito proveito.

PERPETUA (*retirando-se e olhando furiosa para o marido*).

Logo conversaremos, Sr. Felicio (*sahe Perpetua*).

SCENA IV.

SUZANO E FELICIO.

SUZANO.

Meu amigo, o senhor é quasi de casa; por isso não repara nestas cousas: esta senhora se tomasse as pilulas, talvez mudasse de genio.

FELICIO.

Sim, talvez. Mas a historia da caixinha é que....

SUZANO.

Era uma agulha de marear, com que eu estava explicando um eclipse do sol á nossa visinha D. Thomasia.

FELICIO (*áparte*).

Esta p'ra mim é nova! (*alto*) Pois só por isso?

SUZANO.

Só por isso. Não é a primeira vez que ella levanta esta poeira toda.

FELICIO.

Tem um genio singular!

SUZANO.

Muito singular. Olhe; uma vez estava eu aqui conversando com o tenente Jacintho, e fallei n'um chronometro, com que se avistavão, e reconhecião, a duas leguas, as pessoas, e todos os objectos: pois foi bastante isto para excitar-lhe a bile.

FELICIO.

Mas um chronometro?....

SUZANO.

Sim, senhor; um chronometro excellente.

FELICIO (*áparte*).

Safa! que disparate!

SUZANO.

E' por qualquer couzinha: elle o que não quer é que eu falle, como se eu dissesse um só disparate.

FELICIO (*á parte*).

Não diz um só; mas um milhão (*alto*). Porém tornando á agulha de marear, como pôde observar o eclipse?

SUZANO.

Não foi possivel observar bem, porque nessa occasião o dia escureceu, e quando eu acendi um phosphoro e pedi véla, já o sol tinha atravessado a lua.

FELICIO.

Mas então o melhor é não fallar mais sobre este assumpto á Sra. D. Perpetua.

SUZANO.

Já não lhe fallo; porque esteve quasi uma vez a desquitar-se, porque durante um mez inteiro eu acordava ás 4 horas da manhã para irmos vêr os planetas da madrugada.

FELICIO.

Pelo chronometro?....

SUZANO.

Não; simplesmente olhar, e eu lhe dizia os nomes.

SCENA V.

OS PRECEDENTES, E D. THOMASIA.

THOMASIA.

Dá-me licença, Sr. Suzano?

SUZANO.

Pois não, minha senhora e visinha.

THOMASIA (*depois de comprimentar tambem a Felicio.*)

Ha de me desculpar, Sr. Suzano, que sendo esta a primeira vez que aqui venho, morando visinha ha seis mezes, seja para tratar de um negocio de circunstancia, que diz respeito á sua casa.

SUZANO.

Ainda sobre o eclipse, minha senhora?

FELICIO (*á parte*).

Que pergunta, meu Deos!

THOMASIA.

Não, Sr. Suzano: é cousa muito mais seria.

SUZANO.

Talvez sobre aquella estrella pegada na lua.

THOMASIA.

Perdôe-me, Sr. Suzano; são cousas, que chocão o melindre de uma familia.

FELICIO.

Oh! isso é negocio grave.

SUZANO.

De certo; é negocio grave. Então vou chamar minha mulher, e....

THOMASIA.

Não sei o que será melhor, Sr. Suzano.

SUZANO.

E' melhor; eu vou chamal-a. (*Sahe*).

SCENA VI.

THOMASIA E FELICIO.

THOMASIA.

Este homem ou é doudo, ou finge que o é; mas a sua senhora....

FELICIO.

Oh! isso é insupportavel! inda ha pouco disse aqui cousas da senhora....

THOMASIA.

Sim, Sr. Felicio? E o senhor não repellio?

FELICIO.

Immediatamente; tanto que ella foi logo se retirando.

THOMASIA.

Isto é a peior visinhança que tenho tido: eu hoje esgano-a; mas o que disse ella?

FELICIO.

A questão toda é por causa da Sra. D. Gabriella, sua filha.

THOMASIA.

Ah! não ser eu homem!.... que havia de ensinal-a.

FELICIO.

Acho mais prudente que se mude.

THOMASIA.

Eu? está enganado: ella é que ha de mudar-se: essa era boa! hei de deixar que a senhora minha visinha procure desviar todos os que se apresentão como pretendentes de minha filha? Só a sua Eulaliazinha é que é digna de casar-se?! não está má?!....

SCENV VII.

OS PRECEDENTES E SUZANO.

SUZANO.

A senhora acabou agora mesmo de tomar uma pilula, e engasgou-se de modo que tendo-lhe ficado a pilula atravessada na garganta, não póde ter o gosto de lhe fallar.

FELICIO (*áparte*).

Esta pilula é que me fica sem ser engolida.

THOMASIA.

Tambem eu tenho uma espinha....

SUZANO.

Uma espinha atravessada?

THOMASIA.

Sim, senhor; mas o Chefe de Policia é que ha de....

FELICIO (*áparte*).

Ai! que é agora!

SUZANO.

Ora, eu desejaria....

THOMASIA (*atalhando*).

Sr. Suzano, já vejo que nada faço aqui.

SUZANO.

Essa é boa, minha senhora; podemo-nos entreter em alguma cousa: joga o solo, não?

THOMASIA.

Não é possivel; só tenho de prevenil-o de que algum desgosto....

FELICIO (*aparte*).

O negocio está feio!

SUZANO.

Nenhum desgosto, minha senhora; antes com todo o gosto....

THOMASIA (*aparte*).

Não ha segundo! (*alto*) Sr. Suzano, eu voltarei em outra occasião.

SUZANO.

Aqui sempre, minha senhora, ao seu dispôr; todas as vezes que nos quizer honrar teremos muito prazer.

THOMASIA.

A's suas ordens (*para Suzano*). Sr. Felicio (*comprimentando á Felicio*).

SCENA VIII.

FELICIO E SUZANO.

FELICIO.

A sua visinha está com más tenções.

SUZANO.

Pois olhe, não percebi; suppuz que estava um pouco acanhada.

FELICIO.

Isso é extraordinario! pois eu achei-lhe um desembaraço espantoso.

SUZANO.

E' verdade; tambem não deixei de notar um certo desembaraço naquelle mesmo acanhamento.

FELICIO (*á parte*).

Vamos de mal a peor.

SUZANO.

Mas, meu amigo já que estamos sós, eu desejava ouvil-o sobre um negocio.

FELICIO.

Bem sabe que sou amigo, e de segredo: direi a minha opinião com toda a franqueza.

SUZANO.

Isso mesmo é que eu desejo. Olhe: cá com a senhora é que eu devia entender-me; mas ella está sempre disposta a contrariar-me.

FELICIO.

Sim, sim; é melhor não provocar discussão: então é sobre? ...,

SUZANO.

O casamento de minha Eulalia.

FELICIO.

Oh! isso é negocio de todo o segredo.

SUZANO.

Não é tanto assim; porque a menina sabe.

FELICIO.

Valha-me Deos! o segredo não é para ella. Mas apresenta-se algum pretendente?

SUZANO.

Mais de um.

FELICIO.

Melhor; tem o senhor e ella onde escolherem.

SUZANO.

Mas a senhora quer justamente aquelle que eu não desejo.

FELICIO.

Ora isso é admiravel! pois até sobre esse ponto discordão?

SUZANO.

E' uma discordancia total.

FELICIO.

Já sei quaes são os pretendentes; um chama-se Alfredo e o outro Jacintho.

SUZANO.

Homem, o senhor é de uma perspicacia!....

FELICIO.

Meu amigo, tenho muita finura. Pois então saiba que o Alfredo pedio a mão de D. Gabriella, filha d'esta sua visinha D. Thomasia.

SUZANO.

Que me diz?!

FELICIO.

A pura verdade.

SUZANO.

E esta! Bem me advinhava o coração, que nehuma inclinação tenho pelo tal Sr. Alfredo, posto que não o conheça ainda.

SCENA IX.

OS PRECEDENTES E PERPETUA.

PERPETUA.

Ora, graças a Deos, que já se retirou esta furia! que queria aqui semelhante jararáca?! Sr. Felicio, já viu o senhor um dia tão cheio de contrariedades?....

FELICIO.

Minha senhora, esta visinha é pessima ; acho mais prudente que se mudem ; porque isto assim é um tormento.

SUZANO.

Eu tambem sou da sua opinião.

PERPETUA.

Mudar-me ? quem ? eu ? essa não é má ! Então por causa desta vibora,de sua esganiçada filha hei de deixar os meus commodos ? isso éo que ella quer ; mas está enganada : o chefe de policia é quem me ha de vingar.

FELICIO, (*áparte*).

São gemeas; não podem parecer-se mais.

SUZANO.

Sim, a mudança não é conveniente : da janella do meu quarto vejo o sol nascer, e o planeta Venus; e nem todas as casas terão essa vantagem.

PERPETUA.

Sr. Suzano, precisamos acabar com isto.

SUZANO.

Com que ? com o planeta Venus ?

FELICIO, (*áparte*).

E' um theatro completo.

PERPETUA.

Não me diga disparates....

SUZANO, (*para Felicio*).

Eu não disse? fallei em astronomia....

PERPETUA.

A Eulalia ha de casar-se por força com o Alfredo.

SUZANO.

Concordo.

FELICIO, (*baixo a Suzano*).

Olhe o que está dizendo.

SUZANO.

Enganei-me, não concordo.

PERPETUA.

Não concorda? eu lhe direi. Sr. Felicio, o senhor conhece o Alfredo, não?

FELICIO.

De vista, minha senhora.

PERPETUA.

E o que acha?

FELICIO.

São cousas, em que não me devo intrometter.

SUZANO.

Apoiado: sou tambem da sua opinião.

PERPETUA.

A menina não lhe é inteiramente opposta, e elle a estima: é um rapaz que está no commercio, e póde ainda um dia ser bastante rico.

FELICIO.

Quem sabe, minha senhora?! Mas emfim, póde ser.

SUZANO.

Apoiado; sou da sua opinião.

PERPETUA.

Entretanto que ha outro pretendente.

FELICIO.

Outro pretendente?

SUZANO.

Sim, pois eu não....

FELICIO, (*áparte*).

Isto só pelo diabo!

PERPETUA.

Pois o Sr. Suzano fallou-lhe n'isto?

FELICIO.

Não; minha senhora, tencionava fallar-me quando fomos interrompidos pela sua chegada.

SUZANO.

E' exacto: a senhora veio nos eclipsar.

PERPETUA.

O Alfredo já a pedio por uma carta.

SUZANO.

Mas eu não vi essa carta.

PERPETUA.

Recebi eu, que é o mesmo.

SUZANO.

Pois a senhora é o mesmo que eu ?

FELICIO, (*áparte*).

Isto está excellente.

PERPETUA.

E já respondi consentindo.

SUZANO.

Pois eu não consinto; a menina ha de casar-se com o tenente Jacintho.

PERPETUA.

Um tenente ? !

FELICIO.

Mas perdão, meu amigo; não sei se está informado de que o tenente Jacintho está na terceira classe ?

SUZANO.

Sei, sim senhor; e eu animei-o muito ainda uma d'estas noites, em que elle aqui esteve se lamentando: fiz-lhe ver que era moço, que si estava na terceira classe, passaria depois á quarta, mais tarde á quinta, depois á sexta; que poderia chegar a ser mesmo um valente general; e finalmente lembrei-lhe o exemplo do grande Napoleão, que tambem principiou por tenente; em uma palavra, convenci-o de que elle seria qual outro Bonaparte, e até com toda franqueza dissse-lhe que teria muito gosto em ser o sogro de Napoleão, dando-lhe assim a entender as minhas intenções.

FELICIO, (*á parte*).

Só visto se póde crêr! (*alto*) Bem, bem, o senhor é dono de sua vontade.

PERPETUA. (*durante toda a falla Suzano faz gestos de raiva*).

Acabou de fallar ? Pois saiba que já respondi ao Alfredo dizendo que tinhamos muito gosto em ter por genro um moço de tão boas qualidades; e por isso precisamos de ver os arranjos para o casamento: eu vou apromptar-me para sahir, e o senhor tambem que tem de acompanhar-me: (*para Felicio*) Sr. Felicio ha de me dar licença. (*vai-se retirando*).

FELICIO.

Pois não, minha senhora. (*para Suzano*) Eu tambem vou dar uma volta, e depois aparecerei para gosar a sua companhia

SUZANO.

Então, até ao depois, Sr. Felicio. (*sai Felicio.*)

SCENA X.

SUZANO E EULALIA.

EULALIA, (*correndo para a scena muito contente, e com o jornal do commercio na mão.*)

Papai, o Dr. Carlos chegou no vapor do sul.

SAZANO, (*sem ter percebido*).

Que dizes, menina ? ha vapores para o lado do sul ? então, é temporal do sudoéste.

EULALIA.

Não senhor, é o Dr. Carlos.

SUZANO, (*ainda preocupado*).

Manda-o entrar; manda-o entrar. (*em outro tom*) Eu esperava hoje pelo sudoeste.

EULALIA.

Não, senhor, elle não está ahi.

SUZANO.

Não te posso entender: é o Dr. Carlos, o Dr. Carlos não está ahi, que embrulhada é esta ?

EULALIA.

Eu li o nome delle na lista dos passageiros que vierão hontem no vapor do sul.

SUZANO.

Ah!.... agora foi que percebi ; mas então o que temos nós com isso ?

EULALIA.

E' que.... eu vim.... eu vim só dar esta noticia.

SUZANO.

Está bem, está bem, fico sciente. Agora vai-te vestir, que vamos sahir com tua mãi para veres alguns arranjos.

EULALIA, (*fingindo-se doente*).

Ai! que dôr ! meu Deos ! ai ! ai !

SUZANO, (*assustado*).

Que é isso ? que tens, menina ?

EULALIA, (*gritando cada vez mais*).

Ai ! ai ! quem me acode ! que dôr ! (*pondo sempre a mão do lado do peito*) meu Deos, eu morro !!

SCENA XI.

OS PRECEDENTES E PERPETUA (*que vem de dentro muito assustada e a correr*).

PERPETUA.

O que foi? o que foi? Menina, o que é isso?

EULALIA (*gritando sempre*).

Ai! eu morro! meu Deus! (*atira-se sobre Perpetua que a segura*).

SUZANO.

As pilulas já, as pilulas do Dr. Allam.

PERPETUA (*assustada e raivosa contra Snzano*)

Um Medico, um Medico já.

SUZANO.

Sim, um Medico (*atrapalhando-se e sem saber o que ha de fazer*).

PERPETUA (*no auge da afflicção*).

Homem, não me exaspere, vá chamar um Medico, um Medico já.

SUZANO.

Um Medico; sim; um Medico; eu vou; mas dê-lhe já uma pilula (*tirando da algibeira uma caixinha de pillula*).

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Vista de um gabinete da casa de Suzano.

SCENA I.

RODRIGO *só, vestido como no* 1º *acto, esta grande parte do tempo reclinado em uma poltrona.*

Ai, meu joelho! este rheumatismo não me deixa: já ia melhorando; mas nesta casa ha todos os dias um milhão de novidades, e cada qual mais extravagante! Vejão só a idéa daquelle Compadre! com as suas experiencias de espirito de vinho, deixa a garrafa ao pé da véla, e lá se ia incendiando a casa! O peior foi que com a tal balburdia, levei um trambulhão, e fiquei condemnado desde essa hora a estar aqui pregado, á guiza de sentinella que soffre castigo, sem ter quem a vá render. Seja tudo em desconto dos meus peccados. O que succederá hoje de extraordinario?.... aqui cada dia rebentão tempestades de metter medo; o que vale é que ha intervallos de fazer rir: si eu tivesse geito, havia de compor disto tudo uma comedia.

SCENA II.

O PRECEDENTE, E SUZANO, *que vem de sobrecasaca, e chapéo prompto para sahir.*

RODRIGO.

Oh ! Compadre, então vai sahir ?

SUZANO.

E' verdade ; tenho muita necessidade de sahir.

RODRIGO (*á parte*).

Vai talvez ao observatorio. (*alto*) O que sinto é não poder acompanhal-o, mas estou de fórma que até me custa o levantar-me.

SUZANO.

Vou sahir ; porque emfim, sua Comadre tem-me quebrado a cabeça com a historia do casamento da Eulalia.

RODRIGO.

Sim; acho que é tempo de tratar disso ; e principalmente tendo o moço o bom principio que tem.

SUZANO.

Bom principio tem elle ; está na 3ª classe, e já lhe agourei que seria um novo Napoleão.

RODRIGO.

Compadre. ou eu estou pateta, ou....

SUZANO.

Pois não conhece o tenente Jacintho? não o vio aqui algumas vezes?

RODRIGO.

Que está dizendo? pois aquelle meu collega que está na terceira classe?

SUZANO.

Esse mesmo: até já lhe declarei francamente que eu teria muito gosto em ser o sogro de Napoleão; e elle logo percebeu o negocio.

RODRIGO, (*á parte*).

A' vista disto, não perco a esperança de ser genro de algum Gallileo.

SUZANO.

Gosto daquelle ar bellico; e parece-me que elle ha de ter sua inclinação para astronomia.

RODRIGO.

Mas a ccmadre fallou-me em outra pessoa, creio até que é um rapaz que está no commercio.

SUZANO.

Sim, sim, mas eu não conheço bem esse Alfredo.

RODRIGO.

Alfredo, isso mesmo. Mas, como não conhece? pois a comadre me disse que as relações erão de uns vinte tantos dias: que eu não conhecesse por ter estado doente, bem; mas o senhor, isso é que admiro.

SUZANO.

Pois não se lembra que durante a sua molestia estive naquelle meu sitio de Jacarepaguá? foi por esse tempo que appareceu esse conhecimentosinho, e eu não vou nada para ahi, até porque....

RODRIGO.

Mas vamos, porque?

SUZANO.

Porque o Felicio disse-me que esse Alfrodo pediu em casamento a filha de D. Thomasia.

RODRIGO.

Ah!.... está bem! não me quero envolver ness meada: são historias melindrosar, em que entraa o Sr. Felicio.

SUZANO.

Mas então approva a minha escolha?

RODRIGO.

Compadre, a fallar a verdade, quem deve responder a essa pergunta é a menina.

SUZANO.

Ora ella ha de casar com quem fôr do meu gosto.

RODRIGO.

Emfim faça o que entender.

SUZANO.

Pois até logo.

RODRIGO.

Deos o guie.

SCENA III.

RODRIGO, *(só)*.

Eu bem digo: é uma comedia perfeita: este homem dá com tudo em pantana! Um tenente reformado!.... não é lá por ser reformado; mas um tratante que está mettido dia e noite ahi no 2º sobrado a chalaçar!.... Ora isto! E o tal Sr. Felicio?! é capaz de causar a desgraça desta familia com as intrigas, que inventa; unico meio que descobriu para fazer com que um dos dous moradores esvasie o predio! Que pedra metteu elle no sapato ao compadre! dizer-lhe que esse Alfredo pediu em casamento a filha dessa jararaca, como lhe chama a comadre! Neste mundo ha cousas!.... O que quero só é ver o desfeicho deste combate: o peor é que fui eu um dos primeiros feridos.

SCENA IV.

O PRECEDENTE E PERPETUA.

Então, Compadre, já viu uma cousa assim?

RODRIGO.

Assim, como, Comadre?

PERPETUA.

Como seu Compadre.

RODRIGO.

Já, pois não! é elle mesmo.

PERPETUA.

Si o senhor estivesse no meu caso, não haveria de ter tão bom humor.

RODRIGO.

Bom humor? engana-se: os Medicos dizem que este rheumatismo é por causa dos meus máos humores.

PERPETUA.

Não está teimando em querer que a menina case com o tal Tenente Jacintho, que é um atrevido, um descarado, que até dá-se em casa desta vibora Thomasia? !....

RODRIGO.

Diz o Compadre que o tenente tem muita inclinação para a Astronomia!....

PERPETUA.

Ah!....a vontade que tenho é de dar um tiro na cabeça.

RODRIGO.

Na cabeça de quem, Comadre?

PERPETUA.

Na minha cabeça.

RODRIGO (*aparte*).

Antes isso. (*Alto*) Mas não tome o caso assim tanto ao serio.

PERPETUA.

Não é muito usual que as mulheres se suicidem; mas uma cousa assim....

RODRIGO.

Porém o Alfredo, está doente? porque não apparece?

PERPETUA.

Não sei, compadre; mandei-lhe pelo correio a carta em que lhe declarava que eu e meu marido lhe davamos o nosso pleno consentimento para casar-se com Eulalia; e até agora, de nada sei.

RODRIGO.

Comadre, isto está se me figurando uma grande embrulhada.

PERPETUA.

Já me deu até vontade de metter a menina n'um convento para ser Freira.

RODRIGO.

Que diz?

PERPETUA.

E se eu pudesse, acompanhava-a tambem.

ROCRIGO.

Nesse caso estou vendo que eu e o compadre iamos ser frades: cá p'ra mim era um vidão!

PERPETUA.

Olhe; estou fallando serio: já hoje conversando com

a Eulalia disse-lhe que uma Freira é quasi um Anjo na terra.

RODRIGO.

E um Frade, comadre, o que será? Ora eu feito frade!

PERPETUA.

Estavamos livres das desordens deste mundo, que é mesmo um valle de lagrimas.

RODRIGO.

Para alguns; pois para outros é um jardim de sorrisos.

PERPETUA.

Triste condição é a da mulher!

RODRIGO.

Não digo eu isso: peior é a dos homens: veja em mim o exemplo: reformado em Alferes ha 20 annos, e padecendo de um rheumatismo que é o mais fiel companheiro que tenho visto, pois não me deixa um só dia.

PERPETUA.

A Eulalia até está hoje com febre; queira Deos que isto tudo não me traga ainda algum desgosto maior.

RODRIGO.

Recipe, casamento.

PERPETUA.

Sim; casamento, mas não arranjado por seu compadre.

RODRIGO.

Recipe, casamento arranjado pela comadre.

PERPETUA.

Compadre, hoje o dia não está para brincadeiras; amanheci cheia de amofinações.

RODRIGO.

Porque não toma as pilulas, que o compadre lhe aconselha a cada instante.

PERPETUA.

Está bem; o compadre está sempre disposto a brincar; deixe-me ir vêr a Eulalia; até logo. (*Vai-se*).

SCENA V.

RODRIGO (*só*).

RODRIGO.

Estes pedacinhos fazem-me mais effeito do que todas as fomentações dos boticarios: até passão-me as dôres. O compadre querendo ser sogro de Napoleão e a comadre e a filha desejando ser Freiras!.... que harmonia! Uma visinha, que nem de encommenda podia apparecer melhor, morando por cima de nossas cabeças; um dono de casa, que visita duas e tres vezes por dia o predio, e ateia a sizania entre os dous moradores para vel-os mudados, e alugar por mais dinheiro a casa; o *petit-maitre* do filho tambem com pretenções ao casorio!.... Ora Deos me dê paciencia!.... E de mistura com isto tudo, planetas, astronomia, eclipses, experiencias chimicas; e quanto disparate não lembra a ninguem!....

SCENA VI

O PRECEDENTE, E FELICIO.

FELICIO (*entrando*).

Sr. Rodrigo, saude e paz.

RODRIGO.

Ora viva, meu senhor.

FELICIO.

Aqui venho suado e cansado que parece que andei uma legua.

RODRIGO.

Então, foi marcha forçada, pelo que vejo.

FELICIO.

E' que não descansei, emquanto não dei todos os passos, que queria.

RODRIGO.

O que estimo é que arranjasse os negocios á medida do seu desejo.

FELICIO.

Felizmente está tudo prompto.

RODRIGO

Bom é isso.

FELICIO.

Aquelle incidente do incendio que ultimamente se ia

dando aqui, fez-me tomar medidas, que até hoje tinha negligenciado.

RODRIGO.

Sim; aquella foi uma que nos podia custar caro.

FELICIO.

A mim principalmente.

RODRIGO.

Inda o Senhor foi feliz; mas eu soffri logo as consequencias: por causa desse susto dei um escorregão tal que quasi desloquei o joelho.

FELICIO.

Pois agora póde a casa incendiar-se quando quizerem, que já está no seguro.

RODRIGO.

Isso lá não deseje; que eu não estou.

FELICIO.

Segurei não só esta, como todas as mais.

RODRIGO.

E' bem bom assim: tem sempre garantido o capita das suas propriedades.

FELICIO.

Não ha duvida; mas por outro lado é um augmento de despeza, ao passo que tenho algumas alugadas a rasto de barato.

RODRIGO (*á parte*).

E' a corda sensivel. (*alto*) As que são por contracto não ?

FELICIO.

Sim ; como esta, por exemplo.

RODRIGO (*á parte*).

Eu logo vi.

FELICIO.

Agora vou tambem dar a mesma noticia á sua visinha D. Thomasia.

RODRIGO.

Mas que ella por isso não pense que póde pôr fogo á casa.

FELICIO.

Não me diga isso, nem brincando.

RODRIGO.

E essa senhora ainda nos continua a tirar a pelle ?

FELICIO.

Oh ! não faz idéa ! Inda não vi genio igual : estou afflicto por vêl-a fóra daqui.

RODRIGO.

Por cá ha os mesmos desejos. Ella aqui veio uma vez, e julgo eu que si a comadre lhe apparecesse haveria uma explosão maior do que si ardesse um paiol de polvora.

FELICIO.

Felizmente eu estava presente.

RODRIGO.

Pois foi uma fortuna.

FELICIO.

Pedi para que se retirasse; e acabou tudo em paz.

RODRIGO.

Paz não ha nunca : apenas um armisticio, que dura das 10 da noite ás 6 da manhã.

FELICIO.

Pois, meu amigo, recommende-me ao Sr. Suzano, e communique-lhe que o predio está com mais este onus.

RODRIGO.

Sim ; senhor ; eu lhe direi.

FELICIO.

Talvez até logo.

RODRIGO.

Até sempre ; desculpe-me não leval-o até a escada porque, além de reformado, estou invalido.

FELICIO.

Essa é boa, sem comprimento. (*vai-se*).

SCENA VII.

RODRIGO, *só.*

Lá vai o homem para a lida! o que irá elle agora dizer que ouviu aqui?.... Si eu tivesse pernas era capaz um dia de pôr-me á escuta: ah! então é que havia de tirar as cataractas cá ao meu compadre Suzano; e mostrar-lhe que este sujeito é uma agulha ferrugenta. Como tem contracto, e não póde elevar o aluguel, procura desgostar os moradores: já deu até a entender que se por esse motivo ou o compadre ou a D. Thomasia si mudassem, elle rescindiria o tracto sem exigencia alguma. Que alma tão generosa! (*com ironia*).

SCENA VIII.

O PRECEDENTE E EULALIA.

RODRIGO.

Oh! minha querida comadrinha! venha para cá conversar comigo.

EULALIA.

Ah! Sr. Alferes, estou mutio agoniada da minha vida.

RODRIGO.

Pois venha desabafar comigo; venha; que eu lhe quero muito bem; carreguei-a nestes braços como se fosse minha filha.

EULALIA.

Mamãe, que até aqui me consolava, não faz agora senão fallar em convento, e mais convento.

RODRIGO.

Até quer que eu tambem vá ser frade ! Ora já viste, menina ? ! . . . .

EULALIA.

O Senhor está sempre alegre: tenho inveja de seu genio !

RODRIGO.

E eu da tua carinha.

EULALIA.

Parece-me que o meu fim é mesmo ir para um convento.

RODRIGO.

E então, minha filha, queres vida melhor ? ! não tens o trabalho de fazer penteados de topéte ; as modas são sempre a mesma cousa: não te amofinarás com os espartilhos, nem com todas essas bugigangas, de que até nem sei os nomes: almoço, jantar, e ceia a hora certa, e do melhor ; doces dos mais delicados; e um socego, como tu nunca viste nem um só dia nesta casa ! . . . .

EULALIA.

Sim ; tudo isso é verdade ; mas é preciso ter-se vocação.

RODRIGO.

Isso adquire-se: olha, tens um anno de noviciado: durante elle te habituarás de modo que depois nem mais te has de lembrar deste valle de lagrimas.

EULALIA.

Ora o senhor está tambem ajustado com mamãe para me fazer chorar (*põe o lenço nos olhos*).

RODRIGO.

Adeos!.... nada de choro: é muito improprio chover em uma manhã tão serena.

EULALIA.

Eu choro, porque vejo que sou muito infeliz.

RODRIGO.

Está bom: vamos conversar em cousas alegres. Sabes que tua mãe quer dar um tiro na cabeça?

EULALIA.

Sr. alferes, eu vou-me embora.

RODRIGO.

E' na cabeça della mesma. Ora já viste, menina?

EULALIA.

O senhor, em vez de me consolar está cassoando comigo.

RODRIGO.

Já sei; queres que converse sobre o teu casamento: pois vá feito.

EULALIA.

Nem me lembro mais de semelhante cousa.

RODRIGO.

Não digas isso: has de casar com Bonaparte: sabes quem é, não ?

EULALIA.

E' mamãe de um lado, e papai do outro !

RODRIGO.

Justamente ; é papai de um lado, e mamãe do outro, que são os padrinhos, e tu e o Bonaparte no centro, que são os noivos.

EULALIA.

Mas que historia é essa de Bonaparte ?

RODRIGO.

Não é historia : é o tenente Jacintho ; pois não conheces ?

EULALIA (*com raiva*).

E' mais facil eu atirar-me da janella deste sobrado do que casar-me com semelhante assassino.

RODRIGO.

Santo breve da Marca ! vai tudo raso !....

EULALIA (*fallando alto*).

Um homem sem brio, que vive ahi em casa dessa Sra. D. Thomasia.

RODRIGO.

Está bom: não falles muito alto; póde ouvir-se.

EULALIA.

Eu queria mesmo que elle ouvisse.

RODRIGO.

Pois dize ao Felicio que é melhor ainda que um fio electrico.

EULALIA.

Esse é tão bom como os seus inquilinos do 2º andar.

RODRIGO (*como quem quer ouvir*).

Espera; parece-me que baterão palmas na escada.

EULALIA.

Eu vou lá dentro mandar ver quem bate (*vai-se*).

SCENA IX.

RODRIGO (*só*)

E' uma pena: esta menina é um anginho: mal empregado será si o Compadre quizer por força ser sogro deste Napoleão de 3ª classe. Mas a Eulalia está forte: gostei: antes quer atirar-se do sobrado do que casar-se com se-

melhante valdivinos. Eu no caso della faria o mesmo; mas nunca precipitar-me desta altura ao chão.

SCENA X.

O PRECEDENTE E ALFREDO, *vestido todo de preto.*

ALFREDO *(entrando, e dirigindo-se a Rodrigo com muita delicadeza).*

Não sei se é ao Sr. Suzano, a quem tenho a honra de fallar.

RODRIGO.

Não, meu caro senhor; mas ao Alferes Rodrigo, seu compadre.

ALFREDO.

Pois eu desejava fallar directamente ao Sr. Suzano.

RODRIGO.

O compadre sahiu; porém creio que não se demorará; se quizer esperar um pouco, até é favor, porque fará companhia a este velho.

ALFREDO (*muito cortezmente*).

Como permitte, esperarei.

RODRIGO (*á parte*).

Parece-me boa pessoa. (*alto*) Não sei ainda com quem tenho a honra de fallar....

ALFREDO.

Com Alfredo da Silva, creado de V. S.

RODRIGO (*com satisfação*).

Oh! Sr. Alfredo! de nome já tenho a satisfação de conhecel-o.

APFREDO (*á parte*).

O negocio vai bem. (*alto*) Pois, Sr. Alferes, então provavelmente ha de saber qual o motivo que aqui me traz.

RODRIGO.

Perfeitamente : estou informado de tudo, e digo-lhe, meu amigo, que já o estimava por fé, antes de o conhecer, e agora muito mais, porque vejo que é uma bella pessoa.

ALFREDO.

Muito obrigado. (*á parte*) Isto vai melhor do que eu esperava.

RODRIGO.

Meu amigo ; eu sou um pobre velho, que deste mundo só tenho colhido alguma cxperiencia, e muitos dissabores ; por isso não extranhe que lhe falle assim com uma franqueza rude ; sou soldado, e sigo o ditado, pão pão, queijo, queijo.

ALFREDO.

A franqueza é uma das mais nobres qualidades do coração.

RODRIGO.

Tambem eu o entendo assim: e por isso, si este casa-

mento com o Senhor não fosse do meu agrado, eu lh'o dizia immediatamente, ou pelo menos não entrava na conversa.

ALFREDO.

Mil vezes agradecido. (*á parte*) Isto é uma maravilha!

RODRIGO.

Não tem que me agradecer : olhe ; afianço-lhe que a menina é muito virtuosa, e bem educada ; e quanto á formosura não ha muitas que lhe levem a palma.

ALFREDO.

Sei do esmero, com que foi educada a Sra. D. Eulalia ; o que faz ainda mais realçar os dotes, com que a naturesa a prendou.

RODRIGO.

Aquillo é um anjo no rosto, e no coração: estima e respeita seus pais, e não se parece com estas meninas da moda, que nem beijão a mão dos que lhes derão a existencia.

ALFREDO.

Sr. Alferes, eu considero-me verdadeiramente feliz com esta união, e me perdoará que lhe diga que ainda maior é a minha felicidade vendo que este enlace merece a sua approvação.

RODRIGO.

Merece toda a approvação da minha parte: já lhe disse que sou franco: o Senhor, é verdade, que é bastante moço; mas mostra que ha de ter juizo.

ALFREDO.

Tanta bondade me confunde.

RODRIGO.

Não sou de lisonjas: pão, pão; queijo, queijo.

ALFREDO (*puchando o relogio*).

Talvez ainda se demore muito o Sr. Suzano, e nesse caso posso voltar depois.

RODRIGO.

Não é provavel que se demore muito mais: até estou admirado de não ter chegado já. (*como quem ouve*) Oh! parece-me que ahi vem elle.

SCENA XI.

OS PRECEDENTES E SUZANO, *acompanhado de* 2 *ou mais creados, que trazem* 2 *grandes globos geographicos, e* 2 *ou* 3 *oculos de alcance.*

SUZANO (*entrando e dizendo para os criados*).
Ponhão tudo em cima daquella meza (*apontando para a meza; os criados cumprem a ordem, e retirão-se*) Compadre, eis-me de volta, (*para Alfredo*) meu caro Senhor.

ALFREDO.

A's ordens de V. S.

RODIGO (*á parte*).

Temos o céo e a terra dentro de casa! (*alto*) Compa-

dre, aqui se acha este senhor, que veio para fallar-lhe, e eu pedi que se demorasse um pouco: é o Sr. Alfredo da Silva.

SUZANO.

E' o Sr. Alfredo da Silva?

ALFREDO.

Creado de V. S.

SUZANO.

Tenho muita satisfação em conhecel-o pessoalmente Estou ao seu dispôr.

ALFREDO.

A' V S. não deve já ser extranha a causa da minha visita, e....

SUZANO.

Sei, Sr. Alfredo, o motivo, porque me procura.

RODRIGO (*baixinho a Suzano*).

Segure-o, deixe-se do Napoleão.

ALFREDO.

Em primeiro logar cumpre-me agradecer o immerecido elogio, feito á minha pessoa.

SUZANO.

Sim, senhor; sou da sua opinião.

RODRIGO (*á parte*).

Que asneira tamanha, meu Deus!!....

ALFREDO (*á parte*).

Mal vai o cas! (*alto*) Não sei se me permittirá que aqui mesmo falle a respeito....

SUZANO.

Pois não; o Compadre mora commosco, e é como si fosse meu proprio irmão; muita gente até acha semelhança nos nossos genios.

RODRIGO (*áparte*).

Menos essa! (*alto*) Sr. Alfredo, eu sou da casa. e o compadre faz-me o favor de depositar toda a confiança no Alferes Rodrigo.

SUZANO.

Oh! a nossa amizade é de longos annos.

ALFREDO.

Nesse cazo desejava então saber (*dirigindo-se a Suzano*) quando determina V. S. que se realise a minha pretenção.

RODRIGO (*á parte*)

O rapaz vai marchando em regra.

SUZANO.

Sr. Alfredo, permitta-me que eu lhe falle com toda a franqueza.

ALFREDO.

Pois não Sr. Suzano; toda a franqueza.

RODRIGO (*á parte*).

Mau! temos asneiras!

SUZANO.

Este casamento de minha filha tem sido assumpto de alguns desgostos para mim, em consequencia de ter minha mulher discordado inteiramente da minha opinião.

RODRIGO (*á parte*).

Lá se vai tudo pelos ares!

SUZANO.

Não sei si conhece um moço militar; bella figura! e que tem todas as qualidades para ser ainda um grande general?.... chama-se Jacintho, e eu o chamo Napoleão.

RODRIGO (*á parte*).

Jesus! está tudo perdido!

ALFREDO (*aparte*).

E' idiota! (*Alto*) Não tenho a honra de conhecel-o.

SUZANO.

Pois muito bem; é um bello rapaz, de optimas qualidades.

RODRIGO (*aparte e no mesmo tom de Suzano*).

Tratante da primeira ordem.

SUZANO (*continuando*).

....um ar bellico, e até com muita inclinação para a Astronomia.

ALFREDO (*aparte*).

Com quem estou eu mettido!!....

RODRIGO (*aparte*).

Isto é uma desgraça completa!

SUZANO (*continuando*).

.... dei-lhe a entender, ou para melhor dizer, declarei-lhe formalmente que lhe dava a Eulalia em casamento.

RODRIGO (*aparte*).

Ella é que não se entrega.

SUZANO (*continuando*).

....por isso que fiz-lhe ver que teria muito gosto em ser o sogro de Napoleão: ora, a vista disto, bem vê V. S. que ha uma tal ou qual complicação....

RODRIGO (*aparte*).

Que idéa estará fazendo o Alfredo deste homem?!...

ALFREDO.

Porém, Sr. Suzano....

SUZANO (*atalhando*).

Perdão: ha uma complicação, como acabo de dizer; mas ao mesmo tempo não ha; porque estas minhas palavras forão ditas ha algum tempo já; e póde ser que elle não se lembre.

RODRIGO (*aparte*).

Que parvoice!

ALFREDO (*com resolução*).

Sr. Suzano, tenho ouvido com toda a attenção tudo quanto fez-me a honra de expender; porém ha de permittir-me dizer-lhe que esse embaraço, que V. S. julga existir, é apenas apparente, e talvez filho de escrupulos de uma consciencia delicada.

RODRIGO (*á parte*).

O rapaz entende de estrategia.

SUZANO.

Sou tambem da sua opinião.

ALFREDO (*continuando*).

Si fosse mesmo necessario que um tribunal decidisse qual de nós, si eu, ou esse senhor a quem chama Napoleão, tinha direitos de preferencia, abstrahindo por um momento a inclinação da Exma. Sra. D. Eulalia, estou bem certo de que o direito estaria do meu lado; a menos que V. S. quizesse negar palavras que autorisou a Exma. Sra. D. Perpetua a escrever-me.

RODRIGO (*á parte*)

Bravo! agora amarrou-o!

SUZANO (*um pouco confuso*).

O Sr. Alfredo tem elevado o negocio a uma altura que me é preciso meditar, um pouco....

ALFREDO.

Não ha que meditar, Sr. Suzano: (*tirando uma carta do bolço*) esta carta escripta pela Sra. D. Perpetua.... eu a leio (*le*) "Illm. Sr. Alfredo da Silva—Já não é possivel desconhecer que V. S. faz gosto em ser marido de minha filha; e sendo tambem do nosso agrado esta união, servem estas linhas para lhe declararem que a minha casa está sempre ao seu dispôr, e que eu e meu marido damos o nosso pleno consentimento, et cetera, et cetera.

RODRIGO (*aparte*).

Isto foi mesmo uma peça raiada atirando á queima-roupa.

ALFREDO.

A' vista, portanto, do que acabo de....

SUZANO (*atalhando*).

Sr. Alfredo, V. S. tem fallado muito bem; confesso-lhe que tenho gostado, e estou até sympathisando muito com a sua pessoa. Ah!.... se o senhor.... tivesse alguma inclinação.... Ora, diga-me, nunca teve assim curiosidade para estas cousas de estrellas, eclipses, cometas?....

RODRIGO (*aparte*).

Que vergonha! no meio de um negocio tão sério!

ALFREDO (*aparte*).

E' a balda (*alto*). Tive já muito gosto pela Astronomia, tanto, que....

SUZANO (*esfregando as mãos de contente e atalhando*).

Muito bem, muito bem, Sr. Alfredo: eu bem disse que estava até sympathisando com o senhor. Porém, diga-me, tem lido algumas obras sobre esta divina sciencia?

ALFREDO.

Li alguma cousa; e posso mesmo ceder-lhe alguns livros interessantes, que tratão da materia.

RODRIGO (*aparte*).

O rapaz é vivorio; tocou-lhe na tecla.

SUZANO.

Ora, não faz idéa quanto estimo, e como estou satisfeito: é a primeira pessoa que encontro com a mesma inclinação que eu tenho para esta maravilhosa sciencia.

RODRIGO (*aparte*).

O tal Alfredo sabe levar agua ao moinho.

SUZANO.

Ora, Sr. Alfredo, antes que me esqueça, que me diz daquelle phenomeno da lua pegada com a estrella?....

RODRIGO (*aparte*).

Que baboseira, meu Deos!....

ALFREDO.

Sim, senhor; eu observei; era o planeta Venus em conjuncção com a lua.

SUZANO.

Ah!.... bem me estava parecendo! era a conjuncção!.... sim, a conjuncção!....

RODRIGO.

E quando se tratará do adverbio do matrimonio? Compadre, eu vou lá dentro dizer á Comadre que aqui está o Sr. Alfredo.

SUZANO.

Sim, sim, Compadre; o nosso bom amigo o Sr. Alfredo.

ALFREDO (*aparte*).

Estou nas boas graças do Astronomo. (*Sahe Rodrigo*).

SCENA XII.

SUZANO E ALFREDO.

SUZANO (*chegando-se para o lugar onde estão os oculos*).

Acabo de comprar estes instrumentos para os meus

estudos: ora, Sr. Alfredo, veja que tal acha este oculo (*dá a Alfredo um oculo*).

ALFREDO (*depois de tomar o oculo, e collocando-se á grande distancia de Suzano, põe-lhe o oculo*).

Oh! Sr. Suzano! excellente! é um oculo de patente!

SUZANO (*sempre á grande distancia de Alfredo*).

Então, acha bom?

ALFREDO (*ainda com o oculo dirigido sobre Suzano*).

Ha bem tempo não tenho encontrado um oculo tão bom: percebo até o pesponto dos seus collarinhos; olhe, neste momento está uma pulga assentada sobre a golla do seu collete; na altura da nuca, do lado direito.

SUZANO (*sempre á grande distancia de Alfredo, molha na lingua o pollegar e o indicador como quem vai apanhar uma pulga, e dirige os dedos ao lugar indicado.*)

E' aqui, não?

ALFREDO (*sempre com o oculo sobre Suzano*).

Exactamente, exactamente.

SUZANO (*como quem agarra a pulga*).

Porém, nada; não encontrei.

ALFREDO (*ainda com o oculo na mesma direcção, e sempre distante de Suzano*).

No instante, em que ia approximando os dedos, ella

deu um salto para a parte opposta: lá está do lado esquerdo; é sobre a golla da sobrecasaca, quasi por baixo da orelha: vai tambem um mosquito pousando sobre a sua testa do lado direito, por cima da sobrancelha.

SUZANO (*que não tem mudado de posição prepara os dedos para agarrar na pulga que está do lado esquerdo, e com a mão direita aberta dá com toda a força uma palmada na testa, dizendo ao mesmo tempo:*)

Este não ha de escapar.

ALFREDO (*ainda com o oculo na mesma posição e sempre á grande distancia de Suzano*).

Foi-se; bateu as azas, assim que a sua mão chegou a quatro pollegadas da testa.

SCENA XIII.

OS PRECEDENTES E RODRIGO (*que vem do interior assustado, e apressadamente*).

RODRIGO.

Compadre, Compadre, temos grande novidade!

SUZANO.

Alguma nova conjuncção?

RODRIGO.

Qual conjuncção! E' a policia e tropa que ahi vem invadir-nos a casa.

SUZANO.

Que diz, Compadre? Estou perdido!

RODRIGO.

Nem tive tempo de dizer á Comadre que aqui estava o Sr. Alfredo: ia para dentro, quando casualmente olho pela janella, e vejo um official do exercito, soldados, e um inspector de quarteirão parados aqui na porta, e fallando no seu nome.

SUZANO.

O que será isto, Compadre? Sr. Alfredo, já agora, peço-lhe que não se retire.

ALFREDO.

Não hade ser cousa de cuidado.

RODRIGO.

Não diga assim: isto de tropa, a policia em casa é sempre uma buxa.

SUZANO.

Compadre, mas o que se hade fazer?

RODRIGO.

Eu lá sei! (*como quem ouve*) Ahi vem subindo mais de uma pessoa.

SCENA XIV.

OS PRECEDENTES, UM OFFICIAL DO EXERCITO (*posto de tenente*) *um inspector de quarteirão* 4 *soldados que depois entrão.*)

INSPECTOR, (*parado á porta da entrada, tem a fita ao peito.*

Tenho ordem para dar uma busca em casa do Sr. Suzano.

SUZANO, (*assustado*).

O Sr. Inspector póde entrar (*entrão o inspector, o tenente e mais* 4 *soldados*).

ALFREDO, (*á parte*).

Em que alhada estou eu mettido!

RODRIGO (*á parte*).

Será isto effeito de alguma das do compadre?

INSPECTOR, (*á Suzano*).

O Sr. official vem prender o tenente Jacintho, que segundo uma denuncia acha-se aqui escondido.

SUZANO.

Sim, senhor; o tenente Jacinto é meu amigo.

RODRIGO, (*á parte*).

Cale-se com os diabos, compadre!....

OFFICIAL.

Desde já o responsabiliso pela entrega desse criminoso.

ALRFEDO, (*á parte*).

Eu raspo-me.

OFFICIAL, (*continuando*).

Do contrario, (*dirigindo-se aos soldados*) camaradas (*os soldados dão um passo á frente*) passemos a examinar toda a casa.

SUZANO.

Meus senhores, eu não tenho esse homem em casa; podem entrar, e examinar todos os recantos.

ALFREDO, (*á Suzano*).

Sr. Suzano, eu me retiro.

OFFICIAL.

Daqui não póde sahir pessoa alguma; quem é o senhor?

ALFREDO.

Eu não sou o tenente Jacintho.

INSPECTOR.

Eu conheço o tenente.

SUZANO.

Ora esta ! ora esta !

ALFREDO, (*á parte*).

Isto já não me vai agradando.

RODRIGO (*á parte*).

Vejão que patife é o tal Jacintho.

OFFICIAL, (*aos soldados*).

Percorrer toda a casa, e prender toda e qualquer pessoa suspeita que fôr encontrada.

RODRIGO, (*com muita gravidade dirigindo-se ao official*)

Sr. Official, peço que se detenha um instante ; (*o official e os soldados parão*) eu sou militar tambem ; e sei quanto é sagrado o desempenho destas commissões; mas rogo a V. S. o favor de me ouvir um instante, que eu lhe entrego o tenente Jacintho.

SUZANO.

Oh ! compadre, veja se nos livra desta trabusana.

OFFICIAL.

Pois queira então dizer o que ha.

RODRIGO.

Esse tenente está vivo e morto nesta casa....

SUZANO.

Não ha tal.

ALFREDO, (*á parte*).

Máu ! máu !

RODRIGO.

Mas é no 2º andar: não ha dez minutos que eu o vi lá em cima; e se o Sr. Official não acredita na minha palavra de honra de militar, e seu camarada; dê as suas ordens para que fique parte da força aqui no 1º andar, e mande outra parte ao 2º sobrado: o Sr. Inspector diz que conhece o tenente, e se quizer prestar-se póde dirigir a diligencia.

INSPECTOR.

Sim, Sr. Official, eu vou ao 2º andar.

OFFICIAL.

Pois bem, camaradas, (*para os* 4 *soldados*) acompanhem o Sr. Inspector. (*o Inspector acompanhado dos soldados vai ao* 2º *andar*).

SUZANO, (*ao official*).

Sr. Official, eu não sabia de semelhante cousa.

ALFREDO, (*aparte*).

Esta só pelo diabo!

RODRIGO. (*ao official.*)

Esse tenente é a vergonha da nossa classe.

ALFREDO, (*á parte*).

Tomara já ver-me fóra daqui.

SUZANO, (*para a frente da scena*).

Agora é impossivel o casamento com tenente; mas por felicidade o Alfredo é ainda melhor, e entende perfeitamente de astronomia. (*Ouvem-se á porta da entrada as seguintes fallas em voz muito alta*).

VOZ DO INSPECTOR.

Entregue-se á prisão, não opponha resistencia.

VOZ DE D. THOMASIA.

Não ha de ir preso, eu não quero.

VOZES DOS SOLDADOS.

Entregue-se, entregue-se, Sr. tenente.

VOZ DE D. THOMASIA.

Não se entregue, não se entregue.

VOZ DO TENENTE JACINTHO. (*com muita força*).

Não me entrego, senão a um official da minha patente.

OFFICIAL, (*dirigindo-se á porta acompanhado de Suzano e de Alfredo.*

Ha de entregar-se, Sr. tenente. (*Durante o conflicto, o Official, Suzano, Alfredo e Rodrigo, que estão em scena ficão á escuta; os tres primeiros vão indo pouco a pouco para o pé da porta; Rodrigo porém fica na frente da scena: o Official, bem como Suzano, e Alfredo desapparecem da scena.*

SCENA XV.

RODRIGO, EULALIA E PERPETUA, *que vem correndo assustadas.*

EULALIA, (*muito assustada*).

O que é, o que é isto, meu Deos?....

PERPETUA.

Compadre, que desordem é esta? que é isto?....

RODRIGO, (*Com voz ridiculamente grave e apontando para a porta*).

E' Napoleão que vai para Santa Helena!!!

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Vista da sala da casa de Suzano, como no Iº e no 2º acto.

SCENA I.

RODRIGO E EULALIA.

EULALIA.

Mas elle estava fugido, Sr. alferes ?

RODRIGO.

Eu te vou contar tudo, tintim por tintim. O tal tenente Jacintho, por ser muito relaxado e pessimo official foi posto na 3ª classe.

EULALIA.

Bem feito ; muito bem feito.

RODRIGO.

Espera, menina, não me cortes o fio da historia.

EULALIA.

Pois bem, continúe.

RODRIGO (*continuando*).

Mas não tomou juizo: em uma noite de fogo do Espirito-Santo no Campo de Sant'Anna fez uma grande desordem dentro de uma das barracas: vai preso; não vai preso; tal qual, como a gritaria que ouviste; nisto apparece um Official Superior; mas o Tenente Jacintho tira-se dos seus cuidados, e insulta-o de palavras: chegarão mesmo a vias de facto. Emfim é preso; porém não sei porque artes do Diabo pôde escapar-se da prisão, e veio aqui esconder-se na casa desta nossa visinha: ultimamente houve desconfiança de que elle estava mascarado n'um baile do Carnaval; e d'ahi seguirão-lhe a pista. Ora ahi tens a historia do tal Napoleão.

EULALIA.

E papai sem saber de nada disto!

RODRIGO.

E' verdade: aqui appareceu por 3 ou 4 vezes; mas a mim nunca me agradou aquella cara.

EULALIA.

Nem a mim: e quem lhe contou tudo isso?

RODRIGO.

Foi o Official, que veio prendel-o.

EULALIA.

Ah ! foi Nossa Senhora quem me livrou daquelle precipicio ! . . . .

RODRIGO.

Foi, sim ; foi uma fortuna : e inda maior felicidade foi o Compadre agradar-se do Sr. Alfredo : este é quem eu entendo que deve ser o teu marido.

EULALIA.

Sr. Alferes, não me falle nisso ; eu fico doente, quando me lembro de semelhante casamento.

RODRIGO.

E's difficil de contentar ! pois um rapaz tão bonito, tão delicado, tão bem creado ?! . . . .

EULALIA.

Sr. Alferes, o coração é quem governa quando se ama, e não a cabeça.

RODRIGO.

Oh ! minha menina ! estás muito rhetorica ! eu não gosto lá muito disso.

EULALIA.

O senhor tambem não amou ? não vio muitas moças bonitas, prendadas, e bem educadas, mas não tinha uma que preferia a todas ? pois o mesmo me acontece.

RODRIGO.

Menina, tu és capaz, pelo que estou ouvindo, de levar a parede um Padre Mestre jubilado em philosophia!

EULALIA.

Não sei; isto que o senhor está ouvindo é justamente o que meu coração está dizendo em segredo.

RODRIGO.

Mas vamos lá: tens razão; os velhos são sempre rabujentos, e esquecem-se de que forão moços. Quem é então aquelle que o teu coração prefere?

EULALIA.

O senhor ainda me pergunta? pois não sabe que eu estimo o Dr. Carlos, e que elle já frequentava a nossa casa?....

RODRIGO.

Bem; mas elle fez, como D. Sebastião; foi por esses mares fóra; e depois até agora nada de novo.

EULALIA.

Eu não gosto de conversar com o senhor porque é sempre uma continuada brincadeira.

RODRIGO (*arremedando-a*).

E eu não gosto de conversar com a senhora, porque é sempre uma continuada choradeira.

EULALIA.

Pensei que elle tinha vindo do Sul, porque li o nome na lista dos passageiros do vapor ; mas....

RODRIGO (*atalhando*).

Mas então ?.... não veio ?

EULALIA.

Qual ! tinha sido erro de imprensa ; no *Jornal* do dia seguinte veio a emenda ; em vez de Dr. Carlos Joaquim era Dr. Candido José.

RODRIGO.

Ora vejão só que logro !

EULALIA.

E eu já estava tão contente ! Mas Mamãe não se importa mais com o Dr. Carlos : está com as idéas voltadas para esse Alfredo.

RODRIGO.

E tem razão : eu tambem estou : vi-o pela primeira vez naquella occasião da prisão do Bonaparte, que foi quando elle vinha tratar definitivamente a respeito do casamento.

EULALIA.

Meu Deos ! eu morro !

RODRIGO.

Máo está o negocio ! deixemo-nos de faniquitos : olha que eu não sou homem p'ra essas cousas.

EULALIA.

Escapei do Tenente; mas deste não escapo: ah! porque não o levárão tambem preso?....

RODRIGO.

Estás louca, menina?! Então, prende-se assim, sem mais nem mais, n'um paiz constitucional?

EULALIA.

Meu Deos! o que será de mim?! Eu não me caso com esse Alfredo: como já sei que o Dr. Carlos não ha de ser meu marido, quero ir para um Convento.

RODRIGO.

Ah! já queres ir p'ra o Convento?!.... Ora, graças a Deos; só assim terei eu presentinhos de doces delicados.

EULALIA.

Sr. Alferes, eu lhe peço que não converse mais comigo a este respeito; vou dizer a Mamãe que quero ir para o Convento. (*Vai-se retirando*).

SCENA II.

RODRIGO (*só*).

Estas moças!.... estas moças!.... se tivessem a minha experiencia!.... Ah! erão tão felizes, tão felizes, como.... como se eu tivesse a idade dellas! Mas emfim, este mundo é o das compensações.... ou por

outra; das imperfeições!... não ha nada completo!... quando ha mocidade e vigor, falta a experiencia; quando temos a experiencia, já não ha mocidade!.... (*em outro tom*). Porém tornando ao nosso caso: foi mesmo uma fortuna a tal prisão do Tenente: só assim se desenganaria o Compadre. E o tal Alfredo?.... como sabe insinuar-se!! Agora vamos esperal-o; que elle ficou de voltar.

SCENA III.

O PRECEDENTE E SUZANO (*que vem do interior*).

SUZANO.

Ora, Compadre, é pena que você não tenha gosto pela Astronomia.

RODRIGO (*aparte*).

A tal mania não o deixa (*alto*). Então, porque?

SUZANO.

Se visse, como eu agora estive observando, o arco iris....

RODRIGO.

O arco da velha? Ora isso tenho eu visto um milhão de vezes.

SUZANO.

Mas aquellas côres tão vivas, tão lindas....

RODRIGO.

Lindas, sim; são muito lindas; mas vamos ao que serve; então, que me diz do nosso Alfredo?

SUZANO.

Estou inteiramente captivo do rapaz; e fez-me logo um offerecimento de livros da sciencia.

RODRIGO.

Eu vi, eu vi; elle tem paixão tambem, não pela lua, mas por uma estrella, que não está no firmamento.

SUZANO.

Pois foi isso o que me decidio.

RODRIGO.

Estimo muito; até porque a Comadre não está agora em opposição com os seus desejos.

SUZANO.

E' verdade; é um phenomeno.

RODRIGO.

Phenomeno tão raro como a da conjuncção da lua com Venus; por isso é já aproveitar a maré: agora parece estar o tempo mais sereno.

SUZANO.

Está; não tem duvida: passou o rebojo da lua, e tem soprado uma aragem de leste.

RODRIGO (*aparte*).

Adeos, minhas encommendas! (*alto*) Compadre, apro-

veite a maré, combine com a Comadre, e vejão se resolvem a menina.

SUZANO.

E' o que vou fazer.

RODRIGO.

E sem demora; não ha tempo a perder.

SUZANO.

Sim; tomo o seu conselho. (*Vai-se*).

SCENA IV.

RODRIGO (*só*).

Parece que as cousas vão se encaminhando para um bom resultado: a Comadre está de accordo com o Compadre; e póde-se dizer que é a terra que está em paz com o Céo; e tanto é verdade que elle mesmo veio extasiado de ver o arco-iris.

(*Apalpando as algibeiras*). E esta! deixei no meu quarto os cigarros: não ha remedio; vou buscal-os; e volto a esperar o Alfredo, que quero ser o primeiro a lhe fallar quando elle voltar. (*Vai-se*).

SCENA VI.

PAMPLONA (*vestido como no* 1º *acto, mas trazendo um chicotinho; pouco depois Rodrigo*).

PAMPLONA (*entra apenas Rodrigo sahe*).

Oh! ninguem por aqui! é extraordinario! o velho é como um papagaio, que está sempre na sala para pre-

gar-se á janella. (*Puxa o relogio e vê as horas*). Ora, muito bem! dentro em poucas horas vou estrear o meu cavallo do Cabo: é um bonito bicho! D'aqui vou n'um pulo ao Moraud; monto (*esgancha-se em uma cadeira como se fosse já sobre o cavallo, batendo com o chicotinho, e tendo ainda o chapéo á cabeça, charuto á boca, pince-nez no nariz*) e toca p'ra o Catette, Botafogo, S. Clemente.

RODRIGO (*entrando, e pondo-lhe uma enorme luneta, diz aparte*).

Está doudo! (*alto*) Então, que é lá isso?

PAMPLONA (*influido como se estivesse a cavallo*).

E' o meu cavallo do Cabo.

RODRIGO.

Se quer, eu vou buscar lá dentro o cabo da vassoura (*aparte*). E' um perfeito criançola!

PAMPLONA (*levantando-se, e pondo o chapéo em cima da meza.*

Não ha nada como um bom cavallo.

RODRIGO.

E um bom chicote p'ra elle; p'ra o cavallo, se entende.

PAMPLONA.

Ora, Sr. Alferes, decididamente o senhor nãe é homem de gosto.

RODRIGO.

Essa é boa ! então pensa o senhor que não tenho paladar ?

PAMPLONA.

Não foi da cavallaria ?

RODRIGO.

Montei em muito bons cavallos, e não erão de páo.

PAMPLONA.

Cavallos antigos.

RODRIGO.

Ah ! então os modernos são differentes ? Andão talvez em dous pés ?

PAMPLONA.

Mas nunca soube o gostinho que tinha um cavallo do Cabo ?

RODRIGO.

Quando era da sua idade tive uns poucos do cabo da vassoura, e outros muitos de arco de pipa.

PAMPLONA.

Não esteja cassoando. Olhe ; logo hei de passar por aqui, que o senhor nem me ha de conhecer.

RODRIGO.

Porque ? Sahe mascarado ?

PAMPLONA.

Não faz idéa, quando se sahe em cavallo do Cabo, trotando á ingleza, como as moças prestão attenção.

RODRIGO.

Ao cavallo ?

PAMPLONA.

Ao cavallo, e ao cavalleiro.

RODRIGO (*pondo-lhe a luneta*).

Mas diga-me uma cousa, Sr. Pamplona.

PAMPLONA.

Então o que temos?

RODRIGO.

O senhor tomou ordens sacras ?

PAMPLONA.

Porque ? Achou-me com cara de Padre ?

RODRIGO.

Vejo-o com uma volta ao pescoço !....

PAMPLONA.

Isto são collarinhos á Pinaud.

RODRIGO (*continuando a pôr-lhe a luneta e observando-lhe o peito*).

Porém o senhor parece estar sem camiza !....

PAMPLONA (*rindo-se*).

Ah ! ah ! ah ! de tudo se admira o senhor ! isto é o que agora se usa ; são gravatas *á cache-nez*.

RODRIGO.

Com effeito ! Como tudo está mudado ! Mas temos conversado por varias vezes, e ainda não me disse em que era empregado.

PAMPLONA.

Eu cá não preciso de ser empregado : meu Pai tem com que viver, e sustentar-me, que sou seu unico filho.

RODRIGO.

Não está má essa ! Com que, então, o dinheiro não acaba ?!

PAMPLONA.

Ora deixe-se de moralisar, Sr. Alferes : um homem com a fortuna como a que tem meu Pai não cuida em semelhantes cousas : só os seus rendimentos dão para gastar á grande sem bolir no capital.

RODRIGO (*áparte*).

E disto sempre esteve o mundo cheio ; mas agora mais do que nunca.

PAMPLONA.

E de mais ; eu lá estou para metter-me em uma Repartição, e ter a massada de ir todos os dias como um captivo á hora de bater-se o prégo, aturando Chefes e Chefinhos !.... sou livre, e não me devo captivar.

RODRIGO.

E' porque póde. Não dizem isso muitos que eu conheço.

PAMPLONA.

Se não dizem, talvez sintão. Se ainda me resolver, hei de seguir a diplomacia.

RODRIGO.

E o senhor tem estudos para isso ?

PAMPLONA.

Ora o senhor está muito pela antiga ! estudos para que ?

RODRIGO.

Para seguir a diplomacia.

PAMPLONA.

Tenho todos os requisitos necessarios : visto-me no rigor das modas da Europa ; fallo tão bem francez, que ainda outro dia um alfaiate da rua do Ouvidor perguntou-me se eu era natural de Paris ; danso os lanceiros que desafio a quem o faça melhor ; e na walsa até fui comprimentado uma vez no Cassino por uma commissão de officiaes da marinha ingleza.

RODRIGO.

Então é tudo quanto basta para....

PAMPLONA.

Para ser pelo menos Addido de legação de primeira classe.

RODRIGO (*á parte*).

Como vai este mundo! (*alto*) Com esses predicados havia de arranjar muito bem os negocios internacionaes!

PAMPLONA.

Tão bem como outro qualquer. Mas, é verdade, com as suas perguntas ia-me esquecendo do objecto principal da visita.

RODRIGO.

Vamos a elle.

PAMPLONA.

Amanhã no lyrico é o beneficio da nova cantora.

RODRIGO.

E o senhor tambem vai cantar?

PAMPLONA.

Disse-lhe que queria ter a honra de aceitar dez bilhetes de camarote para distribuir pelos meus amigos; lembrei-me do Sr. Suzano; e se o senhor quizer uma cadeira.

RODRIGO.

Por mim não se encommode: se lá houvesse alguma marqueza, ainda mesmo de sola, eu aceitaria para estender a minha perninha.

PAMPLONA.

Bem, mas o Sr. Suzano ha de querer ir ver.

RODRIGO.

Na peça falla-se em astronomia ?

PAMPLONA.

Qual astronomia !.... E' a sublime opera Roberto do Diabo.

RODRIGO.

Pois como são cousas do diabo, ha de ver-se naturalmente o inferno, e o compadre só gosta de olhar para o céo, e para as estrellas.

PAMPLONA.

O senhor tem feito esta familia perder o gosto ás melhores cousas deste mundo.

RODRIGO.

Está bem, amiguinho: acho melhor que appareça logo mais para se entender mesmo com o Sr. Suzano, que agora duvido muito de que elle lhe falle.

PAMPLONA.

Pois daqui a pouco voltarei ; e adeus, *sans façon.*

RODRIGO.

Até mais ver. (*sahe Pamplona*).

SCENA VI.

RODRIGO (*só*)

Este bonifrate não me escapava se eu fosse encarregado do recrutamento: havia de chimpar com elle no quartel para ver o gosto que tem uma noite de prisão. E que nomezinho lhe puzerão ? ! Pamplona ! é mesmo um papelão ! (*Em outro tom*) O Alfredo é que está tardando : desconfiaria elle com a historia da prisão ? .... a fallar a verdade chegou em uma pessima occasião : e de mais a mais, á vista das asneiras do compadre talvez que ficasse arrependido : pois é pena ; que eu gostei do rapaz : não tem nada de tolo, desenvolve-se como um general já experimentado.

SCENA VII.

O PRECEDENTE E PERPETUA.

PERPETUA.

Está tudo transtornado.

RODRIGO.

Máu ! ahi temos novidades ! então, o que ha, comadre?

PERPETUA.

A menina quer ir por força para o convento.

RODRIGO.

Se ella dissesse isso de coração, era tão bom ! ....

PERPETUA.

Agora é o senhor que encarregou-se das contradições: eu já estava admirada: seu compadre parece que a final tomou juiso, e o senhor quer ficar no lugar delle.

RODRIGO.

Abrenuncio ! ! Deos me defenda de tal !

PERPETUA.

Pois é verdade: a Eulalia está toda chorosa, e disse-me que quer, e que ha de ir por força para o convento.

RODRIGO.

Isto só pelo diabo ! Mas, comadre, a senhora é que é culpada.

PERPETUA.

Eu ? como assim ?

RODRIGO.

Para que lhe foi fallar em convento ? agora despertou-lhe a vontade, e que remedio ?

PERPETUA.

O remedio eu sei qual ha de ser.

RODRIGO.

São as pilulas do Dr. Allan ?

PERPETUA.

Ha de ser outro mais decisivo.

RODRIGO.

Tiro na cabeça?

PERPETUA.

Na cabeça da jararaca.

RODRIGO.

Santo nome de Deos! Agora é que temos mesmo a policia no 1º andar.

PERPETUA.

Tudo se deve a essa Anna Bolena.

RODRIGO.

Porém isso é já prevenção de mais.

PERPETUA.

Mas como explicar-se a demora do Alfredo? o peor foi elle ter chegado na occasião do barulho, e ter sahido sem eu lhe poder fallar.

RODRIGO.

Sim, isso é que foi máu (*olhando para dentro*) O que é? é a mim que me chamarão? (*indo para dentro*) o que será isto agora?

SCENA VIII.

PERPETUA (*só*).

Muito soffre uma mãi! Se uma filha não se casa, é uma dor vel-a parecendo não ter quem aprecie suas

qualidades !.... Se tem quem a pretenda, tudo são inquietações !.... Se casa, e afinal o marido é máu, então é o cumulo dos desgostos !

SCENA IX.

A PRECEDENTE E SUZANO.

SUZANO.

Senhora, hoje, e daqui em diante o seu dormitorio ha ser no quarto fronteiro ao do compadre.

PERPETUA.

Que quer dizer com este destampatorio?

SUZANO.

Não é nada de extraordinario : o novo aposento é muito maior, e até mais ventilado.

PERPETUA.

Eu não mudo de quarto, não mudo e não mudo.

SUZANO.

Pois é preciso mudar, mudar e mudar hoje mesmo.

PERPETUA.

Sr. Suzano, o senhor já ia indo melhor....

SUZANO.

E a senhora tambem.

PERPETUA.

Mas porque hei de eu sahir dos meus commodos ?

SUZANO.

Eu vou armar o meu observatorio nesse quarto, e tenho de mandar rasgar as paredes para collocar os oculos.

PERPETUA.

Eu logo vi que era a maluquice. (*á parte*) Este homem.... este homem.... ah ! (*lançando-lhe um olhar furioso*).

SUZANO.

A menina tem de casar-se com o Alfredro, e....

PEPETUA, (*com ironia*).

Ella está mesmo muito disposta.

SUZANO. (*continuando*).

....e naturalmente elle ha de querer tambem continuar com os seus estudos.

PERPETUA.

Que estudos, Sr. Suzano ?

SUZANO.

De astronomia, de astronomia, senhora !

COMPADRE SUZANO.

PERPETUA.

Ora isto....

SUZANO.

Sim, senhora; elle é um moço que tem paixão pela astronomia; estudou, tem livros, e intrumentos: já conversámos sobre isto, e o compadre ficou até admirado de ouvil-o.

PERPETUA.

Que está dizendo? pois se o caso é esse, então, nada de casamento.

SUZANO.

Eu logo vi; já tardava: pois por isso mesmo é que elle ha de casar-se com o menina.

PERPETUA, (*para a frente da scena, e um pouco baixo*)

Vou dizer a Eulalia que ella vai para o convento: acabou-se tudo: assim, fico socegada.

SUZANO.

Então, está decidido: a senhora muda-se do quarto?

PERPETUA, (*com ironia*).

Mudo-me, pois não! mudo-me até desta casa! (*vai-se*).

SCENA X.

SUZANO (*só*).

E' um genio!.... não era possivel ter paciencia, nem para observar a metade de um eclipse!.... (*Em outro*

tom) Muito bem! estou com um genro, que ha de fazer as delicias da minha existencia: nem todos os pais podem contar tamanha felicidade!....

SCENA XI.

O PRECEDENTE, E RODRIGO.

RODRIGO.

Ora venho trazer-lhe uma grande novidade!

SUZANO.

Outro arco iris talvez?

RODRIGO (*á parte*).

Isto não toma mais caminho. (*alto*) O nosso proprietario falliu.

SUZANO.

Que diz, compadre? e como soube?

RODRIGO.

Seu mano negociante, o Bernardo, escreveu-me respondendo a um bilhete meu, e deu-me nessa mesma carta a noticia da quebra do Felicio: se elle quebrou para dentro, ou para fóra, é o que havemos depois saber.

SUZANO.

Então, está o Felicio quebrado?

RODRIGO.

Em pedacinhos, está feito em cacos.

SUZANO.

E não haverá remedio ?....

RODRIGO.

Agora, nem mesmo as pilulas do Dr. Allan, nem a pelle de peixe boi.

SUZANO.

Eu tinha minhas desconfianças....

RODRIGO.

Foi um eclipse : agora é que o Pamplona ha de ver o que é bom.

SUZANO.

Isto de negocio ....

RODRIGO.

E' p'ra quem entende.

SUZANO.

Vou essrever-lhe dando os meus sentimentos.

RODRIGO (*aparte*).

Que asneirola ! (*alto*) Isso é augmentar a afflicção ao afflicto.

SUZANO.

Porém nós somos amigos.

RODRIGO.

Pois por isso mesmo: não lhe diga nada, chame-se á ignorancia.

SUZANO.

Concordo, sou tambem da sua opinião.

RODRIGO.

Aqui está no que dão as cavallarias altas.

SUZANO.

Mas lembro-me de outra cousa.

RODRIGO (*aparte*).

O que será? (*alto*) De que se lembra, compadre?

SUZANO.

De que sua comadre póde escrever-lhe uma cartinha perguntando se é verdadeira essa noticia, que se espalha a respeito da quebra.

RODRIGO.

E' peior a emenda que o soneto.

SUZANO.

E' isso, tem razão; concordo com seu parecer.

SCENA XII.

OS PRECEDENTES E ALFREDO.

ALFREDO.

Licença, Sr. Suzano ?

RODRIGO.

Ahi chega o Alfredo.

SUZANO, (*a Alfredo que entra*).

Meu bom amigo, póde entrar.

ALFREDO (*comprimentando*).

Sr. Suzano, Sr. Alferes, como passarão ?

RODRIGO.

Eu com muitas saudades suas ; já estava achando que se demorava.

SUZANO

E eu igualmente.

ALFREDO.

Mil vezes agradecido. (*á parte*) Estou casado, não tem duvida.

SUZANO.

Estava mesmo afflicto por vel-o de volta.

RODRIGO (*á parte*).

La vão começar os destemperos

ALFREDO.

Se é para alguma cousa do seu serviço, bem sabe que com muito gosto....

SUZANO.

Não, senhor, é que á vista do que me disse sobre os seus estudos de astronomia, resolvi mandar já estabelecer o nosso observatorio no quarto em que dorme minha mulher.

RODRIGO (*aparte*).

Oh ! o homem desmancha o casamento !....

ALFREDO.

Então ,tem de fazer a mudança do seu dormitorio ?

SUZANO.

Sem duvida : verdadade é que a senhora parece não querer deixar mesmo assim o quarto.

RODRIGO (*aparte*).

Então é impossivel fazerem-se as observações !

SUZANO.

Ora o quarto está collocado o melhor possivel, porque de um lado olha para o nascente, e do outro para o poente.

ALFREDO (*á parte*).

Que mania ! (*alto*) Comprehendo, Sr. Suzano.

SUZANO.

E assim, emquanto eu observo o poente, por exemplo.

RODRIGO (*acabando a frase*).

O Sr. Alfredo observará o nascente....

ALFREDO.

Justamente, diz muito bem, Sr. alferes. (*a parte*) Este alferes parece um gaiatão de bom gosto.

SCENA XIII.

OS PRECEDENTES E PERPETUA, *com uma carta aberta na mão e muito zangada.*

PERPETUA (*andando e dizendo cheia de raiva*).

Não se dá maior atrevimento! que audacia! escrever semelhante carta!.... (*Apenas Perpetua entra Rodrigo finge conversar com Alfredo*).

SUZANO.

O que, o que é isto, senhora?

PERPETUA.

Uma carta do Alfredo declarando que não se casa mais com Eulalia, porque ella esteve n'um baile mascarado com o tenente Jacintho!....

SUZANO.

Porém....

PERPETUA.

Porém eu quero uma satisfação já.

SUZANO *(baixo a Perpetua)*.

Olhe, olhe que está ali....

PERPETUA *(olhando rapidamente)*.

Vinha tão fóra de mim que nem reparei que havia visita. *(Rodrigo e Alfredo sempre entretidos, e em distancia, Alfredo de costas para Perpetua)*.

SUZANO *(baixo a Perpetua)*.

Mas senhora, não entendo isto: o Alfredo está aqui conversando; é impossivel o que me acaba de dizer....

PERPETUA.

O senhor cada vez perde mais o juizo: pois não está vendo aqui a carta?

SUZANO.

Não é possivel, senhora....

PERPETUA *(zangado)*.

Este homem é capaz de fazer um santo commetter um crime! *(olhando furioso para Suzano)*.

SUZANO.

O Alfredo está ali conversando com o compadre: até já nos mostrou a carta que a senhora lhe escreveu; eu a li, e vi a sua assignatura.

PERPETUA.

Pois aquelle homem tem a carta que eu escrevi?

ZUZANO.

Tem, tem; o compadre tambem viu-a.

PERPELUA.

Eu quero fallar com elle. (*Dirige-se em voz alta a Alfredo, que nessa occasião vem tambem voltando-se para o lado em que Perpetua está*). Venho pedir-lhe desculpa, pois só agora foi que reparei que se achava aqui na sala uma pessoa estranha.

ALFREDO.

Oh! minha senhora, não tem de que desculpar-se.

SUZANO.

A senhora veio perturbada por um incidente que eu mesmo não sei explicar.

PERPETUA.

Ha de perdoar-me que lhe pergunte se recebeu uma carta minha.

ALFREDO.

Sim, minha senhora, e agradecendo o alto conceito que faz de minha pessoa, já teria tambem tido occasião de fallar a V. Ex. se não tivesse havido aquelle incidente da prisão: por isso aqui me acho de novo para receber as suas ordens.

PERPETUA.

Porém o senhor é....

ALFREDO.

Alfredo da Silva, criado de V. Ex.

PERPETUA.

Como? pois o senhor chama-se tambem Alfredo da Silva?

ALFREDO.

Sim, Exm. Sra., e fórmo-me este anno em medicina.

RODRIGO (*á parte*).

E esta! se continuo nesta casa fico doudo!

SUZANO (*á parte a Rodrigo*).

Compadre, que historia é esta?

RODRIGO (*a Snzano*).

São os casos extraordinarios que só aqui acontecem!

PERPETUA (*mostrando a carta que tem na mão*).

Então, não foi quem escreveu, nem assignou esta carta?

ALFREDO (*vendo a carta que Prepetua lhe dá*).

Não, minha senhora, a minha letra é inteiramente diversa.

PERPETUA.

Mas, disse-me ha pouco, que tinha recebido uma carta minha....

ALFREDO.

E' verdade: (*tirando a carta da algibeira*) eil-a aqui (*mostrando-a a Perpetua*).

PERPETUA (*olhando para carta*).

E' a minha carta, é a minha letra; é a minha propria assignatura ! !

RODRIGO (*á parte*).

Que charada! (*alto*) Comadre, dê-me licença, diga-me, essa carta é assignada por?....

PERPETUA.

Por Alfredo da Silva (*da a carta a Rodrigo que a lê para si*).

SUZANO.

Está uma complicação que eu não entendo.

ALFREDO (*a parte*).

Como acabará isto hoje ? !

RODRIGO. (*depois de ter pensado*).

Está desatado o nó gordio !

SUZANO (*com interesse*).

Então, o que é, compadre ?

RODRIGO.

O nosso correio quer tambem usurpar os direitos dos Bispos.

ALFREDO (*a parte*).

Que patuscão!

SUZANO.

Porem, Compadre....

PEREETUA.

Espere, Sr. Suzano.

RODRIGO.

Sim, digo muito bem, porque, pelo que acabo de ver, ia-se arranjando ou desarranjando um casamento por causa do correio.

SUZANO.

E' verdade, é verdade.

RODRIGO (*para Alfredo*).

O Sr. Alfredo, com quem muito sympathiso, acaba de dizer que é estudante de medicina, e que se formará este anno.

ALFREDO.

Se não fôr reprovado.

RODRIGO.

Ora bem, eu e o compadre não conheciamos o seu chará, que é negociante, e o pretendente, a quem a comadre escreveu.

SUZANO.

Percebo, são dous gemeos, que não são irmãos!....

RODIRGO. (*continuando*).

....e como não o conhecessemos, apresentando-se o senhor com o mesmo nome, e de mais a mais com a sua patente de noivo passada pela comadre, nada mais natural do que ser por nós considerado o candidato genuino.

ALFREDO (*a parte*).

Fiquei com cara de tolo! (*alto e com resolução*) Porém Sr. Suzano, eu creio que todos os successos deste mundo são dirigidos pelo dedo da Providencia.

SUZANO.

Sou tambem da sua opinião.

RODRIGO (*aparte*).

O rapaz é cá dos meus. (*Alto*) Apoiado!

ALFREDO.

Ha muito que eu nutria uma paixão violenta pelo precioso objecto desta questão; ultimamente, eu o confessarei, dirigi-lhe uma respeitosa carta em que declarava que vinha pedir a sua mão de esposa; e nada mais natural do que, recebendo eu a carta da Ex.ma Sra. D. Perpetua, depois dessa minha declaração, suppôr que era sem duvida a mim mesmo a quem ella se dirigia, não só pela igualdade dos nomes, como pela materia da carta; entretanto occorrem estas circumstancias....

RODRIGO.

E o seu chará escreveu dizendo que não quer casar-se.

ALFREDO.

....circumstancias, que pelo seu encadeiamento bem mostrão que é o dedo da Providencia que indica qual a senda, que devo seguir.

SUZANO.

Concordo inteiramente com a sua opinião.

RODRIGO (*áparte*).

O rapaz é um finorio!

PERPETUA.

Porém, á vista de tudo isto, não sei mesmo o que fazer.... Compadre....

SUZANO.

Sim; é uma complicação....

ALFREDO (*com resolução*).

O casamento e a mortalha no céo se talha:— Sr. Suzano, minha senhora, eu peço a mão da Ex.ma Sra. D. Eulalia!....

RODRIGO (*para a frente da scena*).

Esta foi de obrigar espadilha!

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUINTO.

A mesma sala do primeiro acto.

SCENA I.

RODRIGO, SUZANO E PERPETUA.

RODRIGO.

Eu estou pelo que diz o Alfredo: aqui anda o dedo da Providencia.

SUZANO.

Sou tambem da sua opinião.

PERPETUA.

Mas então, que me dizem da carta do tal Sr. Alfredo?

RODRIGO.

E' verdade; eu a li: dizer que não se casa com a Eulalia porque vio a menina n'um baile mascarado com o Tenente Jacintho.... que pretexto!...

PERPETUA.

Mas é uma calumnia, um insulto....

SUZANO.

E' verdade; é um insulto, uma calumnia, sou tambem da mesma opinião.

RODRIGO.

Bem; isso está passado: já se vê que esse sujeito é um tratante. O que é preciso agora é fazer ver a Eulalia, que o Alfredo, de quem lhe fallei, não é o mesmo que ella conhecia; mas um moço, que vai tomar o gráo de Doutor este anno, e um bello rapaz.

SUZANO.

Sim, sim; e que tem muito gosto pela minha sciencia.

PERPETUA (*aparte*).

Qual! E' impossivel que aquelle moço seja maluco! (*Alto*). Pois então (*a Rodrigo*), eu e seu Compadre vamos para dentro, e faremos que a menina venha conversar com o senhor, a ver se lhe tira da cabeça a idéa do convento.

SUZANO.

Sim; trate de persuadil-a, dizendo-lhe até que o moço tem estudos de Astronomia. (*Vai-se Perpetua e Suzano*).

SCENA II.

RODRIGO (*só*), *e pouco depois* EULALIA.

RODRIGO.

Agora estou eu mesmo como um Frade!.... dando conselhos, e apontando o melhor caminho a seguir neste valle de lagrimas!.... Seja tudo pelo amor de Deos! Felizmente vou melhor do meu rheumatismo: creio que estes variados lances, porque tenho passado tem produzido um benefico resultado: ao menos tem havido esta vantagem, que para mim é immensa.

EULALIA (*entrando e perguntando*).

Então, Sr. Alferes, que me diz a tudo isto?

RODRIGO.

O que mais de uma vez tenho dito; que é mesmo uma Comedia!....

EULALIA.

Vejão só se o coração não adivinha?.... o tal Sr. Alfredo.... que pretexto foi elle buscar?!.... demais a mais, um insulto!...

RODRIGO.

Menina, nisto tudo anda o dedo da Providencia!

EULALIA.

Oh! se anda!

RODRIGO.

Inda bem! já sabes, pelo que vejo, do engano do correio?....

EULALIA.

Sim ; Mamãe me explicou tudo.

RODRIGO.

Pois bem ; este Alfredo 2º.... tu deves já saber quem é.... anda lá.

EULALIA.

Quem ? Eu ?

RODRIGO.

Sim ; elle mesmo confessou-nos que te havia escripto dizendo que ia pedir-te em casamento ; e essa circumstancia foi o que mais o persuadio que a carta de tua mãe era a resposta favoravel.

EULALIA.

Sr. Alferes, eu não abro carta nenhuma dessas que vem sem sobrescripto ; rasgo-as logo, e não quero saber o que ellas dizem.

RODRIGO.

Pois desta vez fizeste mal : este é um bello rapaz, fórma-se este anno em Medicina, e tem por ti uma paixão maior do que teu pai pela Astronomia.

EULALIA.

Sim ; papai disse que elle tem tambem esses estudos.

RODRIGO.

Qual ! elle disse isso para agradar ao Compadre : o rapaz é bom ; parece-se com os do meu tempo.

EULALIA.

Mamãi tambem faz-lhe grandes elogios.

RODRIGO (*aparte*).

O negocio vai tomando boa feição. (*Alto*) Olha, menina: isto está como no voltarete: já te cortarão dous reis, o Napoleão, e o Alfredo 1º; não deves perder o 3º, senão talvez leves codilho.

EULALIA.

Eu mesma, Sr. Alferes, não sei o que hei de fazer: mas nem conheço esse moço.

RODRIGO.

Has de vel-o, has de vel-o: elle tem de voltar: o que eu quero é que te deixes de idéas de Convento; e que me digas se estás disposta a acceitar este; olha que é cá da minha escolha.

EULALIA (*suspirando*).

Ai, ai! O meu primeiro amor.... o meu primeiro amor....

RODRIGO (*aparte*).

Mau! (*alto*) Mas isso não é possivel conciliar-se, porque casando-te tu com Alfrodo 2º....

EULALIA.

Ah! eu morro, meu Deos! não sei o que tenho!....

RODRIGO.

Está bem ; está bem : vai tomar um pouco de ar; esta sala está muito quente.

EULALIA.

Vou dizer a mamãi que mande chamar um medico.

RODRIGO.

Pois sim ; e eu vou ver um padre p'ra te confessar.

EULALIA.

E o Sr. sempre brincando; vou já para dentro. (*vai-se*).

SCENA III.

RODRIGO (*só*) *e pouco depois* PAMPLONA.

RODRIGO.

Que menina teimosa ! não é possivel convencel-a....

PAMPLONA (*entrando*).

Ora, Sr. Alferes, está o beneficio transferido.

RODRIGO.

E que tenho eu com isso?....

PAMPLONA.

Já tinha encommendado dez bouquets lindissimos, e agora....

RODRIGO (*atalhando*).

Agora o que o senhor deve fazer é ir já p'ra casa consolar seu pai; talvez nem saiba ainda o que lhe acontecu?

PAMPLONA (*algum tanto assustado*).

O que foi? quebrou talvez o carro?....

RODRIGO.

Não é o carro, é seu pai mesmo que está quebrado... está fallido!

PAMPLONA.

Como? pois é possivel?

RODRIGO.

E' real: eu não lhe dizia? e o senhor sem officio, nem beneficio!.... agora é que hade comer gatos e rãs; acabarão-se os maxixes, gilós e cavallões do cabo.

PAMPLONA.

Oh! isto só pelo diabo! e o beneficio transferido.... Sr. Alferes, eu vou saber que novidade é essa.

SCENA IV.

RODRIGO *só*, (*e pouco depois Alfredo negociante.*)

RODRIGO.

Rodrigo isto foi castigo do céo! Um homem rico, que não era capaz de fazer uma esmola a ninguem; e que

entretanto deixava que o filho esbanjasse as mãos cheias e qne vivesse como um libertino!.... Tenho visto cousas neste mundo, que parece mesmo que é Deos que as manda directamente!....

ALFREDO (*entrando cortezmente e dirigindo-se a Rodrigo*)

Não sei se é ao Sr. Suzano a quem tenho a honra de dirigir-me.

RODRIGO.

Eu sou o alferes Rodrigo, seu compadre, que aqui tambem mora: tenha a bondade de dizer-me o seu nome para ir chamal-o.

ALFREDO.

Alfredo da Silva, criado de V. S.

RODRIGO.

Alfredo da Silva?! meu amigo, o melhor é ir-se já embora.

ALFREDO.

Porém eu venho dar uma explicação, e retirar todas as expressões que empreguei em uma carta....

RODRIGO (*atalhando*).

Em uma carta, é isso mesmo. O senhor fez muito mal em inventar uma calumnia tão negra.

ALFREDO.

Sr. Alferes ,peço que me ouça um momento.

RODRIGO.

Pois avie-se depressa, que póde chegar alguem.

ALFREDO.

Estando eu no ultimo baile do carnaval com o meu amigo Dr. Estevão, encontrei uma moça mascarada, que comigo conversou duas ou tres vezes, e no pouco que disse fallou-me sobre pontos que só quem mora aqui poderia saber: ao findar o baile apparece um mascara na occasião em que esta moça estava junto de mim, e collocando-se de proposito na minha frente, descobrio o rosto.

RODRIGO.

E quem era esse mascarado ?

ALRFEDO.

O tenente Jacintho.

RODRIGO.

Oh lá ! o Napoleão ?!....

ALFREDO.

Chama a moça pelo nome de D. Eulalia, ella enfia-lhe o braço, e retira-se rindo-se mesmo nas minhas faces...

RODRIGO.

Mas o senhor não viu logo pela voz que....

ALFREDO.

Nos bailes do carnaval todos os mascarados fallão com a voz mudada....

RODRIGO.

Então comeu a móca?....

ALFREDO.

Cheio de colera escrevo immediatamente aquella carta á Sra. D. Perpetua; mas depois de a ter mandado sei do meu amigo Dr. Estevão, que é medico da casa de sua visinha D. Thomasia, que ella, a filha, e o tal tenente Jacintho ajustarão-se para fazer esta intriga, o que elle percebera indo no dia seguinte a um chamado dessa casa.

RODRIGO.

Olhem que diabo de mulher! Como ella sabe de tudo quanto aqui se passa!.... E' capaz até de fazer uma insurreição militar!.... (*para Alfredo*) Tudo isso está muito bem explicado; mas....

ALFREDO.

Mas uma vez assim justificado....

RODRIGO.

Sim, mas não é possivel mais....

ALFREDO.

E porque?

RODRIGO.

Porque o senhor tem um chará no nome todo, que se fórma em medicina este anno, e a quem por engano o correio levou uma carta, em que a Sra. D. Perpetua e seu marido davão o seu consentimento para que o senhor se casasse com a Sra. D. Eulalia; occorrendo porém

a historia desta sua carta, e apparecendo o seu chará, que até trazia no bolso a carta extraviada, ficou decidido que a moça casaria com este ultimo ; e está tudo assim determinado: não ha por tanto mais remedio: queixe-se do demonio dessa mulher ahi de cima, e console-se com saber que o tal tenente Jacintho está de gaiola, e talvez tenha de ser fuzilado.

ALFREDO.

Oh ! que decepção ! que vergonha ! estou coberto de ridiculo ! Sr. Alferes, peço-lhe que nem diga que aqui vim.

RODRIGO.

Vá, vá, meu amigo; é ter paciencia. (*vai-se Alfredo*)

SCENA V.

RODRIGO (*só*).

Qual ! as cousas não parão ainda aqui ! Vejão só que diabrura ! A mulher tem uma astucia de mil diabos ! Eu vou fechar-me com o jogo; e só depois da lua de mel dos noivos é que contarei o negocio. Ah ! Se a comadre soubesse desta intriga da jararaca, dava-lhe o tiro na cabeça ! Bem desconfiava ella da peste da visinha !.... Mas em fim Deos escreve direito por linhas tortas !....

SCENA VI.

O PRECEDENTE, PERPETUA E SUZANO.

SUZANO.

Eu dava-lhe agora mesmo uma pilula.

PERPETUA.

Deixe-a socegar, Sr. Suzano: ella parece estar mais calma.

RODRIGO.

Então, algum ataque na menina ?

SUZANO.

Creio que é um espasmo em todas as arterias, e uma complicação do baço com o systema nervoso.

RODRIGO.

Isso de complicações apparecem aqui um cento de vezes.

PERPETUA.

Compadre, a menina está seriamente doente, eu vou mandar chamar um medico.

RODRIGO.

Talvez que mesmo o noivo Alfredo possa receitar-lhe já alguma fomentação; elle fórma-se este anno....

SUZANO.

Lembra bem, sou tambem da sua opinião.

PERPETUA.

Ella não quer ouvir fallar em semelhante nome. Meu Deos! o que será de mim, se esta menina morre! Ah! estou inquieta; vou já para junto della. (*vai-se Perpetua*)

RODRIGO.

Porém, Compadre, isto está máo.

SUZANO.

O que?

RODRIGO.

Sua filha não quer casar, nem mesmo com o Alfredo 2°; o rapaz tem de vir saber da decisão; e é uma pena....

SUZANO.

E' verdade: é uma pena! um moço tão habilitado em Astronomia.

RODRIGO.

E que remedio se ha de dar neste caso?

SUZANO.

Para lhe fallar com franqueza....

RODRIGO.

Vamos, vamos ouvir a sua opinião: o Compadre tem boas idéas.

SUZANO (*pensando.*)

As minhas idéas.... as minhas idéas....

RODRIGO.

Sim; o Compadre ás vezes tem muito boas idéas.

SUZANO.

As minhas idéas a respeito deste casamento são ainda melhores do que quando eu pretendi ser sogro de Napoleão.

RODRIGO.

Valha-me Deos! até ahi nada adianta: isto cá não se compara com aquelle valdivinos, que está já pagando na prisão o mal que ia causando á sua familia.— O que eu lhe peço é que lembre alguma idéa para fazer com que a menina case com o Alfredo.

SUZANO.

Não tinha percebido o seu desejo: nesse caso....

RODRIGO (*aparte*).

Nada vezes nada é nada.

SUZANO.

Compadre, eu mesmo não sei o que se ha de fazer.

RODRIGO

Pois então vá esta que agora me occorre.

SUZANO.

Sim, Compadre, ha de ser por força muito boa idéa.

RODRIGO.

A Eulalia não conhece o Alfredo 2º: como ella está

doente, e elle já tem quasi o cabo do—D—R—para pôr antes do nome, manda-se-lhe dizer que venha sem demora aqui.

SUZANO.

Concordo.

RODRIGO.

E quando chegar, explica-se-lhe que a menina está doente; pede-se para que elle mesmo a trate; é provavel que ella, á vista do mocetão, melhore, e diz-se-lhe depois, que o seu doutor é tambem o seu pretendente. Que tal?

SUZANO.

Concordo inteiramente com a sua opinião: eu não era capaz de lembrar-me de um plano tão bom.

RODRIGO.

Estou reformado em Alferes; mas podia ser um General; ao menos sei fazer optimamente um plano.

SUZANO.

Bem; então, vou mandar chamal-o.

RODRIGO.

Um bilhetinho concebido nestes termos: "Ao Sr. Alfredo da Silva roga o seu venerador Suzano o obsequio de chegar já e já á sua casa para um negocio de muita importancia."

SUZANO.

Está dito: vou já e já escrever-lhe essas mesmas palavras.

RODRIGO.

Sim ; é quanto basta. (*Vai-se Suzano*).

SCENA VIII.

RODRIGO (*só*).

E eu não estou quasi bom do rheumatismo ?! Vou annunciar pelo *Jornal* agradecendo ao meu Compadre Suzano, que apezar de não ser doutor fez-me este estupendo milagre : e o annuncio ha de sahir com a minha firma reconhecida !.... Na realidade ! isto foi um milagre ! Hei de aconselhar a todos os que padecerem deste mal diabolico que basta passar algum tempo nesta casa para ficarem completamente curados ! A variedade dos lances, o inesperado das lembranças, o desconchavo das idéas, e desharmonia que reina constantemente nesta incomparavel morada, produzem uma acção maravilhosa ! Quem diria que eu havia de estar tão bom como estou, que até já posso fazer uma pirueta com esta perna ! (*Faz uma pirueta*) Hei de mesmo lembrar ao Compadre que ponha uma grande taboleta na frente do sobrado com um letreiro, representando cada letra diversos doentes em differentes posições, e onde se leia em caracteres gigantescos :— Casa de Saude — especialidade — Rheumatismos de toda a especie !

SCENA IX.

O PRECEDENTE E SUZANO.

SUZANO.

Já escrevi, e já mandei : a rua em que elle mora, é a de S. Pedro, não ? Parece-me que o Compadre disse-nos já onde elle morava.

RODRIGO.

Justamente, na rua de S. Pedro : elle m'o disse. E a carta foi nos mesmos termos em que combinamos ?

SUZANO.

Exactamente : apenas accrescentei depois das palavras — para um negocio de importancia,— o seguinte : e muito agradavel para o senhor.

RODRIGO.

Esse accrescimo é que não foi bom.

SUZANO.

Mas porque ? Duas palavrinhas só ! . . . .

RODRIGO.

Porém palavrinhas, que não cabião : ver a noiva doente, não tem nada de agradavel.

SUZANO.

E' verdade : concordo.

RODRIGO.

Mas, emfim ; lá foi : e quem levou a carta ?

SUZANO.

Foi o José creoulo.

RODRIGO.

Está bem; esse é um moleque ladino, e vivo.— Mas, diga-me, Compadre, como vamos de faniquitos lá por dentro.

SUZANO.

Parece-me que a menina vai melhorando.

RODRIGO.

Derão-lhe algum chá?

SUZANO.

A senhora fez uma tisana immensa; mas ella não tem querido beber: o que faz é só pedir agua com assucar.

RODRIGO.

Essa é que é a verdadeira medicina para ella.

SUZANO.

Porém eu vendo que podia haver algum derramamento no baço proveniente do espasmo das arterias, appliquei-lhe outra cousa.

RODRIGO.

Compadre, o que applicaria o senhor? Olhe que isto não são brincadeiras.

SUZANO.

Desfiz occultamente uma pilula, e lancei-a no copo, em que ella está bebendo a agua.

SCENA X.

OS PRECEDENTES E PERPETUA (*que chega a scena correndo e gritando*).

PERPETUA.

Compadre, acuda que a menina está morrendo.

RODRIGO (*a Suzano*)

Eu não digo? é a pilula.

SUZANO.

Não ha de ser nada. (*vão-se os tres*).

SCENA XI.

ALEREDO *negociante, só, que entra apenas sahem os tres.*

ALFREDO.

Vejamos: talvez tudo venha a remediar-se. Bem me parecia que assim justificado, nenhuma duvida haveria em ser eu o esposo daquella encantadora menina,que a mulher a mais perversa do mundo quiz roubar-me.

SCENA XII.

O PRECEDENTE E RODRIGO *que vem entrando e dizendo, sem reparar em Alfredo.*

RODRIGO.

Felizmente não é nada: achou amargosa a agua por causa da pilula, e teve um engulho: eis a causa do espalhafato. (*dando com Alfredo*) Oh! Sr. Alfredo! pois

ainda quer fazer jogo? peça resposta, meu amigo, senão o codilho é certo.

ALFREDO.

Sr. Alferes, quando ha poucos momentos sahi, estava disposto a não voltar mais a esta casa, e até a fazer uma viagem.

RODRIGO.

E é o melhor.

ALFREDO.

Porém occorre uma circumstancia inesperada, que talvez o senhor mesmo ignore.

RODRIGO

Póde mnito bem ser: aqui ha todos os dias uma serie de factos tão extraordinarios, que eu estou já de modo, que de nada mais me admiro. Então, o que ha de novo?

ALFREDO.

Estava eu em caminho, quando ouço um chamado; volto-me, e dou com um moleque, que me conhece por ter-me visto aqui quando frequentava a casa.

RODRIGO (*á parte*).

Ai, ai, ai!

ALFREDO. (*continuando*).

Entrega-me uma carta do Sr. Suzano escripta de um modo que eu não pude traduzir senão como como a acceitação da minha explicação.

RODRIGO.

Isto é maravilhoso! Eu fujo desta casa apezar de curar-me do rheumatismo.

ALFREDO.

Mas não comprehendo, Sr. Alferes....

RODRIGO.

O senhor é pela segunda vez victima de um logro.

ALFREDO.

Que diz, Sr. Alferes?

RODRIGO.

Essa carta.... deixe-me ver esssa carta: (*Alfredo mostra-lhe a carta*) essa carta é para o seu chará que é medico, ou quasi medido vir tratar da noiva, que está com um faniquito.

ALFREDO.

Esta só a mim acontece!

RODRIGO.

O melhor é mudar de nome, e fazer um annuncio por oito dias no jornal em letras bem grandes.

ALFREDO

Vou tomar já uma uma passagem no paquete, e parto para a Europa.

RODRIGO.

Apoiado; fica livre dos enganos.

ALFREDO.

Sr. Alferes, desculpe-me; ás suas ordens. (*vai-es retirando*).

RODRIGO.

Cá por mim está absolvido, é póde ir até para o céo

SCENA XIII.

O PRECEDENTE E SUZANO

SUZANO.

E o Alfredo nada de vir!

RODRIGO (*á parte*).

Estou quasi a dizer-lhe. (*alto*) Por ora nada, mas a menina vai melhor, não?

SUZANO.

Está agora passando pelo somno.

RODRIGO.

Bom, então nada de despertal-a.

SUZANO.

Creio que é effeito da pilula.

RODRIGO.

Ha de ser, ha de ser.

SUZANO.

Mas é máu estar tardando o Alfredo.

RODRIGO (*á parte*).

Não posso resistir. (*alto*) Ora, compadre, estive aqui pensando em uma cousa, que havia de ter muita graça.

SUZANO.

Em que, compadre?

RODRIGO.

Por exemplo, si se trocão as bolas, e o José crioulo, que provavelmente ha de conhecer o Alfredo negociante, vai dar-lhe a carta que o senhor escreveu ao Alfredo medico, pensando que se trata do primeiro....

SUZANO.

Póde bem acontecer; e talvez que esta seja a causa da demora.

RODRIGO.

Parece-me que é mesmo isso.

SUZANO.

Pois deveras?

RODRIGO.

Não, eu é que supponho. (*á parte*) Nada de mais complicações.

SCENA XIV.

OS PRECEDENTES E UM CAIXEIRO.

CAIXEIRO.

V. S. dá licença ?

SUZANO.

Entre quem é.

CAIXEIRO.

Meu amo ali da loja do canto mandou avisar a V. S. que lá mesmo ao pé da loja estão uns meirinhos conversando, e dizendo que vem fazer uma penhora aqui.

RODRIGO (*com colera*).

O' homem dos diabos, safe-se daqui. (*o caixeiro sahe logo.*)

SUZANO

O que será, compadre ?

RODRIGO.

Compadre, eu mudo-me agora mesmo: isto já é de mais.

SUZANO.

Mas eu não devo nada....

RODRIGO.

Eu mudo-me ; já estou bom do rheumatismo.

SUZANO.

Porém, o que devo eu fazer agora ?

RODRIGO.

E' mandar benzer esta casa que tem por força o diabo atraz da porta.

SUZANO.

Mas é uma vergonha.

RODRIGO.

Uma vergonha immensa ! eu tenho esta idade, e nunca assisti a semelhante cousa.

SUZANO.

Eu vou a janella ver o que ha. *(vai-se Suzano)*,

SCENA XV.

RODRIGO.

Era só o que faltava ! meirinhos em casa ! que vergonha ! meu Deos ! que vergonha ! O que ha de dizer esta visinhança toda ?! que aqui morão caloteiros, e gente sem brio !—Está decidido; deixo a casa desaude; já estou curado ; e dispensava até esta ultima applicação. Mas, que diabo ! isto é por força algum engano : haverá tambem outro sujeito com o mesmo nome, sobrenome e appellido do compadre ?!....

SCENA XVI.

O PRECEDENTE E SUZANO.

SUZANO.

Lá estão elles, é verdade : estão conversando, e olhando para cá.

RODRIGO.

Inda o senhor me diz isso, Compadre? Quem não deve, não teme: o senhor deve alguma cousa?

SUZANO.

Cousa nenhuma: compro tudo a dinheiro.

RODRIGO (*aparte*).

E' verdade: e tem uma fortunazinha bem boa.

SUZANO.

Vou mandar hoje mesmo um annuncio para o *Jornal* declarando que nada devo.

RODRIGO.

De que serve semelhante annuncio, se elles tem de vir cá hoje?— Sabe o que deve fazer?

SUZANO.

Então, o que é?

RODRIGO.

E' ir já e já fallar-lhes na rua, e saber o que pretendem esses malsins, não deixando por modo nenhum que aqui entrem.

SUZANO.

Concordo.

RODRIGO.

Mas não ha tempo a perder: já e já, Compadre.

SUZANO.

Vou buscar o chapéo, e por em pratica o seu conselho. (*Sahe Suzano*).

SCENA XVII.

RODRIGO E PERPETUA.

PERPETUA.

Onde vai seu Compadre a toda a pressa, e todo assustado, Sr. Alferes ?

RODRIGO.

Vai impedir que os meirinhos entrem em sua casa, e que se faça aqui uma penhora.

PERPETUA.

Uma penhora ?!....

RODRIGO.

E' verdade, uma penhora : já vio, Comadre, que vergonha !

PERPETUA.

Oh ! eu fico louca !

RODRIGO.

Porém socegue ; tudo se ha de remediar.

PERPETUA.

Mas nós não devemos cousa nenhuma.

RODRIGO.

E' por isso mesmo que o Compadre foi entender-se com elles, e evitar que a visinhança faça um máo juizo vendo entrar os officiaes.

PERPETUA.

Ora isto!....

RODRIGO.

Bem; mas como vai a menina?

PERPETUA.

Está melhor, e já accordou; está mesmo mais animada.

RODRIGO.

Valha-nos essa boa nova.

PERPETUA.

O Alfredo é que está tardando.

RODRIGO.

Deos permitta que não chegue emquanto os taes Meirinhos não se retirarem.

PERPETUA.

Era talvez um motivo para não casar-se.

RODRIGO.

Lá isso não; explicava-se-lhe, e demais....

PERPETUA (*atalhando*).

Mas como sabe o senhor que é para cá que elles vem?

RODRIGO.

O logista alli do canto mandou pelo caixeiro avisar ao Sr. Suzano.

PERPETUA.

Inda mais essa!

SCENA XVIII.

OS PRECEDENTES E SUZANO (*acompanhado dos Meirinhos*).

SUZANO.

Está tudo arranjado.

RODRIGO (*aparte*).

Com mil diabos! o homem foi em pessoa buscar os casacas de ferro! (*Alto*) Então, que é isto, Compadre?

SUZANO.

Tranquille-se; o negocio não é para cá.

PERPETUA (*baixo a Suzano*).

Então, para que fez subir os homens, Sr. Suzano?

RODRIGO (*aparte*).

Da vergonha já ninguem nos livra (*Alto*). Então, o que pretendem os senhores, Compadre?

SUZANO.

Fazer uma penhora em casa de D. Thomasia.

PERPETUA.

Inda mais esta!... por causa desta jararaca!... Oh!

RODRIGO.

Esta mulher é o demonio, e esta casa o inferno!....

SUZANO (*aos Meirinhos*).

Os senhores subão por aqui; (*mostrando a porta*) ella mora no segundo andar. (*Os Meirinhos vão-se*).

RODRIGO.

Compadre, o senhor fel-a bonita!

PERPETUA (*aparte*).

Este homem só acerta por erro! Já nem posso encaral-o! (*Vai-se*).

SUZANO.

Mas uma vez que não é para minha casa....

RODRIGO.

Porém isso é o que a visinhança ignora.

SUZANO.

Amanhã sahe o annuncio.

RODRIGO.

Compadre, eu vou passar uma temporada no seu sitio, e parto amanhã já....

SUZANO.

Mas essa resolução....

RODRIGO.

Já eu devia ter tomado, ha mais tempo.

SUZANO.

Não ; não é possivel ; ha de assistir ao casamento, e ser um dos Padrinhos.

RODRIGO.

Pois bem, virei no dia das bôdas e voltarei logo depois.

SCENA XVIX.

OS PRECEDENTES E PERPETUA.

PERPETUA.

Ora isto ! lá está a Eulalia em prantos.

RODRIGO.

Outra novidade já, Comadre ?

SUZANO.

E' que o espasmo continúa : mais outra pilula, senhora.

PERPETUA.

A jararaca, e a filha desatárão n'uma choradeira quando virão os Meirinhos, e estão a lamentar-se como umas carpideiras, dizendo que não tem ninguem quə lhes possa valer, que a penhora é por causa de 300$ mil réis.

SUZANO.

Na verdade....

RODRIGO.

Que desgraça, coitadas !....

PERPETUA.

E a Eulalia por isso está tambem chorando, e quer que seu Compadre vá pagar os homens.

RODRIGO.

Aquillo é um Anjo no rosto, e no coração.

PERPETUA.

Mas a vontade que eu tinha era....

RODRIGO.

Comadre, isto é uma desgraça.... (*dirigindo-se a Suzano*) Compadre, eu lhe peço tambem, faça a vontade a Eulalia.

PERPETUA (*vendo Rodrigues commover-se*).

Pois vá, Sr. Suzano ; eu perdôo tambem a essa vibora, comtanto que elle se mude.

RODRIGO.

Apoiado ; que se mude quanto antes.

SUZANO.

Ora vamos lá com essa despeza ; com este dinheiro podia comprar mais alguns instrumentos para o meu observatorio (*vai ao 2º andar*).

RODRIGO (*a Perpetua*).

Diga a Eulalia, Comadre, que já se foi pagar a divida, para que ella fique mais satisfeita.

PERPETUA.

Vou dar-lhe essa noticia ; que alma tão bemfazeja ! (*Vai-se Perpetua*).

SCENA XX.

RODRIGO (*só*).

Está decidido : amanhã ponho-me de viagem ; isto aqui é peior do que uma casa de telegrapho, que a todos os instantes está dando novidades.—Mas esta ultima fez-me dar seriamente o cavaco : e demais a mais vir o Compadre acompanhado dos officiaes de justiça ! Este homem não tem um segundo, que com elle se pareça, nem de longe ! No meio de tudo isto o que me commoveu foi a acção daquella innocente menina : é impossivel que não ache um bom casamento ! Deos ha de recompensal-o, assim como tem punido os causadores dos seus desgostos : e o mais é que todos elles tem pago ! O Napoleão em Santa Helena ; o Felicio, quebrado e feito em caquinhos ; o Alfredo duas vezes coberto de ridiculo por julgal-a capaz daquella acção tão aviltante ; a jara-

raca com uma penhora ás costas, e salva por aquelles mesmos a quem procurava fazer mal! E digão que não se começa já a pagar neste mundo?! Oh! si se paga! O que me consola é que assim como os máos estão já soffrendo, o meu Anjinho vai dentro em breve ser feliz casando-se com o Alfredo, a quem a sorte destinou para marido de tão virtuosa menina.

SCENA XXI.

O PRECEDENTE E SUZANO.

SUZANO.

Eis-me de volta: está tudo em paz.

RODRIGO.

O dinheiro é como sol; espanca as trevas da miseria, e dá alegria ao coração o mais melancholico.

SUZANO.

A filha teve um desmaio; mas eu appliquei-lhe logo uma pilula; felizmente tinha a caixinha na algibeira.

RODRIGO (*áparte*).

Já tardava alguma (*alto*). Bem; está tudo arranjado; e ellas ficarão de mudar-se?

SUZANO.

Sim; vão morar em Nictheroy.

RODRIGO (*pondo as mãos para o céo*).

Louvado seja Deos, que se compadeceu das nossas tribulações!

SCENA XXII.

OS PRECEDENTES E O DR. CARLOS (*que é moço, caracter jovial, e vem todo vestido de preto, e muito aceiado*).

DR. CARLOS (*entrando e dizendo com muita alegria*).

Quem é vivo, sempre apparece! Sr. Suzano, aposto que já não me conhece mais?

RODRIGO (*aparte*).

Ai! que resuscitou El-Rei D. Sebastião!....

SUZANO (*como quem reconhece o Dr. Carlos*).

Oh! pois não! conheço! O senhor é o irmão do defunto seu mano José: como está, meu amigo?

DR. CARLOS.

Sr. Alferes, como passa?

RODRIGO.

Como velho, Sr. Dr. Carlos; e V. S. forte e bem disposto?

DR. CARLOS.

Os ares do Sul (*a Suzano*). Toda a sua familia....

SUZANO.

Vamos indo; vamos indo: quando chegou, Sr. Doutor?

DR. CARLOS.

Não ha ainda 4 horas que saltei do *Tocantins:* tive uma pessima viagem.

SUZANO.

Havia de ser por causa da conjuncção da lua com o planeta Venus.

RODRIGO.

Então, diga-nos, Sr. Doutor, já está casado, já tem algum filhinho, não é assim?

SUZANO.

E' verdade podemos dar-lhe os parabens, não, Doutor?

DR. CARLOS.

Solteiro, como quando d'aqui parti.

RODRIGO (*aparte*).

Máo! temos complicação!

SUZANO.

Solteiro?! é verdade que tambem a minha Eulalia ainda o está.

RODRIGO (*aparte*).

Isto agora parece de encommenda (*alto*). E foi feliz na sua defeza?

SUZANO.

E' verdade: o seu cliente não foi enforcado?

DR. CARLOS.

Unanimemente absolvido.

RODRIGO (*aparte*).

Está com os trinta contos! Que pechincha! comprou todos os trunfos!

SUZANO.

Mas demorou-se tanto, que por isso pensei ter havido alguma complicação por lá.

RODRIGO (*aparte*).

Por cá é que ha agora uma grande complicação.

DR. CARLOS.

E' verdade que me demorei: tive de fazer uma viagem para o interior, afim de visitar um tio meu, que se achava doente, e que falleceu: era um tio, que muito me presava, tanto, que deixou-me por seu universal herdeiro.

SUZANO.

Muitos parabens, meu amigo, muitos parabens.

DR. CARLOS.

Eis a causa da demora: tive de liquidar essa fortuna, que orça por perto de 500 contos.

RODRIGO (*aparte*).

Esta é a melhor novidade que aqui tem apparecido.

SUZANO.

Oh ! isso é verdadeira felicidade !

RODRIGO.

Uma ventura como a bem poucos succede !

DR. CARLOS.

Pois ainda para mim não consiste nisto a felicidade

SUZANO.

Então de que depende a sua felicidade, Doutor ?

DR. CARLOS.

De uma só palavra sua !

RODRIGO (*aparte*).

Está cortado o 3º Rei ! lá se vai o Alfredo 2.º

SUZANO.

Não posso absolutamente comprehender cousa alguma.

RODRIGO (*aparte*).

Pois mais claro não é possivel.

DR. CARLOS.

Sr. Suzano, eu amo a senhora sua filha; jurei-lhe pelas cinzas de meu pai que não seria esposo de outra mulher; fui obrigado a partir rapidamente; decorrerão 18 mezes de ausencia; mas venho disposto a cumprir a minha promessa: peço a mão da Sra. D. Eulalia.

SCENA XXIII.

OS PRECEDENTES E ALFREDO ESTUDANTE.

ALFREDO.

Dá-me licença, Sr. Suzano. (*Entra Alfredo e comprimenta cortezmente a todos*).

RODRIGO (*aparte*).

Temol-a travada!

SUZANO.

Oh! Sr. Alfredo! póde entrar.

ALFREDO.

V. S. está occupado; não sei se a occasião é opportuna.

RODRIGO (*aparte*).

Foi a peior possivel!

SUZANO (*apresentando a Alfredo o Dr. Carlos*).

Tenho a honra de apresentar-lhe o meu bom amigo o Sr. Dr. Carlos (*para o Dr. Carlos*); este é o Sr. Al-

fredo, que se fórma este anno em Medicina, e tem grandes estudos de Astronomia.

RODRIGO (*aparte*).

O compadre é capaz de pôr tudo a perder: nada de cortar-se o Carlos 1º, que é o verdadeiro rei de ouros (*esfregando o pollegar e o indicador para significar dinheiro; o Dr. Carlos depois da apresentação de Alfredo conversa baixo com Rodrigo*).

ALFREDO (*um pouco baixo á Suzano*).

Sr. Suzano, venho com todo o respeito saber de V. S. qual a decisão á supplica que dirigi relativamente a...

SUZANO (*embaraçado*).

Meu caro senhor; ora.... meu caro senhor; talvez não acredite que eu mesmo apezar da minha paixão pela Astronomia; sim; eu tenho uma paixão decidida pela Astronomia.

ALFREDO (*aparte e meio desconfiado*).

Temos historia! será o tal Doutor tambem pretendente?....

SUZANO.

A Astronomia é.... é uma grande sciencia.

ALFREDO.

Sem duvida; porém eu me referia agora ao assumpto

SUZANO (*atalhando*).

E' o assumpto das minhas continuadas reflexões.

ALFREDO (*áparte*).

O homem está me desconversando! (*Alto*) Porém quanto á Sra. D. Eulalia....

SUZANO.

Sim; ella vai melhor.

SCENA XXIV.

OS PRECEDENTES E PERPETUA.

DR. CARLOS (*apenas avista Perpetua, dirige-se a ella*)

Minha senhora, como passa V. Ex.? Aqui estou eu de volta finalmente.

PERPETUA (*muito alegre*).

Oh! Sr. Dr. Carlos! que felicidade! pois estava aqui e não me disserão?!

DR. CARLOS.

Haverá 4 horas que desembarquei, e ainda não ha 5 minutos, que me acho em sua casa.

RODRIGO.

E' verdade, eu estava mesmo para lhe ir dizer. (*Alfredo continua a conversar baixo com Suzano; este faz muitos accionados; Alfredo mostra-se cada vez mais*

desconfiado; ora franze a testa, ora aperta os beiços; em fim deve dar a entender que a conversa de Suzano não lhe agrada: o Dr. Carlos conversa baixo com Perpetua e ambos mostrão-se muito satisfeitos).

RODRIGO (*para a frente da scena*).

O que estará ali dizendo o compadre?.... eu vou desenganar o rapaz: quem diria que mesmo depois de cortado o 3º rei, a menina havia de ganhar o jogo! emfim realisou-se a minha previsão, e o meu desejo: vai ser completamente venturosa! é o premio de quem é bom! (*Suzano deixa neste momento de conversar com Alfredo, e dirige-se ao grupo, em que estão Perpetua, e o Dr. Carlos*) Então, Sr. Alfredo, o que se decideio?

ALFREDO.

O seu compadre diz que vai primeiro a Europa com a familia para aperfeiçoar-se em astronomia, e que na volta eu me casaria.

RODRIGO.

Nesse caso....

ALFREDO.

Parece-me que estou reprovado.

RODRIGO.

Meu amigo, acontecem cousas neste mundo, e nesta casa principalmente.... Olhe; veja se vai sahindo assim sem que ninguem o perceba.... porque....

ALFREDO.

Porque isto foi mesmo....

RODRIGO (*atalhando*).

Mesmo, como o senhor dizia ainda ha pouco, o dedo

da Providencia que lhe aponta o caminho. (*ao mesmo tempo vai-lhe apontando a porta da sahida, e o vai cubrindo com o corpo até que Alfredo desapparece da scena*).

SUZANO.

Sim, Sr. Dr. Carlos, com todo o gosto.

PERPETUA (*para o Dr. Carlos*).

Oh ! ella conservou-se sempre constante ; e até ultimamente já estava padecendo ; tanto, que ainda está convalescente.

RODRIGO (*que tem voltado de acompanhar Alfredo*).

E eu acho bom que se lhe não faça surpresa, porque esse choque....

DR. CARLOS.

E' verdade : acho prudente preparal-a para receber a noticia.

SUZANO (*com algum enthusiasmo*).

Pois, meu amigo, declaro-lhe que com o maior prazer lhe dou em casamento a minha querida filha.

PERPETUA (*exclamando*).

Meu Deos ! eu vos agradeço tamanha felicidade.

RODRIGO (*com enthusiasmo e abraçando o Dr. Carlos*).

Viva o Sr. Dr. Carlos ! (*conserva-se abraçado ao Dr Carlos até o fim.*

PEFPETUA E SUZANO.

O nosso querido genro ! viva o nosso querido genro !

EULALIA (*entrando e dando com o Dr. Carlos solta um grito de espanto.*

Ah! !....

RODRIGO *ainda abraçado ao Dr. Carlos exclama ao ver Eulalia.*)

Menina ! fizeste um voltarete de respeito com geral declarado em copas!!

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS.

REPRESENTADA NO THEATRO S. PEDRO.

Esta comedia foi composta em 1852.

PERSONAGENS.

SALVADOR, negociante.
D. THEODORA, sua mulher.
D. CARLOTA, filha dos ditos.
D. JULIETA, orphã; sobrinha de Salvador e D. Theodora.
CHRISPIM, procurador de causas.
D. CLEMENCIA, directora de collegio, irmã de D. Theodora.
DIOLINDO, doutor, recem-chegado da Europa.
SALUSTIO, capitão da G. N., amante de D. Carlota.
SILVINO, major reformado.
D. QUERUBINA, mulher do dito.
CHIQUINHO, afilhado de Salvador.

Um mascate italiano, pensionistas do collegio de D. Clemencia e uma multidão de senhoras.

A scena passa-se no Rio de Janeiro em 1852.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma salla regularmente mobiliada. Salvador e Chrispim estão jogando o gamão. Duas janellas á esquerda e sofá; mesa no meio.

SCENA I.

SALVADOR, CHRIPIM E POUCO DEPOIS D. THEODORA.

CHRISPIM.

Seis e cinco. Bravo, compadre Salvador, bati-lhe nas duas !

SALVADOR.

Por esta não esperava eu ! (*Pega nos dados e os lança*) Ternos, ternos ! que malditos ternos !

D. THEODORA (*entrando*).

Ternos ! como estão tão ternos ! e levão ali pregados um dia inteiro !

CHRISPIM.

Oh ! minha comadre e senhora, por aqui ! (*Continua a lançar os dados*).

SALVADOR.

(*Continuando sem dar attenção*). Ainda mais ternos ! levo desta vez; não ha que duvidar.

CHRISPIM.

E ha de ser cantado ! (*jogando*).

D. THEODORA.

Bravo, Sr. compadre, tambem sabe cantar ?

SALVADOR.

Mulher ! estou com um caiporismo como nunca !

D. THEODORA.

Sempre lhe ouço a mesma cousa ; porém o caso não é este.

SALVADOR.

Então o que temos de novo ? (*Continuando a jogar*) Quadras, quadras ! ainda falhei desta vez.

CHRISPIM.

Senas ! que bellas senas ! estou todo dentro.

D. THEODORA.

Ora, compadre Chrispim, deixe-se de senas, que Salvador tem muito que fazer agora ; hoje vem para cá o Dr. Diolindo jantar e não está nada arranjado.

SALVADOR.

(*Parando de jogar*) E' verdade ! o doutor hade vir e não hade tardar por ahi : compadre, guardemos para logo mais. (*Levantão-se*).

CHRISMPIM.

Pois vá feito : mas quem é esse doutor, compadre ? (*Colloca o gamão na mesa*).

SALVADOR.

Não conhece ? é o filho daquelle negociante meu collega, que quebrou no mesmo dia em que eu quebrei ; que teve aquellas demandas de que você tratou.

D. THEODORA (*á parte*).

Agora pega a séca.

CHRISPIM.

Sim, sim ; lembro-me agora.

D. THEODORA.

Pois é esse mesmo *cujo ;* porém vamos ao que serve ; é preciso determinar o jantar e saber se quer sempre mandar convidar o major e D. Cherubina.

CHRISPIM.

Cá pela minha parte ja me dou por convidado.

SALVADOR.

Isso não tem duvida ; mande o Chiquinho á casa do major Silvino convidal-os para passarem o dia.

D. THEODORA.

Não gosto muito disso, mas vá ; aquella D. Cherubina é uma barulhenta de uma figa.

SALVADOR.

Osa, isso é ciume.

CHRISPIM.

Agora tocou-lhe na tecla.

D. THEODORA.

Ciumes ? eu ? e de quem ? p'ra lá feioso ! (*Ouve-se grande bulha na rua ; vem entrando Chiquinho espavorido e a gritar*).

SCENA II.

OS MESMOS, CHIQUINHO E POUCO DEPOIS SALLUSTIO.

CHIQUINHO.

Acudão, acudão ; cahio, cahio !

TODOS.

O que foi ? o que foi ?

CHIQUINHO.

E' um homem que cahio do tilbury (*Entra Sallustio fardado de capitão da G. N., muito pallido e tremendo. Chiquinho vai-se*).

D. THEODORA.

Que é isto, Sr. Sallustio?

SALVADOR.

Está tão pallido.

CHRISPIM.

Como um defunto.

SALLUSTIO (*mal podendo fallar*).

Pallido, sim, mas é de raiva!

SALVADOR.

Então porque? conte-nos; o que lhe succedeu?

D. THEODORA.

Diga, diga, Sr. Sallustio: o que foi que lhe aconteceu?

SULLUSTIO (*contando*).

Sabem VV. SS. que sou capitão da G. Nacional....

SALVADOR.

Do que não ha duvida nenhuma.

SALLUSTIO (*continuando*).

Pois muito bem; e como capitão que sou e de patente

confirmada, são me devidas as continencias do estylo; vinha eu me approximando já de sua porta, quando passa-me pela vanguarda o peralvilho de um soldado de tropa de linha, e nem se quer tocou na barretina! eu tomo o caso em grosso, sobe-me o sangue á cabeça, e quando ia desembainhar a espada para varar o tal maroto, espanta-se o animal....

D. THEODORA.

Quem, o soldado?

SALLUSTIO (*atalhando*).

Nada, a besta do tilbury, e nesse movimento que fiz (*fazendo ao vivo*) é que precipitei-me, não sei como.... (*Entra Chiquinho*).

CHIQUINHO.

O cocheiro diz que passou da hora; se o freguez não paga o aluguel?

SALLUSTIO (*desesperado*).

Esse maroto parece-me tambem que quer que eu o ensine (*Vai puxando pela espada e dirigindo-se para a porta*).

TODOS.

Não se perca, capitão.

SALLUSTIO.

Vou, mas é perder este dinheiro (*Dá a Chiquinho o aluguel do tilbury e este sahe*).

D. THEODORA.

Ora, Sr. Sallustio, veio V. S. em muito bom dia,

SALLUSTIO.

Então porque, minha senhora ?

D. THEODORA.

Porque hoje vem jantar comnosco o Dr. Deolindo, que chegou da Europa haverá seis mezes.

SALLUSTIO (*á parte*).

Peior é essa: (*alto*) terei o prazer de o conhecer.

SALVADOR (*á parte para Chrispim*).

Este capitão com as suas visitas parece-me que quer qualificar alguma das meninas : está bem livre !

CHRISPIM (*á parte para Salvador*).

Compadre, olho vivo !

SALVADOR (*á parte para Chrispim*).

Fica por minha conta. (*Alto para Sallustio*). Então como se dá V. S. no seu posto ?

SALLUSTIO.

Optimamente ; respeitos e attenções, porém muito trabalho, muita fadiga ; todos os dias paradas, onterros, comprimentos, revistas, exercicios, conselhos, emfim, mil cousas : é um motu-continuo; porém o que me vale é que a minha disciplina é rigorosissima.

D. THEODORA.

Pois usa tambem de disciplina, Sr. Sallustio? é o que me falta cá em casa.

SALLUSTIO.

Disciplina, minha senhora, como talvez nenhum capitão da G. Nacional; olhe: quer que lhe diga uma cousa? ufano-me de saber cumprir o meu dever.

CHRISPIM (*para Salvador*).

Compadre, vamos mais a uma ganga?

D. THEODORA.

Nada, nada; as gangas já não estão em moda: nem todo o dia é dia santo; não tarda por ahi o doutor e não está nada arranjado.

SALVADOR.

Tem toda razão, mulher.

SALLUSTIO (*á parte*).

Já sei que o tal doutor ha de ser algum bonifrate.

CHRISPIM.

Então não temos gamão? pois emquanto vossos mercês vão lá arranjar os negocios de dentro, vou eu aqui rever estes autos e que autos! (*Dirige-se ao chapéo que está no sofá e tira uns autos; senta-se junto a mesa do meio e começa a folheal-os*).

SALVADOR.

Pois fique os revendo, e o Sr. Capitão tenha a bondade de esperar-me, que eu ja volto.

SALLUSTIO.

Sem ceremonia; eu tamhem vou ler um officio do quartel general. (*Senta-se no sofá*).

D. THEODORA.

Então até já (*Para Salvador*). Ora, ande, ande, senhor sequista. (*Sahe Salvador e D. Theodora*).

SCENA III.

SALLUSTIO E CHRISPIM *que, de oculos e sentado junto á mesa está lendo em meia voz e interrompidamente os autos, emquanto Sallustio olha para dentro como para descobrir alguem.*

CHRISPIM (*lendo como ácima*).

....Que o supplicante espera como recurso interposto.... á vista do libello.... e como tivesse o réo appellado.... bem como o accordão da Relação.... pois sendo os autos conclusos.... visto que na petição retro era *ut supra* á fl. 85.... e a parte tivesse feito desistencia....diz finalmente que deve transitar pela Chancellaria....” (*alto*). Vejão só o que é chicana! o meu cliente não tem razão alguma; disso não ha duvida, porém a sentença foi injusta; o juiz devia dar-se por suspeito (*tirando os oculos*); mas eu vou fazer uma réplica, uma réplica que hei de abarrotar tudo (*Sallustio ouvindo a ultima palavra de Chrispim, responde-lhe como que distrahido*).

SALLUSTIO.

Tudo, sim ; tudo está perdido !

CHRISPIM (*influido*).

Que diz? não ha tal: eu ainda posso e hei de embargar.

SALLUSTIO (*como que cahindo em si*).

Sim, sim, embargue, que eu julgo que já estou tambem embargado (*Levanta-se*).

CHRISPIM (*a parte*).

Este homem parece-me louco (*continua a ler os autos para si*).

SALLUSTIO.

Sem vel-a ; e estou aqui ha já tanto tempo: entretanto o tal doutor a ser esperado com tanto afan ; mas.... estou ouvindo passadas (*espreitando*); um vulto de mulher.... quem sabe? sinto palpitar-me o coração com mais força: ah ! se fosse ella ! (*Chrispim dá um fortissimo espirro; Sallustio assusta-se e diz á parte*) Que bruto ! (*Chrispim julga que Sallustio o saúda e responde*).

CHRISPIM.

Obrigadissimo, Sr. capitão. (*Entra o major Silvino e D. Cherubina*).

SCENA IV.

Os mesmos, MAJOR SILVINO e D. CHERUBINA, pouco depois entra SALVADOR.

D. CHERUBINA.

Dá licença, minhas prisões? (*Entra com tal estouvamento que tropeça na espada de Silvino*).

SILVINO (*á parte*).

Eil-a nos seus geraes; forte estouvamento? (*chega Salvador*).

SALVADOR.

Oh! minha senhora; amigo major! que grande ventura é a minha em receber hoje a sua visita!

SILVINO.

Tambem a minha não é mais pequena.

D. CHERUBINA.

Como estão todos, Sr. Salvador? Minhas prisões, D. Carlota, D. Julieta, como passa este povo todo?

SALVADOR.

Tudo, por ora, sem novidade, graças a Deos.

SALLUSLIO (*aparte*).

Quanto folgo!

D. CHERUBINA.

Ora, muito estimo.

SALVADOR.

Mandei ainda agora mesmo o meu afilhado Chiquinho convidal-os para virem passar comnosco, mas parece que adivinharão os meus desejos.

D. CHERUBINA.

E' verdade, assim parece.

SALVADOR.

Mas então ficamos aqui? Vamos até cá dentro; sem-ceremonia, D. Cherubina; entre: amigo major, póde penetrar.

SILVINO.

Eu irei nareta guarda.

SALVADOR (*levando-os até a porta*).

Pois sem ceremonia, entrem, que a senhora e as meninas estão alli ao pé do jardim. (*Apontando para dentro*).

SALLUSTIO (*aparte*).

Ahi vem chegando os convidados.

SALVADOR (*voltando da porta e dirigindo-se a Chrispim e a Sallustio*).

Meus amigos, desculpem-me não estar aqui sempre presente, que tenho andado hoje em arrumações.

SALLUSTIO.

Ora, essa é boa, Sr. Salvador; eu não venho estorvar a V. S.

CHRISPIM (*como querendo ouvir*).

Compadre: não está ouvindo uma bulha de guisos?

SALVADOR.

Ha de ser algum carvoeiro da Tijuca.

SALLUSTIO (*olhando para a rua*).

Ah! é um correio urbano e elle vem-se dirigindo para cá; está olhando para o numero da casa e traz uma carta. (*Entra um carteiro. Salvador com curiosidade chega á porta, recebe a carta e depois de pedir licença, abre-a e lê para si*).

SALLUSTIO (*aparte*).

E nada de apparecer a minha Carlotinha; eu hoje influo-me e peço-a.

SALVADOR (*tendo acabado de ler*).

E esta, compadre! que pensa você que contém esta carta?

CHRISPIM.

Algum aviso para comparecer em juizo.

SALVADOR.

Nada: é o maior dos disparates.

SALLUSTIO.

Talvez algum officio para fardar-se?

SALVADOR.

Peior ainda.

CHRISPIM E SALLUSTIO.

Então o que é?

SALVADOR.

Um pedido de casamento.

CHRISPIM E SALLUSTIO.

Um pedido de casamento?!

SALVADOR.

Sim, de casamento.

CHRISPIM.

Mas para o compadre casar-se.

SALVADOR.

Nada; para dar a minha Carlota em casamento.

CHRISPIM.

Essa agora é celebre! E carta de pedido de casamento trazida por correios de guisos!

SALLUSTIO.

Mas quem se atreve....

SALVADOR.

E' mesmo um atrevido, diz muito bem; sem mais, nem mais, manda-me uma carta um sujeito que eu

nunca vi, nem conheci.... Vêm-se cousas neste Rio de Janeiro! um peralvilho, um vadio, que diz até que por ora está empregado, mas sem vencimento; porém que espera que, sendo um tio subdelegado, elle será escolhido para escrivão: que maroto!

CHRISPIM.

Isso, compadre, até é um crime de injuria, e se você quizer que eu trabalhe os pauzinhos, metto-o na cadêa brincando: mas como se chama esse tafulão?

SALVADOR.

Elle assigna-se: "Lucrecio Leandro da Purificação."

SALLUSTIO (*atalhando*).

Lucrecio Leandro da Purificação?

SALVADOR.

Conhece-o?

SALLUSTIO.

Muito; é guarda da minha companhia: que patife! ora deixe estar, Sr. Salvador, que hei de purificar o meu Purificação no quartel dos permanentes; hei de fazer-lhe a caridade: que audacia!

CHRISPIM.

E' bem bom ser capitão; olhe, compadre, se o Sr. Sallustio não fosse capitão, não ficáva você tão bem vingado.

SALVADOR.

Isso é verdade, muito obrigado fico ao Sr. Capitão.

SALLUSTIO.

Não tem de que; cumpro o meu dever e applico a disciplina: o motivo da prisão ha de ser esse pedido de casamento, que elle fez sem ter primeiramente me pedido licença.

SCENA V.

Grande alvoroço no interior. OS MESMOS E D. THEODORA *que vem entrando a gritar.*

D. THEODORA.

Venhão, acudão, que D. Cherubina está com um ataque!

SALVADOR, SALLUSTIO E CHRISPIM.

Com um ataque?

D. THEODORA.

Com um ataque, sim; venhão depressa que ella está espumando.

SALVADOR E CHRISPIM.

Vamos, vamos depressa. (*Sahem todos menos Sallustio*).

SCENA VI.

SALLUSTIO E POUCO DEPOIS D. JULIETA.

SALLUSTIO (*só*).

Eu lá não vou que não sou medico; talvez que faça melhor negocio em ficar por aqui, pois é bem possivel que a minha Carlotinha aproveite a occasião do faniquito da tal D. Cherubina e eu tenha a celeste ventura de beijar-lhe aquella mimosa mão (*passeiando*): porém

como tarda! grande tormento é o de quem espera, mesmo por uma Venus, como é a minha Carlotinha! e de que humor estará o velho a meu respeito? Elle trata-me bem.... e o tal maroto do Lucrecio! que atrevido! dar-se-ha acaso que seja elle correspondido? Como explicar a carta pedindo-a em casamento? Porém não, não é possivel. (*Mudando de tom*). Oh! lá descubro um vulto de mulher, que se não é ella muito me illudo; ha de ser a minha Carlota: é que succedeu o que eu calculei: ella aproveitou o ensejo do ataque e vôa a meus braços, como uma innocente rôla. (*Entra D. Julieta com um livro e tendo um ar de quem está em completa abstracção. Sallustio corre precipitadamente ao seu encontro para beijar-lhe a mão, mas recua logo conhecendo o engano*).

D. JULIETA (*assustada*).

Sr. Sallustio!....

SALLUSTIO (*embaraçado*).

Ex.ma Sra., perdôe-me V. Ex., que eu tomei-a agora por.... por....

D. JULIETA.

Por quem, Sr. Sallustio?

SALLUSTIO (*confuso*).

Ah! eu mesmo.... não sei por quem a tomei.... foi.... foi.... illusão.... illusão.

D. JULIETA.

O senhor é que agora veio tirar-me da mais feliz das illusões.

SALLUSTIO.

Pois, Ex.ma Sra., se V. Ex. quizer novamente illudir-se, eu não a estorvo.... antes terei.... terei muito prazer....

D. JULIETA (*aparte*).

Por toda parte ignorancia e estupidez!

SALLUSTIO (*aparte*).

Esta é uma que tal doutora; não me servias, bichinho; e a minha Carlota nada de apparecer!

D. JULIETA (*aparte*).

Infeliz sexo a que tenho a desgraça de pertencer! julgão-te só capaz de ridiculas homenagens e enjoativas oblações!

SALLUSTIO (*aparte*).

Que é aquillo? que está ella dizendo?

D. JULIETA (*aparte*).

Que maldito encontro! Este homem é incapaz de sustentar uma conversação.

SALLUSTIO (*aparte*).

Vamos a ver se ella me dá noticias da minha Carlotinha. (*Alto*) V. Ex. sabe-me dizer como.... (*aparte*) que hei de eu dizer? (*Alto*) Como está D. Cherubina do ataque? (*Aparte*) Por aqui vou bem.

D. JULIETA.

Vai melhor : foi um deliquio.

SALLUSTIO (*aparte*).

E esta ! biliquio ! (*Alto*) Mas a Sra. D. Carlota....

D. JULIETA (*aparte*).

Que massada ! (*Alto*) Vai bem, vai bem.

SALLUSTIO.

Quanto ao Sr. Chiquinho....

D. JULIETA (*aparte*).

Que supplicio ! (*Alto*). O Chiquinho está bom.

SALLUSTIO.

E por fallar no Sr. Chiquinho.... elle ainda não póde ser qualificado ; parece-me que não tem a idade da lei, pois se tivesse eu podia arranjal-o na reserva, porque repare V. Ex. que....

D. JULIETA (*aparte*).

Este homem mata-me ! (*Ouve-se neste momento uma voz gritar do interior :* " Jornal das Senhoras ; " *logo apoz cahe pela janella o dito jornal; D. Julieta em transporte de alegria corre, apanha-o e diz :*) Bravo ! vou ler o meu artigo ! (*Senta-se no sofá*).

SALLUSTIO (*á parte*).

E agora que eu ia encabeçanda a conversa tão bonita

D. JULIETA.

Cá está elle, cá está elle (*olhando para o jornal*).

SALLUSTIO (*á parte*).

Antes fosse ella e não elle.... a minha Carlota.

SCENA VII.

Os mesmos, SALVADOR, CHRISPIM e pouco depois CHIQUINHO.

SALVADOR (*entrando e dizendo*)

Sim, sim ; depois do escalda-pés melhorou ; aquillo costuma-lhe a dar.

CHRISPIM (*olhando para Sallustio*).

Oh ! e o Sr. capitão não foi ver o ataque !

SALLUSTIO.

Nada, meus senhores : apenas ouvi fallar em ataque, quiz ir na vanguarda suppondo que era um ataque do inimigo, porém quando vi que era ataque de molestia, recuei dous passos, porque não entendo de medicina e para essas cousas sou muito nervoso.

SALVADOR.

E tu, minha Julieta ? (*á parte*) Sempre a ler.

D. JULIETA.

Oh ! meu tio, estou aqui a ler um artigo neste jornal.

CHRISPIM.

Será a *Gazeta dos Tribunaes* ? talvez traga a decisão daquelle processo....

D. JULIETA.

Qual gazeta, nem processo ! isto é o *Jornal das Senhoras.*

CHRISPIM

Ah ! eu não leio esses jornaes francezes.

D. JULIETA.

Este não é francez, não, senhor; é um jornal escripto em linguagem portugueza por senhoras, pois é preciso saber que no Brasil as senhoras já escrevem e lêm jornaes litterarios.

SALVADOR.

Sim, tudo está muito adiantado por cá (*mudando de tom*), porém ahi vem Chiquinho; que novidade havera? (*entra Chiquinho*).

CHIQUINHO.

Ahi está um soldado que diz que quer fallar com o senhor capitão.

SALLUSTIO.

Isto é um nunca acabar ! (*para Salvador*) V. S. desculpe; é que de minha casa mandarão o guarda aqui;

com licença eu vou até a casa despachar este importuno. (*para Chiquinho*) Diga-lhe que já vou (*sahe Chiquinho*).

SALVADOR.

Pois se o capitão quizer voltar para jantar comnosco, sem ceremonia.

SALLUSTIO.

Aceito o obsequio, e até já (*vai-se*).

CHRISPIM.

Compadre, eu tambem vou.

SALVADOR.

Então o que é isso ?

CHRISPIM.

Vou, mas volto sem demora ; tenho de entregar estes autos que o escrivão deu-me em confiança.

SALVADOR.

Pois bem, eu cá o espero.

CHRISPIM.

Sem falta.

SALVADOR.

Até já (*Salvador acompanha-o até a porta e voltando diz*) Ora, agora deixe-me ir ver D. Cherubina e acabar de dispor o que falta (*voltando-se para D. Julieta, que tem estado absorta na leitura*). Pois ainda les, menina ?

D. JULIETA.

Este pedaço é sublime, meu tio ; eu estava de certo inspirada quando o escrevi; olhe, quer ouvir?

SALVADOR.

Nada, nada, rapariga ; tu me pões louco com essas cousas ; muito faço eu em consentir que leias e escrevas; que em outro tempo.... em outro tempo estavas bem livre ! fica, fica lendo que eu já volto (*sahe*).

SCENA VIII.

D. JULIETA (*só, levanta-se*).

Em outro tempo.... em outro tempo.... diz elle por causa desse maldito modo de pensar do outro tempo, é que ainda neste tempo se vê por ahi tanta barbaria no meu desgraçado sexo: era um crime saber ler ou escrever, e entretanto nem mesmo assim se evitava, com tão brutal systema, o fim que procuravão evitar ; felizmente hoje se vão abrindo mais os olhos a estes educadores, e graças ao influxo das intelligencias elevadas, vai-se pouco a pouco dissipando a caligem que envolvia tantos espiritos dignos de serem cultivados: graças a Deos, que já vejo ser a litteratura partilha do meu sexo, que até aqui esteve condemnado ao mais prosaico viver: ditosa regeneração ! este enthusiasmo até dá-me forças para collocar-me á frente de uma revolução, que tenha por fim melhorar a sorte das minhas iguaes. Sim, a mulher não foi só destinada para ser contemplada como uma flor bella, porém inodora ; sua intelligencia é vasta; seu coração capaz dos mais altos sentimentos, e o progresso da humanidade deve ser necessariamente a resultante das forças de seu espirito cultivado, de companhia com a illustração que, por estupido egoismo, o homem

até agora só para si tinha reservado. Oh! esta é a minha convicção, e assim pensavão já antes de mim celebres Européas, que ainda hoje assombrão o mundo com seus incomparaveis escriptos. Que prazer sinto eu ao ver estampado neste papel (*olhando para o Jornal das Senhoras*) as idéas que coordenei, e que em um momento de enthusiasmo traduzi por palavras! sim, a mim me caberá sem duvida a gloria de concorrer para a reivendicação dos inauferiveis direitos ao cultivo da nossa intelligencia; hei de pugnar por esta causa, como um cavalleiro da idade média pugnava por sua Dama; e que me importará o indifferentismo de algumas, que ainda julgão, que a mulher só deve saber manejar a agulha? que me importará o juizo desses falsos philosophos, que têm cahido nos mais ridiculos absurdos, fallando da mulher?— que haveria no mundo de mais intoleravel do que essa companheira do homem? O amor é que a salva do tedio universal; se ella não fosse sensivel ao amor, sem ter sua nobre intelligencia cultivada, seria por certo o ente de todos desprezado, mas, por outro lado, quando esse amor brota em um coração, cujos sentimentos se apurão no crysol de uma razão esclarecida, quanto mais doce não é esse despota adorado?....

SCENA IX.

A MESMA E D. CARLOTA.

D. CARLOTA.

Ora, prima, você aqui e eu lhe procurando!

D; JULIETA.

Então o que é?

D. CARLOTA.

O que ha de ser? é Sallustio que me escreveu e está

muito zangado comigo ; diz que eu sou ingrata e até me chama de perjura : ora você já vio cousa igual ?

D. JULIETA. (*á parte*)

Eis o resultado da falta de instrucção ! (*alto*) Ora, minha Carlota, quando te has de deixar de me affligir com essas aborrecidas lamentações ? não te tenho eu dito mil vezes que o verdadeiro amor não se deve nutrir dessas puerilidades !

D. CARLOTA.

Mas, Prima, eu não tenho o seu genio.

D. JULIETA.

Qual genio, nem meio genio ! temos outra ; é o que eu digo : o meu sexo precisa illustrar-se.

D. CARLOTA.

Mas que culpa commetti eu para Sallustio dizer que já não o amo ? que elle tem um rival, quando tudo é procedido de uma causa tão simples ?

D. JULIETA.

Então de que ?

D. CARLOTA.

De eu não lhe ter apparecido logo que chegou.

D. JULIETA.

E porque não lhe appareceste ?

D. CARLOTA.

Ora, pois você não sabe que elle me pedio para fazer um vestido côr da farda de capitão que elle tem ? eu estava acabando, quando recebi este bilhete.

D. JULIETA.

Meu Deus ! que estolidez ! (*Para Carlota*) E tu não te queres capacitar de que não te deves casar com semelhante homem !

D. CARLOTA.

Mas elle me ama e eu tambem a elle.

D. JULIETA.

Mas eu tambem amo, Carlota; e não vês como soube supportar uma ausencia tão longa como a de Deolindo? elle viajou quasi toda a Europa ; porém eu, certa do seu amor, que mais se fortificava pela sua elevada intelligencia, resignei-me durante sua ausencia, entregando o espirito á litteratura e o coração ao delicioso pungir da saudade, nutrindo sempre a esperança de o tornar a ver e de em breve unir os meus aos seus destinos.

D. CARLOTA.

Isso é todo o meu desejo.

D. JULIETA.

Mas deixa-me ver sempre o que elle te escreveu.

D. CARLOTA.

Lê, lê e vê se não tenho razão de estar triste.

D. JULIETA (*lendo em alta voz*).

" Ingrata e perjura Carlota! A posição em que me acho como capitão da G. Nacional não permitte que soffra de qualquer um insulto, nem a menor offensa physica e muito menos moral. (*Aparte*). Que redacção estupida!.... (*Continuando a ler*). " Portanto, sabendo eu que tenho um rival e que este é um addido sem vencimento de uma repartição publica que escreveu a teu pai Salvador, pedindo a tua mimosa mão.... (*Aparte*). Graças que já encontrei um epitheto adequado! (*Continuando*) " resolvi desatar, qual outro Alexandre, o nó gordo deste rival.... (*Aparte*). Elle queria dizer — nó gordio:— Que parvoice! (*Continuando*) " assim, como vou jantar hoje em tua casa, determinei pedir-te antes mesmo do tempo em que tencionava, e se ainda me amas é prudente esclarecer-me, pois do contrario não desejarei que sejas contra vontade esposa do— *Capitão Sallustio.* " (*Para Carlota*). E queres te casar com este homem, Carlota?

D. CARLOTA.

Eu já lhe prometti.

D. JULIETA.

Eis o fructo de tua singeleza. O atrazo do nosso sexo é a causa da tua infelicidade! Quanto é differente o meu Deolindo nas suas cartas!

D. CARLOTA.

Elle sempre é doutor.

D. JULIETA.

Mas este tambem é um capitão; olha, minha Car-

lota, tenho pena de ti : se te casares com Sallustio, elle não saberá dar-te aquelle apreço que uma mulher merece ; cuidará mais nas suas dragonas, do que em render-te as homenagens de que as tuas qualidades são dignas.

D. CARLOTA.

E você pensa que ha de ser muito feliz com Deolindo ?

D. JULIETA.

Sem duvida, a sua instrucção apurará ainda mais a sua educação ; e o seu amor está sempre mais delicioso por effeito dessa mesma causa, e demais, as nossas idéas são as mesmas ácerca do destino da mulher neste mundo : já pelas cartas que elle da Europa me escrevia, eu notava esta concordancia de opiniões, e portanto....

SCENA X.

AS MESMAS, CHRISPIM E LOGO DEPOIS SALLUSTIO.

CHRISPIM (*cheio de fadiga vem entrando e dizendo*):

Ora afinal foi o tal inventario julgado por sentença : irra !

SALLUSTIO (*entrando esbaforido e fallando para dentro*).

O sargento que o prenda, e não attenda á razão alguma.

D. CARLOTA (*aparte*).

Meu Deos ! Sallustio !

D. JULIETA (*aparte*).

Nova massada.

SALLUSTIO.

Minhas senhoras, ás ordens de VV. EExs.

CHRISPIM.

O ra, eis-me de volta, minhas senhoras, e se me dão-licença, vou comprimentar ao Compadre (*para Sallustio*); vamos tambem, Sr. Capitão.

SALLUSTIO (*aparte*).

E esta! (*Para Carlota*). Se V. Ex. quizesse ter a bondade de nos acompanhar....

D. CARLOTA (*aparte*).

Eu?!

D. JULIETA.

Prima, leve os senhores até a varanda.

D. CARLOTA.

Pois vamos até a varanda. (*Sallustio dá logo o braço a D. Carlota e retira-se juntamente com Chrispim*).

SCENA XI.

D. JULIETA (*só*).

Ora já me está tardando o meu caro Deolindo! Deolindo! até no nome é lindo. Que talento! que intelligencia! só com um mancebo tal faria gosto em consorciar-me. Emquanto que Carlota bebe os ares pelo assalvajado capitão, e elle a afflige com seus ciumes, fazendo que ella se occupe com milhares de pueril-

dades, eu amo e sou amada por Deolindo sem ter a fantasia carregada dessas ridicularias: quanto é differente o nosso modo de amar! (*Como que reflectindo*). Mas, a fallar a verdade, sou injusta: tendo a minha razão tão cultivada, mesmo assim tenho as vezes momentos.... momentos em que penso que elle póde voltar para outra o seu amor; sim, tenho momentos em que fico com ciume. Carlota e Sallustio não são portanto tão pueris como eu os quero suppôr; é que o amor não respeita nem mesmo a intelligencia! porém, verdade é, que se tenho ciume não deixa de ser fundado; pois sendo elle frequentador da alta sociedade e demais, leccionando no collegio de minha tia a pensionistas, que já são moças.... mas que delirio é o meu! o meu Deolindo é incapaz de semelhante procedimento.

SCENA XII.

A MESMA E D. THEODORA (*entrando muito alegre*).

D. THEODORA.

Ora, sabes, Julieta?

D. JULIETA.

O que, minha tia?

D. THEODORA.

A mãna Clemencia vem para cá com as pensionistas todas: que farrancho! onde hei de eu acommodar aquelle regimento!

D. JULIETA (*aparte*).

Eu a fallar nellas (*alto*); melhor, minha boa tia, estaremos mais divertidas.

D. THEODORA.

Sim ; ellas tocão e dansão.

D. JULIETA.

Mas que repentina resolução foi essa de minha tia Clemencia ?

D. THEODORA.

Ora, pois não sabes que o Doutor é o mestre de francez do Collegio ? Elle como vinha para cá, convidou a mana e resolveu-a a trazer as pequenas.

D. JULIETA (*aparte*).

Bem grandes que são ellas ! (*Alto*) Ha de ser isto mesmo, minha tia.

D. THEODORA.

Ha de ser, não ; é que é isso mesmo. Olha (*mettendo a mão no bolso do vestido e tirando uma carta*), lê este escripto que ella mandou-me.

D. JULIETA.

Não é preciso.

D. THEODORA.

Não : lê, lê sempre.

D. JULIETA (*lendo alto*).

" Mana Theodora, o Doutor, mestre das meninas, disse-me que ia passar hoje o dia com você, e convi-

dou-me para eu ir tambem com a minha gente. (*Aparte*) Que pessima orthographia !

D. THEODORA (*ouvindo as ultimas syllabas do aparte*).

Sim, elle tambem é mestre da geographia.

D. JULIETA (*aparte, como que não ouvindo o que diz D. Theodora*).

E esta minha tia feita Directora de collegio !

D. THEODORA.

Ora, graças a Deos, que D. Cherubina está mais socegada ; e, a proposito : para que não vaes conversar com ella ?

D. JULIETA.

Eu estava aqui lendo este jornal, mas já vou.

D. THEODORA.

Sim, vai, que ella ha de reparar na tua ausencia ; e ella que é tão reparadeira !

SCENA XIII.

AS MESMAS, SALVADOR, CHRISPIM, SALUSTIO, D. CHERUBINA, MAJOR SILVINO E D. CARLOTA. *Ouve-se rodar de carros.*

SALVADOR (*entrando adiante de todos*).

Ahi estão elles, ahi estão elles !

D. THEODORA.

Vamos, vamos recebel-os ; é o Doutor e a mana. (*Correm todos á janella e á porta, e vem entrando D. Clemencia. Deolindo, vestido no rigor da moda, e oito pensionistas*).

D. CLEMENCIA.

Ora vivão ! quem é vivo sempre apparece.

D. THEODORA.

Mana (*abraçando*), como está ? Que milagre !

DEOLINDO.

Excellentissimas senhoras, meus senhores ; quero estar ás suas ordens. (*Todos comprimentão-se ; ha os abraços e beijos do estylo entre as senhoras ; os cavalheiros apertão as mãos, etc.*)

SALVADOR.

Ora afinal chegarão : que demora !

D. THEODORA.

Então ? Vamos para dentro ; venhão tirar os chapéos.

DEOLINDO (*chegando-se para D. Julieta*).

Minha George Sand : como estás ?

D. JULIETA (*seccamente*).

Bem, muito obrigada.

SALVADOR (*dirigindo-se a todos em geral*).

Então! ficamos aqui?

D. CLEMENCIA E D. THEODORA.

Ora vamos, vamos.

D. CLEMENCIA.

Sim, o dia hoje deve ser de festa.

SALVADOR.

Está dito, vamos. (*Toda esta scena deve ser apresentada muito vivamente*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Vista de jardim da casa de Salvador; banco de pedra á direita. D. Julieta e Deolindo, que entra fumando, ambos de braço dado e conversando.

SCENA I.

D. JULIETA (*como continuando uma conversa*).

Tambem essa é já ha muito a minha opinião, meu caro Deolindo: a mulher em nada deve ficar inferior ao homem.

DEOLINDO.

Oh! minha Julieta, jámais! o seculo marcha em progresso, e mercê dos luzeiros de uma philosophia transcendente, o teu sexo goza hoje dos cultos que a estupidez dos transactos tempos lhe negava; que para a mulher está chegada a época de sua emancipação, não ha duvida alguma: os paizes os mais adiantados o provão e as tendencias dos escriptores humanitarios assaz revelão este phenomeno.

D. JULIETA.

Mas, meu querido Deolindo: e pensas tu que o nosso Brasil acompanhará o movimento dessas idéas archétypas? Ainda o acho tão barbaro!

DEOLINDO.

Não, não tanto; bem vês que elle acompanha, posto que ao longe, os melhoramentos da industria e das artes; temos por exemplo abundancia de barcos a vapor, telegraphos electricos, e se te fallar no gosto apurado que se tem desenvolvido pela musica, bem vês que é impossivel deixar de reconhecer a quasi fabulosa veneração que rendemos aos maestros; á vista, portanto, do que te acabo de dizer, as idéas ácerca de objecto tão elevado, deverão tambem echoar no coração e no espirito dos nossos patricios.

D. JULIETA.

Eu sei!.... parece-me que ha de ser muito difficil! olha: não reparaste na impressão que causou a discussão, que provocaste durante o jantar, a respeito da emancipação da mulher? Meu tio até me parece que ficou-te aborrecendo: e minha tia! nisso nem fallemos!

DEOLINDO.

Porém isso era natural; e demais: como tu tambem discorreste largamente e concordaste comigo!.... mas agora me lembro: se do desagrado de teu tio e sua mulher queres concluir para a difficuldade da implantação dos meus principios, tambem por outro lado deves ver que D. Cherubina e D. Clemencia, tua tia, entrarão no debate com um ardor inesperado e para mim muito lisongeiro, advogando a causa da emancipação do amavel sexo a que pertences.

D. JULIETA.

Sim, isso é verdade, e muito folgo eu com o seu proselytismo.

DEOLINDO.

Eu tambem não folgo menos.

D. JULIETA.

Mas o ignorante do capitão?

DEOLINDO.

E o tal procurador!..

D. JULIETA.

Ora, isso é um jarreta.

DEOLINDO.

Porém, minha encantadora Julieta, tu sabes que a minha cabeça é um vesuvio, quero dizer, é um volcão de ardentes pensamentos, que quaes lavas, tentam fazer uma erupção.

D. JULIETA (*Com ternura*)

Sim, a tua cabeça é nm volcão de idéas e o teu coração um receptaculo de amor (*beijando as mãos de Deolindo*).

DEOLINDO (*Beijando tambem a mão dc D. Julieta*).

Até neste mesmo factoeu reconheço a tua superioridade sobre as tuas companheiras de escravidão: qualdellas não

diria mesmo amando ardentemente, que jamais devia uma mulher tomar a iniciativa de imprimir um osculo sobre a mão do mancebo, a quem adorasse? entenderia ser anti-natural, anti-social, etc., etc., entretanto que tu que bem reconheces os dictames da verdadeira philosophia, não duvidaste ha pouco....

D. JULIETA (*Interrompendo*).

N em mesmo agora.... (*tornando a beijar a mão de Deolindo*).

DEOLINDO.

Sou muito venturoso! .. porém não deve a força do amor que te consagro fazer-me esquecer da alta missão regeneradora que em minha mente rumino.

D. JULIETA.

Oh! jamais a deves esquecer! combater sempre pela nossa emancipação.

DEOLINDO.

De certo, e conto com os teus valiosos esforços nesta ardua tarefa.

D. JULIETA.

Tudo farei em prol do meu sexo escravisado até agora ás tyrannas leis do homem.

DEOLINDO (*Com ar solemne*).

Adoravel Julieta, sabes que conheço em ti elevados dotes, tua intelligencia é vasta: quanto a mim, não ignoras que sou enthusiasta até o extremo, e as idéas

que ambos temos sobre a mulher, sendo as mesmas, são tambem as mais justas e santas.

D. JULIETA

Então o que pretendes?

DEOLINDO.

Empunhar de acordo comtigo o facho da regeneração e proclamar á face do mundo a emancipação das mulheres; tu és a mais prestimosa coadjuvadora deste meu grandioso intento; e tanto mais, quanto um amor quasi platonico nos prende e une. Eia! eu arvorarei o estandarte da emancipação do teu sexo: tu serás o exemplo vivo de uma mulher emancipada!

D. JULIETA (*Enthusiasmada*).

Meu Deolindo, tu és um nume! acabas de abrir de par em par as portas de um Eden em que meu coração e meu espirito se irão embriagar com o perfume das flôres da arvore da gloria! Sim, vem a meus braços; juro que comtigo trabalharei na propaganda dessas idéas, que ha tanto tempo nutro, e que só agora vejo que sob tua influencia poderão ser realisadas! Oh! estou cheia de enthusiasmo!

DEOLINDO.

E eu não só de enthusiasmo, mas tambem de amor (*mudando de tom*); porém ahi vem alguem; vamos passeiar pelo jardim e concertar o nosso plano de amor e de emancipação.

D. JULIETA.

Vamos, meu Deolindo (*Dão o braço e vão passeiando pelo jardim no fundo*).

SCENA II.

D. JULIETA E DEOLINDO *passeião pelo fundo do jardim*; *entrão* D. CHERUBINA *e o* MAJOR SILVINO *muito vermelho e meio embriagado, com um grande charuto na boca.*

D' CHERUBINA.

Que vergonha! que vergonha! por isso é que eu não quero nunca jantar em casa de ninguem.

SILVINO.

Pois jante em sua casa que é o mesmo que jantar em casa de ninguem.

D. CHERUBINA.

Olhem que cara! como está rôxo! Meu Deus! que vergonha!

SILVINO.

Cala-te, sapuda!

D. CHERUBINA

Atrevido! para isso não perdes o tino, maroto!

SILVINO (*Mostrando um charuto*).

Quer um charuto?

D. CHERUBINA.

Salta, patife! e queixa-se de estar reformado!

SILVINO.

Quem te reformara tambem essa lingueta!

D. CHERUBINA.

E' o divertimento de todos depois de jantar: meu Deus, que sina foi a minha!

SILVINO.

Não foi sina, foi sino.

D. CHERUBINA.

Homem de mil diabos, safa-te d'aqui.

SILVINO..

Safe-se a senhora! (*com muita pachorra*) Quer um charuto?

D. CHERUBINA.

Por isso sahio na *Pacotilha*; anda, é bem feito; mas a vergonha eu é que a soffro.

SILVINO.

Pacotilha, sim: e os seus ataques tambem não é outra vergonha?

D. CHERUBINA.

E ainda tem bocca para fallar: sim, tive um ataque; mas foi de vergonha de ouvir o Chiquinho estar lendo hoje de manhã o seu enfardamento na *Pacotilha*, que lhe poz o alcunha de Major Bacho: meu Deus, isto foi praga que me rogarão (*Silvino vai sentar-se no sofá de pedra á direita; mudando de tom*) E ahi vem o doutor e D. Julieta! como hade ser isto hoje?

DEOLINDO (*A' parte para D. Julieta*).

Bravo! é D. Cherubina: o partido vai engrossando.

D. JULIETA (*A' parte para Deolindo*).

Podemos tambem informal-a do plano?

DEOLINDO.

Sem duvida (*Alto para D. Cherubina*) Minha senhora, veio tambem tomar o fresco?

D. CHERUBINA.

E' verdade, doutor. (*A' parte*) Ah! que se o maldito do homem sahe-se com alguma das suas!..

SILVINO (*Para Deolindo*).

Então: como lhe vai de constipação de mulheres? ora se o senhor....

D. CHERUBINA (*Atalhando logo*).

Sr. Major, olhe que minhas'prisões está lhe chamando (*á parte*) E então! eu não disse: já tardava.

SILVINO.

Quaes prisões, nem meias prisões! quero ouvir o doutor discorrer sobre a constipação das mulheres.

DEOLINDO.

Quer fallar da emancipação?..

SILVINO.

Sim, sim, de tal emancipação; é isso mesmo.

D. CHERUBINA. (*Afflicta*)

Sr. Major, não vai tomar café?

SILVINO (*Agastado*).

A senhora é que não tira café comigo hoje: então já pensa que está emancipada?

D. CHERUBINA. (*A' parte e tapando o rosto com as mãos*)

Que vergonha! que vergonha! eu hoje desquito-me.

D. JULIETA (*Para D. Cherubina*).

Que tem, D. Cherubina?

D. CHERUBINA. (*Suspirando*)

Eu sei....D. Julieta! parece-me que estou com repetição do ataque.

DEOLINDO.

Tem alguma cousa, minha senhora? está tão pallida!

SILVINO. (*Approximando-se*)

E' a repetição do ataque: pois se ella quer emancipar-se.... (*D. Cherubina fingindo um ataque e reclinando-se nos braços de Deolindo e D. Julieta, ao ver chegar-se para junto della Silvino, dá-lhe com as costas das mãos uma bofetada*) E' sempre assim; principia porestas convulsões.

DEOLINDO.

O melhor é leval-a para dentro.

D. JULIETA.

Sim, é melhor.

SILVINO.

Deixem estar que eu a levo (*vai-se approximando e leva outra bofetada*)....outra convulsão; não ha duvida, isto é nervoso.

DEOLINDO.

Mas isto não vai bem.

D. JULIETA

Eu já não posso supportar o peso.

SILVINO.

Talvez que com uma fumaça de charuto pelo nariz.. que diz doutor? (*lança uma fumaça pelo nariz de D. Cherubina, e ao chegar a cara leva terceira bofetada*) outra convulsão : esta foi mais forte: foi effeito do charuto (*Mudando de tom*) Oh! ahi vem o amigo Salvador e Chrispim.

SCENA III.

Os mesmos SALVADOR e CHRISPIM.

SALVADOR E CHRISPIM.

Que foi isto ?

D. JULIETA.

E' a repetição do ataque.

SALVADOR (*apressadamente*)

Pois vamos, vamos já para dentro : é dar-lhe o escalda-pés do costume.

CHRISPIM.

Sim, é verdade ; o escalda-pés (*Retirão-se todos: D. Cherubina vai em braços; Salvador e Chrispim, depois de acompanharem até á porta, voltão*).

SALVADOR.

Aquillo já não meassusta.

CHRISPIM.

Sim, sim ; são faniquitos.

SALVADOR (*mudando de tom*).

Mas como lhe ia dizendo, compadre, o tal doutor com aquellas idéas fez-me dar o cavaco ; e até a Julieta tambem está toda influida : e com que desembaraço se pôz a fallar da tal emancipação ! ora esta ! nunca pensei que o tal doutorzinho fosse tão levado da bréca !

CHRISPIM.

Pois deixe lá o doutor fallar, compadre; elle é um criançola; eu lhe afianço que ninguem se póde emancipar sem ter a idade da lei; e o juiz de orphãos não póde dispensar mais que um anno.

SALVADOR.

Sim, lá isso é verdade; já tenho ouvido dizer a mesma cousa, porém o que não me agradou foi ver tambem minha cunhada, que já não é criança e que rege um collegio, estar tambem aprovando aquellas philosophias! e as pensionistas ali presentes! e não querem que haja desmoralisação!

CHRISPIM.

Compadre, rapazes que vão á Europa sempre trazem novidades: pois você não ouvio tambem aquelles carapetões que elle esteve prégando, lá de Londres, d'aquella composição universal, ou não sei que diabo de historia?

SALVADOR.

Ah! sim, da tal composição de crystal.

CHRISPIM.

Isso mesmo: ora vejão se eu, que sou homem do fôro engulo semelhantes caraminholas! (*Ouvem-se gritos dentro; Salvador e Chrispim applicão o ouvido*).

SALVADOR.

Ha de ser D. Cherubina; talvez peiorasse do ataque.

CHRISPIM.

Pois vamos ver. (*vão-se*).

SCENA IV.

Entrão pelo lado opposto áquelle por onde sahirão Salvador e Chrispim D. CHERUBINA *com uma barbatana de collete e* SILVINO *com a banda na mão.*

D. CHERUBINA.

Anda para cá maroto ! pensas que ainda estou com o ataque ?

SILVINO (*com grande paxorra*).

Agora é ataque de loucura ; vamos para o Hospicio de Pedro II.

D. CHERUBINA.

Olha que perco as estribeiras ! (*ameaça-o com a barbatana*).

SILVINO.

Um !.... estribeiras ? pois tambem sabe montar a cavallo ?

D. CHERUBINA.

Cavallo és tu, bregeiro ! (*com raiva*) Ah ! tomara já ver realisada a idéa do Dr. Deolindo! elle assegurou-me que a época da emancipação das mulheres não ha de tardar: e eu que heide ser logo uma das primeiras a me emancipar ! (*para Silvino*) Então é que hei de ensinar-te, atrevido ! hei de mostrar-te para quanto presto ! (*Silvino, emquanto D. Cherubina falla leva a arremedal-a nos gestos*).

SILVINO (*fazendo uma medonha careta para D. Cherubina*).

Eu tambem hei de me emancipar !

D. CHERUBINA.

Tu has de ser então o meu escravo: como queres agora ser o meu senhor ?

SILVINO.

Que linguinha ! cáspite !

D. CHERUBINA (*olhando para dentro.*)

Ahi vem gente, salta para dentro (*empurrando a Silvino e dando-lhe com a barbatana*), salta, que eu não quero me envergonhar mais.

SILVINO.

Ah ! não quer ter outro ataque....

D. CHERUBINA.

Tenho dito , puxe (*atira com a barbatana em Silvino e empurra-o para dentro ; sahe Silvino*).

SCENA V.

A MESMA DEOLINDO DANDO O BRAÇO A D. JULIETA E A D. CLEMENCIA, *que vem acompanhada das suas pensionistas.*

DEOLINDO.

Ora, pois ; está concertado o nosso plano.

D. CHERUBINA.

E eu que já estou meio informada delle e muito influida.

D. CLEMENCIA.

Não é para menos ; olhe cá as minhas meninas hão de todas se emancipar.

DEOLINDO.

Não tem duvida, minha senhora ; sôlto uma vez o grito da emancipação da mulher, não ficará uma se quer no mais recondito canto do mundo que não fique emancipada : o que é preciso é uma resolução firme e quem dê o exemplo rompendo a marcha.

D. CHERUBINA.

Para isso alguem melhor do que D. Julieta, pelo seu talento.

D. JULIETA.

Obrigada, D. Cherubina, isso é lisonja de sua parte.

D. CLEMENCIA.

Ora, deixa-te dessas modestias, menina ; tu estás bem apta para seres a emancipadora mór do imperio, e pela minha parte nomeio-te desde já a monitora geral da emancipação das mulheres (*voltando-se para as pensionistas*) reconheção a D. Julieta como a monitora geral da emancipação das mulheres (*as pensionistas curvão a cabeça depois de olharem para D. Julieta, passeião e desapparecem pouco a pouco*).

DEOLINDO.

Brilhante pensamento! tudo corre ás mil maravilhas, porém é preciso definitivamente assentar no que havemos de fazer. Em primeiro lugar tenho de fazer ver ás minhas nobres collegas de emancipação, que a nossa idéa não foi recebida com especial agrado pelo Sr. Salvador e D. Theodora....

D. CLEMENCIA.

Isso são uns antiquarios.

D. CHERUBINA.

Tambem o meu maridinho ficou todo inflammado; mas eu, nem caso. Continue, continue, doutor.

DEOLINDO.

Pois bem, mas é que de algum modo o desagrado do Sr. Salvador e de sua senhora....

D. CHERUBINA (*atalhando*).

Senhora, sim; senhora, diz muito bem, nós é que somos as senhoras dos homens.

DEOLINDO.

O desagrado delles, dizia eu, influe muito a meu respeito.

D. JULIETA.

E a meu tambem.

DEOLINDO.

Porque, como não devem VV. EExs. ignorar, eu amo a D. Julieta e pretendo unir o meu ao seu distino.

D. CLEMENCIA (*á parte*).

Eu logo pesquei o negocio.

DEOLINDO (*ainda continuando*).

E neste presupposto, perdendo eu as sympathias do Sr. Salvador, mil difficuldades, mil obices....

D. CLEMENCIA.

Quaes difficuldades, nem obices, Sr. Doutor! V. S. então não tem firmeza no que diz.

DEOLINDO.

Pois como assim, minha senhora?

D. CLEMENCIA.

Pois não trabalhamos todas para nossa emancipação?

DEOLINDO.

Sim, sem duvida alguma.

D. CLEMENCIA.

Pois o que quer mais o doutor? emancipemo-nos, que estando a menina tambem emancipada não tem

que dar contas a ninguem, nem mesmo a mim que sou sua tia de sangue.

DEOLINDO.

Brilhantemente, D. Clemencia ; sempre V. Ex. é uma directora de collegio ! (*aperta-lhe a mão*).

D. CHERUBINA.

Mas vamos ao plano ; estou ardendo por me emancipar : D. Julieta, peça ao doutor para nos dar o plano.

DEOLINDO.

Sim, o plano.... o plano da emancipação deve ser immenso, vasto, magestoso, digno de vós e de mim. Principiaremos por modificar o traje, fazendo-o o mais possivel semelhante ao dos homens.

D. CHERUBINA, D. CLEMENCIA E D. JULIETA.

Muito bem, muito bem !

DIOLINDO.

E não pensem VV. EExs. que é sem fundamento este quesito, pois que não lhes deve ser extranho quanto o modo de trajar influe na nossa sociedade ; na Europa, onde o pensamento civilisador predomina, o traje acompanha e, por assim dizer, symbolisa as phases das revoluções politicas e moraes; por isso devem VV. EExs. usar do que já na Europa é vulgarissimo, istoé, dos colletes de emancipação.

CHERUBINA.

Custe o que custar hei de compral-os.

D. CLEMENCIA.

E eu tambem.

DEOLINDO.

Ora, eu posso dar-lhes o molde dos ditos colletes.

D. JULIETA (*atalhando*)

Não precisa, doutor; eu sei como são: veio o figurino no *Jornal das Senhoras*.

D. CLEMENCIA.

E aquelle italiano das rendas diz que os tem, agora me lembro.

DEOLINDO.

Pois muito bem; então já conhecem os colletes de emancipação.... agora passemos aos paletós.

D. CHERUBINA.

Oh! eu já tenho e você tambem. D. Julieta.

D. JULIETA.

Eu até tenho dous.

CLEMENCIA.

Comprámos na mesma occasião.

DEOLINDO.

Optimamente! pois para principiar é quanto basta a

respeito do traje ; sobre a maneira, porém de executar o plano....

TODAS TRES.

Ahi é que está a difficuldade !

DEOLINDO.

Havemos de vencel-a, minhas senhoras ; nada de desanimar ! (*Com enthusiasmo*) Oh ! que brilhante conjuração ! o meu nome ficará immortalisado ! (*Dirigindo-se ás tres*) Sim, minhas senhoras, tudo será por nós vencido ; mas agora, para alcançar o fim a que nos propomos, segundo os nossos desejos, penso eu que seria bom ouvir o parecer de cada uma das minhas nobres companheiras (*Para D. Cherubina*) Que meio lembrar D. Cherubina ? ora vejamos.

D. CHERUBINA.

Eu, como mulher que sou de um major, para ir de accordo com as idéas de V. S.. alteraria o meu traje ; cingia a banda de meu marido, e na qualidade de majora apresentava a ponta da espada a tudo quanto se oppuzesse á nossa emancipação. Este é o meu voto e não lhe vejo outro geito.

DEOLINDO.

Mas é um meio muito violento ; nossas forças são por ora diminutas e os preconceitos inveterados não se derribão ao primeiro golpe : ora vamos a ver qual é a opinião de D. Clemencia.

D. CLEMENCIA.

Eu sei ! talvez que por meio da imprensa se fizesse

alguma cousa, ou mesmo introduzindo-se nos collegios obras proprias a inspirar o gosto pela emancipação, se conseguisse um triumpho certo.

DEOLINDO.

O meio não é máo, antes é bem lembrado ; porém é moroso e de um effeito muito lento.

D. CHERUBINA.

Nada de demoras ; o que não desejo é tardança. (*Para D. Julieta*) Falle você agora D. Julieta ; ande, guardou-se para o fim para ser mais apreciada ; ora falle, ande.

DEOLINDO.

Agora o seu parecer, D. Julieta.

D. JULIETA.

O meu parecer é o seguinte (*Todos preparão-se para ouvil-a*) : O doutor não ignora, e as minhas amigas sabem perfeitamente, que a questão da emancipação das mulheres está ligada a mil outras questões, que affectão os interesses politicos e humanitarios do corpo social.

D. CLEMENCIA (*á parte.*)

Falla muito bem esta menina !

DEOLINDO.

Concordo perfeitamente com V. Ex.

D. JULIETA (*continuando*).

Se se trata, pois, de realisar esta idéa, o mecanismo da sociedade deve necessariamente soffrer uma alteração.

DEOLINDO.

A consequencia é logica.

D. JULIETA.

Sabemos que, dada a nossa formal emancipação, devemos gozar dos mesmos privilegios, immunidades, garantias e isempções de que gozão os homens.

D. CHERUBINA.

E sem excepção?

DEOLINDO (*logo*).

Sem excepção alguma.

D. JULIETA (*continuando*).

As urnas eleitoraes deverão receber nossas listas; seremos alternativamente votantes e candidatas aos cargos ainda os mais eminentes do Estado; o parlamento nos acolherá em seu recinto; o jury retumbará com as vozes das novas irmãs de Cicero; finalmente, por toda a parte nossa influencia se fará sentir metamorphoseada em factos, que provarão o effectivo exercicio de nossa intelligencia sôlta das cadêas de uma estupida escravidão.

D. CLEMENCIA.

Mas, menina: onde nos levas com o teu discurso?

D. JULIETA.

A esta conclusão, minha tia, que é a seguinte: que devemos nos convocar em um club, d'onde saia o projecto de uma reforma na organisação social radicalmente feita, e segundo as modificações que a nossa emancipação deve acarretar.

DEOLINDO.

Bravo, minha senhora! parece que V. Ex. já está emancipada.

D. CHERUBINA.

Estou confundida com tanto saber!

D. CLEMENCIA.

E' um portento!

DEOLINDO.

Mas, D. Julieta, tudo quanto V. Ex. disse é sublime, exequivel e magestoso; porém reclama tempo e tempo bem longo.

D. CHERUBINA.

Isso de demoras é que é terrivel.

D. CLEMENCIA.

Sim, nada de demoras.

DEOLINDO.

Pois occorre-me agora uma idéa (*levanta-se.*)

AS TRES (*logo*).

Ouçamol-a.

DEOLINDO.

Façamos uma revolução popular; escolhamos lugar opportuno: VV. EExs. deverão ir todas de uniforme de emancipação; D. Julieta servirá de Tribuna da Plebe e nós outros coadjuvaremos. Que dizem VV. EExs.?

TODAS.

Que está muito bem lembrado.

D. JULIETA.

Porém qual o ponto onde ha de fazer-se a proclamação da nossa emancipação?

D. CLEMENCIA E D. CHERUBINA.

Sim: onde ha de ser, doutor?

DEOLINDO (*a lembrar-se*).

Ha de ser.... ha de ser.... ora, a fallar a verdade, não vejo onde seja melhor.... (*Repentinamente e como inspirado*) Ah! já sei onde ha de ser.

TODAS TRES.

Então onde ha de ser?

DEOLINDO.

No Cassino Fluminense.

TODAS TRES.

No Cassino Fluminense?

DEOLINDO.

Sim, minhas senhoras, no Cassino Fluminense, que é onde o amavel sexo está em maior numero reunido.

D. JULIETA.

Foi uma inspiração, doutor.

D. CLEMENCIA E D. CHERUBINA.

E' uma verdade.

DEOLINDO.

Porém occorre-me agora uma cousa.

AS TRES (*com curiosidade*).

Qual é?

DEOLINDO.

E' que estando o Sr. Salvador meio indifferente comigo, e mesmo zangado com D. Julieta, não ha de consentir que ella vá ao baile.

D. CLEMENCIA.

E quando é o baile?

D. CHERUBINA.

E' depois d'amanhã.

D. CLEMENCIA.

Pois tudo se arranja: o doutor casa-se com Julieta, visto que disse-me ter essas tenções, e logo depois trataremos todos de emancipar o nosso sexo.

DEOLINDO.

Mas, á vista do desagrado que causei ao Sr. Salvador, com as minhas idéas, só devo esperar recusas e obstaculos.

D. CLEMENCIA.

Quaes recusas, nem obstaculos; vamos com o plano da emancipação para diante e deixe o resto estar por minha conta.

DEOLINDO.

Porém, minha senhora....

D. CHERUBINA.

Socegue, doutor; D. Clemencia já lhe prometteu: que quer mais V. S.?

D. JULIETA.

Que dupla ventura! casar-me e proclamar a emancipação de meu sexo!

D. CLEMENCIA.

Sim, hei de fazer-te venturosa, minha cara sobrinha (*mudando de tom*); mas a que tempo estamos nós aqui no jardim.... (*Procurando em torno de si as pensionistas, que depois de terem comprimentado a D. Julieta*

como monitora geral, vão pouco a pouco passeiando e desapparecendo da scena). E as meninas não sahirão ? e nem a Carlotinha, nem a Mana apparecem : que é de seu marido, D. Cherubina ?

D. CHERUBINA.

Ha de estar dormindo. (*Aparte*). Cozinhando a moafa.

DEOLINDO.

E o capitão ?

D. JULIETA (*olhando dentro e como que procurando ver*).

Lá está elle vendo meu tio jogar o gamão com o Chrispim e Carlota defronte.

D. CHERUBINA.

E aquella menina que não tem dito nada a respeito da emancipação ? E' celebre !

DEOLINDO (*olhando para dentro*).

Oh ! ahi vem D. Theodora; ella ha de ter reparado na nossa ausencia.

SCENA VI.

OS MESMOS E D. THEODORA.

D. THEODORA.

Ora com effeito ! deixarão-me sózinha.

D. CHERUBINA.

Estava eu agora fallando sobre isso mesmo.

D. CLEMENCIA.

Justamente.

DEOLINDO.

Sim, minha senhora ; nós viemos passeiar aqui, pelo jardim, que está muito bonito, e estivemos admirando aquellas camelias e amores-perfeitos de Petropolis.

D. THEODORA.

Boa desculpa: acabarão de jantar e adeos, minhas visitas ! até a mana deixou-me : e onde estão as suas meninas ?

D. CLEMENCIA, (*olhando para o fundo do jardim*).

Lá vem ellas descendo o morro da chacara e vão para dentro pela cancellinha.

D. THEODORA.

Pois eu vim procural-os para tomar café ; mas já que estão aqui mando trazel-o (*Dirige-se a um bastidor e olhando para dentro diz*): Ahi vem todos para o jardim.

D. CHERUBINA (*ouve-se o som de rabeca*).

Maldita rabeca ! estou cansada de tanto te ouvir.

D. CLEMENCIA.

E' seu marido que vem tocando.

D. CHERUBINA.

E' que vem mais fresco.

SCENA VII.

OS MESMOS E O MAJOR SILVINO *com uma rabeca*, SALVADOR E CHRISPIM *com a tabua do gamão e os copos*; O CAPITAO SALLUSTIO, D. CARLOTA *com as pensionistas.*

SILVINO.

Ora vamos, vamos a isto.

CHRISPIM.

Compadre, continuemos.

SALVADOR.

Sr. Major, toque a polka para estas moças dansarem (*Chega o café; Silvino toca, as moças dançâo, e cahe o panno*).

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Vista da sala da casa de D. Clemencia. Esta sala deve apresentar o aspecto de um collegio de meninas: duas janellas e mesa á direita.

SCENA I.

D. Clemencia *só e examinando alternativamente os trabalhos das pensionistas, dirigindo-se o a a uma ora a outra.*

Este franzido está muito largo (*á outra*): olhem como está toda repuxada esta bainha! isto não está direito: a costura está toda empapuçada (*á outra*): este repollêgo que fique muito bem feito (*á outra*): desmanche, desisto já: quero um pesponto bem miudinho; hade tomar dous fios *(á outra)*: ainda está ahi? pois eu quero quanto antes acabada esta tarefa; ora muito bem! (*Deixando as meninas)* E o tal italiano das rendas nada de apparecer; (*olhando para dentro*) qual, nem sombras! (*Cahe um banco*) Meninas, soceguem! (*Continuando*) O ponto é precisar-se de uma cousa para elles mangarem, e entretanto prometteu-me que havia de vir de proposito trazer a caixa das rendas e dos colletes; pois eu não es-

pero muito; mando á rua do Ouvidor, que em casa do Wallerstem hade haver dos colletes de emancipação, e eu heide compral-os custe o que custar; vou mandar fazer tambem umas calças; tenho já um paletot: e por ora, diz o doutor, que é quanto basta a respeito do traje. Que idéas tem aquelle doutor e que talento! como falla o francez! foi uma pexincha arranjal-o para professor cá do collegio: que empenhos tenho tido para deixal-o! mas nessa não caio eu; e principalmente agora que elle está disposto a emancipar-me. Ah! meu Deus! tomára já ver chegado o dia da minha emancipação! nesse dia heide dar suéto, e em todos os anniversarios hade haver festa na aula, como agora se faz no dia de Santo Aleixo (*Olhando para dentro e anciosa por descobrir alguem*) E nada de apparecer o tal italiano das rendas: que desespero! Hoje não dou aula; não é possivel; ainda tenho que mandar tirar a certidão de idade de Julieta e de escrever ao doutor para ir á Conceição tratar das dispensas, e tudo isto com a maior brevidade (*Dá uma volta pelo lugar onde estão as pensionistas e diz-lhes*): Ora vamos, vamos com isso, meninas (*Chegando-se para o meio da scena e esfregando as mãos em signal de alegria*) Estou douda por me emancipar: como hade isto ser bello! Assim que me emancipar, cabalo logo para entrar como vereadora da Camara; não ha subsidio; mas assim mesmo é bem bom lugar: heide apresentar tambem os meus projectos; a primeira cousa logo que faço é propor a extincção de certas multas: e eu que tenho pago tantas! depois heide tambem propor que se faça uma estradasinha de ferro para circular pelo municipio neutro, e finalmente heide crear um imposto para todos os collegios estrangeiros (*Passeia e olha para dentro*) E nada de apparecer ainda o maldito italiano! elle que passa por aqui todos os dias! não ha remedio, mando á rua do ouvidor (*Olhando ainda outra vez para dentro, diz com alegria*): Oh! afinal! appareceu; lá vem elle; porém não traz a caixa de folha: ora queira Deus que elle não me logre. (*Olhando para dentro e chamando*) Sr. José, sio, sio! já entrou.

CSENA II.

A MESMA *e um* MASCATE ITALIANO *com uma caixa grande de papelão embaixo do braço; o italiano deverá vi. vestido como vulgarmente andão os mascates desta nação.*

D. CLEMENCIA.

Ora, pensei que não apparecesse.

MASCATE.

(*Buscando quanto fôr possivel imitar a accentuação italiana*) Iô sono de paróle; mâ hô multa dêlla freguezia.

D. CLEMENCIA.

Muito bem; vamos a ver se traz a minha encommenda. (*Para as meninas*) Vão para dentro: hoje não ha aula (*Sahem as meninas*).

MASCATE (*abrindo a caixa e tirando colletes de emancipação*).

E'cole de colléte de emanxipaxione arrivati nel ultimo paquete : tutti a lá moderna, e quésta fazendita de gusto ; contemplate, contemplate.

D. CLEMENCIA (*vendo e examinando*).

Tudo está de muito gosto ; oh! muito bonito! porém não tem algum que não seja de bico tão redondo ?

MASCATE.

Tutti quésti sono arredondati ; mâ quésta forma que vedête é lá piu acommodata a la emanxipaxione : hó

vendutto onhi colleti de quésta qualitá, e tutti sinhóra non trovato niente piu graciôse.

D. CLEMENCIA.

Sim, sim ; elles são graciosos ! basta serem de emancipação.

MASCATE.

Oh ! si : l'emanxipaxione !....

D. CLEMENCIA.

E calças de emancipação, traz tambem ?

MASCATE.

El calxe ne sono ancór dispaxate : mâ quésta misma setemana iô ritorne pur vender-le: el calxe son nel Alfandega.

D. CLEMENCIA.

Ora, não sei quantos compre : quantos traz ahi ?

MASCATE.

Reste viginte sólamente ; mâ pér que la mia vixína m'á comprato présque tutti.

D. CLEMENCIA.

Eu fico com nove ; oito para as meninas e um para mim; tambem por ora é quanto basta.

MASCATE.

Xiertamente : e de la rendita ?

D. CLEMENCIA.

Nada de rendas por hoje; só se tem alguma de emancipação.

MASCATE.

Rende de emanxipaxione, oh ! si : tutti mia fazende sono de emanxipaxione (*querendo mostrar as rendas*).

D. CLEMENCIA.

Está bom, as rendas ficão para outra occasião.

MASCATE.

Trópo bene, trópo bene.

D. CLEMENCIA.

Agora quando vier trazer as calças, veremos o preço.

MASCATE (*atalhando*).

El prexio é trópo moderato.

D. CLEMENCIA.

Sim, sim ; o senhor não é careiro ; pois ponha na minha conta com as outras fazendas ; mas diga-me ; se não ficarem bem justos em mim e nas meninas, não tem mais sortimento para escolher ?

MASCATE.

Mia sinhóra, tutti colléti de emanxipaxione nô importe que nô sono ajustato nel córpo.

D. CLEMENCIA.

Melhor; sim: o que se quer é que sejão de emancipação; oh! a emancipação! a emancipação! é o meu sonho da noite e do dia!

MASCATE.

Allóra, ao rivedére.

D. CLEMENCIA.

Sim, e traga-me as calças; se eu não estiver em casa, leve a casa de minha mana no Botafogo.

MASCATE

Si, mia senhóra, ao rividére.

D. CLEMENCIA.

Adeus, Sr. José (*sahe o mascate*).

SCENA VII.

D. CLEMENCIA E POUCO DEPOIS SALLUSTIO.

D. CLEMENCIA.

Não ha nada como estes italianos! fiam-se tanto na gente que faz gosto! (*mudando de tom*) Ora agora vou escrever ao doutor para elle arranjar os papeis do casamento, e mandar tirar a certidão de idade de Julieta: faço muito gosto em juntar aquellas duas creaturas; parece mesmo que nascerão um para o outro; aquella Julieta tem uma viveza!! é pena estar aqui no Brasil! que talento que tem! desde criança sempre foi assim; tambem é porque sahio cá do collegio; que se estivesse ahi em qualquer outra casa de educação, talvez não lhe

tivessem puxado tanto pela memoria! inda ella hoje se lembra do tempo em que foi decuriôa (*mudando de tom*) Oh! tambem hei de lembrar ao doutor que me arranje quanto antes um hymno á emancipação das mulheres, que quero que as meninas cantem depois que Julieta proclamar a idéa no Cassino: ha de produzir muito effeito!.... (*Batem fortes palmas*) Entre quem é. (*Entra Sallustio*).

SALLUSTIO.

Dá licença, minha senhora?

D. CLEMENCIA.

Oh! Sr. Sallustio, pode entrar: como passou V. S.? (*Sempre sentada á direita*).

SALLUSTIO.

Bem, muito agradecido.

D. CLEMENCIA.

Ora estimo: então o que o traz por cá?

SALLUSTIO.

Pedir-lhe um obsequio e muito grande.

D. CLEMENCIA.

Então qual é? se estiver em meu alcance, com todo o prazer o farei.

SALLUSTIO.

V. S. tambem quer entrar na emancipação?

D. CLEMENCIA.

Sem duvida alguma: já comprei nove colletes, tenho um paletot e só me faltão as calças, que ainda ha pouco me disse o italiano que estavão na Alfandega.

SALLUSTIO.

Pois deveras? é certo que V. S. quer entrar na emancipação?

D. CLEMENCIA (*rindo-se*).

E porque não, Sr. Sallustio? livre nasci, mas como me escravisarão, quero livrar-me desta barbara escravidão, e portanto hei de me emancipar.

SALLUSTIO (*áparte*).

E então?! estou perdido! (*alto*) Com que então V. S. não desiste da emancipação?

D. CLEMENCIA.

Desistir?! isso nunca, pois se o plano está já combinado....

SALLUSTIO.

Pois é certo? está combinado o plano?

D. CLEMENCIA.

Ora, Sr. Sallustio: pois de que se admira? pensava que haviamos perpetuamente soffrer o jugo dos homens? engana-se: vamos todas nos emancipar.

SALLUSTIO.

Mas que perigo, minha senhora! isto pode redundar em grande prejuizo.

D. CLEMENCIA.

Sr. Sallustio, eu não o posso comprehender: o senhor é contra a emancipação?

SALLUSTIO.

De todo o meu coração; pois se eu vejo que tenho de entrar em uma luta....

D. CLEMENCIA.

Mas que luta?!

SALLUSTIO.

Tenho de bater-me com muitas senhoras, e talvez até com V. S.

D. CLEMENCIA.

Essa agora é bonita! pois como assim?! (*Levanta-se.*)

SALLUSTIO.

Como assim? E' que uma porção immensa de senhoras, mãis, filhas, irmãs, tias, sobrinhas, primas, cunhadas, sogras, avós, netas e até afilhadas de quasi todos os guardas da minha companhia estão apalavrados para uma espantosa revolução, que se diz que arrebentará muito breve por causa dessa maldita emancipação!

D. CLEMENCIA.

Maldita, não, Sr. Sallustio; faça o favor de ver que eu defendo a emancipação.

SALLUSTIO. (*atalhando.*)

Pois, sim, minha senhora, será até bemdita emancipação ; mas....

D. CLEMENCIA. (*atalhando.*)

Mas porque vem o senhor agora ter comigo ?

SALLUSTIO.

E' que eu presenciei os seus discursos no jantar do senhor seu cunhado, e como lhe tenho muita amizade, por isso....

D. CLEMENCIA (*atalhando.*)

Por isso até é que devia ajudar-me na proclamação ..

SALLUSTIO (*atalhando com espanto.*)

Proclamação ? ! ainda mais esta ! pois vão fazer proclamação ? ! então está tudo perdido ! (*Mudando para um tom supplicante*) D. Clemencia, eu lhe rogo que....

D. CLEMENCIA (*resolutamente.*)

Sr. Sallustio, não ha nada que me faça agora recuar.

SALLUSTIO.

Mas ao menos eu vinha pedir que fallasse áquella Sra. D. Cherubina, que é quem anda levantando esta poeira toda.

D. CLEMENCIA.

Faz ella muito bem ; eu tambem vou fazer o que puder.

SALLUSTIO.

Porém, minha senhora, eu como militar hei de oppor a resistencia armada a qualquer motim popular e principalmente sobre a emancipação.

D. CLEMENCIA (*como quem tem tomado uma resolução.*)

Pois olhe, Sr, Sallustio, como o senhor veio trazer-me agora a noticia de que D. Cherubina tem avisado a todos as suas conhecidas e amigas, vou eu tambem tratar de fazer a mesma cousa (*Dirige-se á mesa á direita.*)

SALLUSTIO.

Que diz, minha senhora ?

D. CLEMENCIA.

Isto mesmo ; vou fazer já uma circular.

SALLUSTIO.

Porém veja V. S. que isto é uma conspiração, e d'ahi se pode seguir que maridos, na occasião do combate, firão as suas proprias mulheres, irmãos a irmãs, pais a filhas, etc., etc. Ha de ser uma desordem nunca vista ; ha de correr muito sangue ; emfim, ha de ser uma desgraça completa....

D. CLEMENCIA.

Não quero saber disso ; não nos tivessem escravisado !

SALLUSTIO.

Mas que idéa é esta ? quem é que escravisou as senhoras ?

D. CLEMENCIA.

Quem ? os do seu sexo. (*A' parte*) como já pedem misericordia ! !

SALLUSTIO (*á parte.*)

Não ha nada que a possa dissuadir. (*Alto*) Que idéas trouxe lá da Europa aquelle maldito doutor.

D. CLEMEMCIA.

Sr. Sallustio o senhor já pela segunda vez me escandalisou; o doutor é muito boa pessoa e até é professor do meu collegio; não posso consentir que falle delle.

SALLUSTIO.

Eu não fallo delle, mas sim, da emancipação.

D. CLEMENCIA.

(*Agastada*) Nem delle, e muito menos da emancipação.

SALLUSTIO.

Então decididamente não posso alcançar de V. S. o obsequio?

D. CLEMENCIA.

De maneira nenhuma, Sr. Sallustio. (*Neste momento o Dr. Deolindo diz antes de entrar em scena*).

SCENA IV.

OS MESMOS E O DR. DEOLINDO.

DEOLINDO.

Dá licença, D. Clemencia?

D. CLEMENCIA.

Entre, entre doutor. (*Com alegria*) Que fortuna! (*Levanta-se*).

DEOLINDO (*Entrando e comprimentando*)

Minha senhora, Sr. Capitão.

SALLUSTIO (*Depois de ter comprimentado, diz á parte*).

Estou perdido.

DEOLINDO (*Como fatigado*).

Com effeito! estou que pareço que levei uma massada de páo, doe-me o corpo todo.

CLEMENCIA.

Então porque, doutor.

DEOLINDO.

E' que metti-me por espaço de tres horas em um tilbury e andei por essas ruas da cidade, que não sei como não morri; não sei como cheguei vivo; cada buraco que encontrei por ahi, que o animal parecia que ia

desapparecer naquelle abysmo; só tomava folego quando acontecia passar por alguma rua macadamisada; sim, está provado que não ha nada como o systema de Mac Adam: como ainda differe isto da Europa! oh! Europa, tu és o meu encanto! (*Mudando de tom*) Porém vamos ao que serve: que tem feito V. Ex.?

SALLUSTIO (*A' parte*).

Ahi vão elles fallar da emancipação e eu safo-me.

D. CLEMENCIA.

Eu estava mesmo para escrever-lhe.

DEOLINDO.

Então agora melhor, que estou presente,

SALLUSTIO (*Interrompendo*).

VV. SS. hão de me dar licença, que tenho ainda que escrever um officio e preparar-me para uma revista (*Vai a sahir*).

D. CLEMENCIA.

Então retira-se, senhor Sallustio?

SALLUSTIO.

Sim, minha senhora: ás suas disposições: Sr. Doutor, sem mais ceremonia (*Comprimenta e retira*).

SCENA V.

D. CLEMENCIA E DEOLINDO.

DEOLINDO.

Que tem este capitão que o achei tão espantado?

D. CLEMENCIA.

Ora, doutor, estava mesmo ardendo por lhe contar: está com medo da emancipação.

DEOLINDO.

Com medo da emancipação? ! Ora esta! (*ri-se*) com medo da emancipação? ! Porém conte-me: o que veio elle cá fazer?

D. CLEMENCIA.

Veio pedir-me para não entrar na revolução.

DEOLINDO.

Pois elle já sabe do nosso plano de ataque?

D. CLEMENCIA.

Descobrio, e de uma maneira muito celebre: foi pelas familias dos guardas da companhia de que elle é capitão.

DEOLINDO.

Mas como foi isso? Que historia é essa de familias dos guardas?

D. CLEMENCIA.

Eu lhe digo: D. Cherubina, com aquelle seu genio, tem posto tudo n'uma poeira; fallou a quanta senhora amiga ou conhecida tem, convenceu-as de que se devião emancipar, e tem assim predisposto tudo o melhor possivel.

DEOLINDO.

Deveras?

CLEMENCIA.

Assim disse o capitão e eu creio, porque a conheço.

DEOLINDO.

Como tudo corre favoravelmente! achei as melhores companheiras que era possivel encontrar: são umas heroinas.

D. CLEMENCIA.

Obrigada pela parte que me toca.

DEOLINDO.

Muito bem: bem pouco necessaria é portanto a minha direcção á vista de tão excellentes alliadas. E quanto ao negocio das minhas nupcias?

D. CLEMENCIA.

Para isso é que eu queria escrever-lhe; pois é preciso tirar quanto antes a certidão de idade de Julieta e arranjar as dispensas.

DEOLINDO.

Pois tudo isso já está prompto; em tres horas que andei de tilbury dispuz e arranjei tudo.

D. CLEMENCIA.

Ora viva, doutor; adivinhou todos os meus desejos e fez ainda mais, porque os realisou.

DEOLINDO.

Agora tenho tambem de mostrar-lhe uma cousinha que fiz sobre a emancipação.

D. CLEMENCIA (*atalhando com alegria*).

Sobre a emancipação? por força que ha de ser bella!

DEOLINDO (*tirando do bolso um papel de musica*).

E' um hymno marcial, intitulado:— " A Emancipação das mulheres."

D. CLEMENCIA.

Oh! meu caro doutor, V. S. é um inspirado do céo! eu tinha essa mesma idéa e tencionava pedir-lhe as letrinhas e a musica: bravissimo! estou cada vez mais encantada; ora vamos vel-o: como adivinhou o meu pensamento!

DEOLINDO.

Ora eu vou cantar um pouco para mostrar-lhe. (*Canta a primeira quadra que se segue*).

HYMNO.

" Eia, ó sexo encantador,
Fujamos á escravidão;
Defendamos com valor
A nossa emancipação. "

D. CLEMENCIA.

Bravo, doutor! como está bello: não tem outra letra?

DEOLINDO.

Tem; tem mais letras; ouça a segunda. (*Canta esta outra*):

" Neste dia prazenteiro
Levantemos um padrão;
Saiba e veja o orbe inteiro
A nossa emancipação. "

D. CLEMENCIA.

Está sublime! perfeito! excellente! e ha de ser cantado depois que Julieta proclamar a idéa no Cassino.

DEOLINDO.

Sim, justamente. (*Mudando de tom*). Agora, dê-me licença, que vou ao alfaiate e d'aqui a um instante voltarei.

D. CLEMENCIA.

Até já, doutor. (*Sahe Deolindo*).

SCENA VI.

CLEMENCIA (*só*).

Estou contentissima! este moço é uma perola! como elle tem em um instante arranjado tanta cousa. Ora, meu Deos, quando supporia que me havia de emancipar! este mundo dá tantas voltas! e quem sabe ainda o que eu virei a ser depois de emancipada?! tambem não hei de caballar para empregos pequenos: ha de ser

de vereadora para cima: talvez até que me arranje de emprezaria em qualquer theatro, porque, na qualidade de senhora, posto que emancipada, saberei prover melhor as necessidades das actrizes: oh! ser emprezaria de uma companhia!.... isto é um dos cargos os mais honrosos que se póde imaginar, digno até de ser occupado pelos mais altos funccionarios de um Estado. (*Ouve-se o rodar de um carro*). Um carro?! (*Applicando o ouvido*). Quem será?! Esta casa hoje tem estado em um movimento continuo. (*Olhando para dentro*). Meu Deos! que vejo?! que é isto?! isto é a figura do tinhoso!

SCENA VII.

A MESMA E D. CHERUBINA (*que entra de charuto na bocca, com uma banda militar, divisas de major, chapéo armado, espada, trazendo a restante vestimenta propria de senhora; deverá tambem trajar collete de emancipação*).

D. CHERUBINA (*muito cheia de si e afadigada*).

Ora, eis-me aqui de ponto em branco, minha amiga e collega.

D. CLEMENCIA (*com grande espanto*).

D. Cherubina!

D. CHERUBINA.

Então que é isso? Você desconheceu-me? Ora muito póde a emancipação.

D. CLEMENCIA.

Sim, eu não esperava já tão depressa esta mudança. (*Chegando-se para ella e examinando attentamente o*

novo traje). Ora, D. Cherubina, você é os meus peccados; tambem já sei de tudo o mais que você tem feito.

D. CHERUBINA.

Ainda bem: mas quem lhe contou?

D. CLEMENCIA.

Foi o capitão Sallustio.

D. CHERUBINA.

Oh! esse heróe!.... quer se oppôr á emancipação: e que me diz você? Que lhe parece?

D. CLEMENCIA.

Não contemos com aquillo.

D. CHERUBINA.

De certo, que elle é meu inferior; pois quer elle queira, quer não, ha de reconhecer-me por sua majora.

D. CLEMENCIA.

E onde ficou seu marido? Que diz elle a isto?

D. CHERUBINA.

Onde havia de ficar? Ficou em casa na fórma do costume: pois você não sabe que aquillo são as minhas vergonhas? E demais, eu não tenho nada que elle goste, ou não goste: a emancipação ha de andar para diante.

D. CLEMENCIA.

Sem duvida alguma. (*Mudando de tom*). Você ouvio o hymno que o doutor fez sobre a emancipação ?

D. CHERUBINA.

Sim : temos hymno ?

D. CLEMENCIA.

Temos, temos tudo ; agora é só fazer-se o casamento de Julieta com Deolindo, e logo depois tratar da emancipação com todo o ardor.

D. CHERUBINA.

Mas quando é o casamento ?

D. CLEMENCIA.

Hoje mesmo ; tudo está já preparado.

D. CHERUBINA.

Com effeito ! que brevidade! é mesmo um casamento de emancipação.

D. CLEMENCIA.

E nem Salvador, nem mana Theodora hão de saber senão depois delle feito.

D. CHERUBINA.

Bravo! é como eu gosto das cousas: em segredo e depois romper a nuvem.

D. CLEMENCIA.

E o que é que hão de elles fazer depois de estarem os meninos casados ? eu tambem sou tia de Julieta....

D. CHERUBINA (*atalhando*).

O que hão de fazer ? nada: essa é boa ! e se tiverem a lembrança de recalcitrar, eu com a ponta desta minha espada (*mostrando-a*) hei de mostrar-lhes para quanto presto; agora tenho á minha ordem tropa e tropa de forças não cansadas (*Ouve-se grande vozeria no interior, assobios, vaias, etc. D. Clemencia e D. Cherubina applicão o ouvido; D. Clemencia vai-se approximando á janella*).

D. CLEMENCIA.

O que será isto ? vamos ver o que é ?

D. CHERUBINA.

Seja o que fôr, nada temo; estou emancipada (*ao dizer isto leva a mão aos copos da espada*).

D. CLEMENCIA (*despreitadno*).

Jesus! D. Cherubina! quanta gente junta! e aqui na porta!.... oh! entrou!.... e é uma mulher!....

D. CHERUBINA (*logo*).

Quer talvez emancipar-se.

SCENA VIII.

AS MESMAS E O MAJOR SILVINO, *que traz por cima da farda um espartilho, chale encarnado ao pescoço, chapéo de senhora na cabeça, charuto na boca, entra cantarolando na musica do Meirinho e a Pobre a seguinte quadra; continuará a cantar mesmo emquanto fallão D. Cherubina e Clemencia*):

Oh lá, vamos sem demora
P'ra casa de correcção:
Mulherzinha endiabrada,
Deixa essa emancipação.

D. CHERUBINA (*apenas vê o major*).

Meu Deos! que uva! para o lhe havia de dar a carraspana?! que vergonha!

D. CLEMENCIA.

Que desgraça.

D. CHERUBINA.

E a bulha era dos moleques! vejão só que vexame!

D. CLEMENCIA.

E isto aqui no collegio! (*Durante essas exclamações o major Silvino, muito embriagado, passeia e canta o que ácima se disse*).

D. CHERUBINA.

Calle essa boca, homem de mil diabos!

SILVINO (*muito embriagado e olhando para D. Cherubina*)

Você é homem ou mulher?

D. CLEMENCIA.

Como está aquella cabeça !

D. CHERUBINA.

Sou o que não é da sua conta, senhor atrevido.

D. CLEMENCIA.

Não se zangue, D. Cherubina.

SILVINO.

Dê cá essa roupa que não é sua ; ande, que por eu não achal-a, vim com esta giringonça (*move com o chapéo*): olhe para cá ; veja se este collete é de participação (*mostra o espartilho*).

D. CHERUBINA.

O' bregeiro ! tu estás cassoando ?

SILVINO.

Porque sahio a senhora com minha roupa ?

D. CHERUBINA

Porque estou emancipada.

SILVINO.

Eu tambem estou emancipado (*endireita o collete, o chapéo e o chale*).

D. CLEMENCIA.

Sr. Major....

SILVINO (*muito embriagado*).

Oh! lá, amorzinho, á direita volver (*quer abraçar a D. Clemencia*).

D. CLEMENCIA (*repellindo-o*).

Saia daqui, Sr. Major, isso não são graças!

D. CHERUBINA (*atirando-se a elle*).

Salta já para fóra, maroto! (*Empurra-o até a porta; elle sahe, mas quando ella volta vem elle apparecendo e dizendo*)

SILVINO.

Uh! uh! não ha de se emancipar. (*Canta*).

D. CHERUBINA (*ameaça-o com a espada e empurra-o com toda força para dentro*).

Salta daqui atrevido!

SCENA IX.

AS MESMAS E POUCO DEPOIS DEOLINDO.

D. CHERUBINA.

Apre! que desgraça é esta minha! aturar um homem que se embriaga todos dias!

D. CLEMENCIA.

Mas agora o que se lhe ha de fazer? tambem já estamos para nos emancipar; é soffrer um pouco mais.

D. CHERUBINA.

Porém é que já me falta a paciencia para tanto: ha vinte annos que vivemos juntos e todos os dias as mesmas scenas: é um verdadeiro castigo: se não fosse ter muito breve de me livrar deste captiveiro, morria de desgosto.

D. CLEMENCIA.

Disfarce, disfarce isso, minha amiga. (*Olhando para dentro*) Oh! chega o doutor. (*Para o doutor que entra*) Ora seja bem vindo.

DEOLINDO (*olhando para D. Cherubina*).

Cáspite! D. Cherubina! que arreganho militar!

D. CHERUBINA.

E' p'ra que veja! eu cá já me dei por emancipada.

DEOLINDO.

Perfeitamente emancipada; olhe: V. Ex. mal comparando, assim vestida e cingindo essa espada, e demais, com o nome que tem de Cherubina, poder-se-hia dizer que é um novo Cherubim, que tem de guardar a entrada do Paraiso da Emancipação.

D. CLEMENCIA (*á parte*).

Este doutor tem lembranças! (*Alto para Deolindo*) Então, doutor, está tudo prompto ?

DEOLINDO.

Não falta nada: estão tomadas todas as medidas e previnidas quaesquer emergencias que possam sobrevir.

D. CHERUBINA E D. CLEMENCIA.

Muito bem, muito bem.

DIOLINDO.

Resta somente que V. Ex. se aprompte para ser a madrinha.

D. CLEMENCIA.

Eu vou já neste momento ; (*mudando de tom*) porém quem é padrinho ?

DEOLINDO.

E' verdade; o padrinho.... o padrinho.... como me ia esquecendo ! ....

D. CHERUBINA.

Aqui estou eu; acho-me quasi emancipada e muito no caso de ser uma das testemunhas.

D. CLEMENCIA.

Optimamente ; perfeitamente.

DEOLINDO.

Lembra maravilhosamente: é o primeiro acto publico em que póde e deve já ser introduzida a influencia benefica da emancipação.

D. CLEMENCIA.

Apoiado ; diz muito bem (*reflectindo*): porém se houver qualquer duvida e não se puder effectuar o casamento, por não poder ser D. Cherubina o padrinho ?

D. CHERUBINA (*atalhando*).

E esta espada ?....

DEOLINDO (*atalhando*).

Oh! nesse caso é transigir com essa absurda exigencia, para não haver demora : que acha, D. Clemencia ?

D. CLEMENCIA.

Sim, é verdade ; nada de transtornar o plano. (*Para D. Cherubina*) Eu vou já preparar-me (*para Deolindo*) e o doutor vai tambem apromptar-se, volta no carro e...

DEOLINDO.

Sim, minha senhora ; vou já tomar as vestes nupciaes.

D. CHERUBINA.

Então vamos juntos, doutor ; eu vim em um cab e póde tambem aproveitar.

DEOLINDO.

Muito bem ; até já. (*Vão-se despedindo e sahindo*).

Mutação de scena.

Sala já vista da casa de Salvador.

CHRISPIM E POUCO DEPOIS SALVADOR.

CHRISPIM (*Senta-se no meio junto de uma mesa, de oculos, a ler o jornal*).

Isto cada vez torna-se maior: como está todo cheio de annnncios!.... (*Contando os annuncios de enterro*) Um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete.... meu Deos! quantos annuncios de enterro!.... Oh! hei de ir amanhã a essa praça do juiz de orphãos.... E esta! um homem que faz tanta cousa de vidro!.... outro annuncio:—*Aos gagos*— e eu já ouvi.... (*Vem entrando Salvador com uma carta*).

SALVADOR.

Então, compadre, está lendo o jornal? que ha de novo?

CHRISPIM.

Muita cousa: quando você vinha agora chegando, estava eu me lembrando de uma historia que ouvi con-

tar de um gago que em França entregou-se a um medico para tratal-o, e que foi tal o effeito de remedio, que elle pôz-se a fallar com tal presteza que a lingua adquirio mais um terço do comprimento.

SALVADOR.

Compadre, isso é serio?

CHRISPIM.

Se é serio! eu cá não duvido de nada; vejo mesmo aqui tanta cousa espantosa.

SALVADOR.

Sim, lá isso é verdade.

CHRISPIM (*a percorrer o jornal*).

Olhe que de annuncios! companhias equestres, homens suspensos no ar, etc., etc., e a respeito de medicina cura-se tudo.

SALVADOR.

Mas morre tanta gente!

CHRISPIM (*atalhando*).

E agora que p'ra morrer é preciso ter dinheiro ou credito.

SALVADOR.

Porém, compadre, deixemo-nos por agora de tratar deste assumpto, que eu tenho de consultal-o, e para isso mesmo é que o vim interromper na sua leitura; como você é meio letrado, desejo ouvir o seu conselho. (*senta-se á mesa*).

CHRISPIM.

Com todo o gosto lh'o darei, pois tambem não troco os meus por muitos que ahi dão certos advogados de meia tigella; para isso tenho uma pratica de 35 annos de fôro.

SALVADOR.

Pois bem, é por isso mesmo que desejo cuvir o seu parecer de compadre e amigo.

CHRISPIM.

Então o que succedeu?

SALVADOR.

O capitão manda-me pedir a Carlota em casamento

CHRISPIM.

O capitão?.... eu não disse: compadre, eu sou finissimo: e você o que pretende fazer?

SALVADOR.

Veja você o que eu devo fazer; sobre isto mesmo é que o vim consultar.

CHRISPIM (*fazendo difficuldade em responder*).

Não gosto muito de aconselhar sobre essa materia, mas emfim ainda neste instante vi uma cousa....

SALVADOR.

Então o que foi?

CHRISPIM.

Compadre, eu no seu caso não dava a menina.

SALVADOR.

Mas porque? ha alguma cousa?

CHRISPIM.

E cousa bem seria; sempre é um vexame.

SALVADOR.

Mas o que? O que é, compadre? Eu quero ouvir o seu conselho.

CHRISPIM (*mostrando o Jornal*).

Olhe, compadre, agora, ha pouco, estava eu lendo um annuncio chamando o Capitão a pagar dividas.

SALVADOR.

Que diz, compadre! é possivel?

CHRISPIM.

E' mais que possivel, é certo; olhe (*mostra o Jornal*), leia (*vai lendo o seguinte*): " Roga-se ao Sr. Capitão Sallustio dos Anjos o obsequio de chegar á rua do Ouvidor, casa que o mesmo senhor não ignora, para negocio de seu interesse. " Então o que me diz a isto, compadre?

SALLUSTIO.

Ora esta é de mil diabos! está coberto de dividas!

Vejão em que me ia eu mettendo ! e dizer-me que podia sustental-a com decencia ! se não é você, compadre, eu cahia na esparrella.

CHRISPIM (*cheio de si*).

Eu cá sou homem do fóro ; não é com duas razões que me embação.

SALVADOR.

Que atrevimento ! E assim se zomba de um pai ! no mesmo dia em que se anima um paralta daquelles a pedir uma moça para casar-se, ser nesse mesmo dia chamado para pagar dividas : que maroto !

CHRISPIM.

Verdade é, compadre, que eu não me assusto com estes annuncios, porque se devesse e o meu credor me chamasse pelo *Jornal* sem ter eu negado a divida, chamava-o eu então á responsabilidade e accusava-o do crime de injuria : e eu que para isso sou um barra !

SALVADOR (*levanta-se*).

Vou já mandar dizer ao tal Capitão das duzias que não me pise aqui nem mais um instante.

CHRISPIM.

Não, compadre ; não é bom romper assim neste excesso ; deixe-o vir e diga-lhe então em particular que não tem por ora tenções ; talvez que elle explique esse chamado pelo jornal, e finalmente levando-o assim maciamente, faz você melhor negocio.

SALVADOR.

Então porque?

CHRISPIM.

Porque elle póde tirar-lhe a menina por justiça, depositál-a e depois isso é mais feio; eu cá, como homem do fôro, acho mais prudente esta marcha.

SALVADOR (*como reflectindo*).

Diz muito bem, compadre; tomo o seu conselho. (*Olhando para dentro*); ahi vem sua comadre e a menina, e eu não quero por ora declarar cousa alguma.

CHRISPIM.

Então vamos para dentro e por aquelle corredor para que ellas não nos vejão.

SALVADOR.

Vamos. (*Sahem Salvador e Chrispim*).

SCENA XI.

D. THEODORA E D. CARLOTA.

D. THEODORA (*como continuando uma conversa*).

Mas de que é aquella alegria? Tu has de saber.

D. CARLOTA.

Não sei, mamãe; talvez que seja por causa da emancipação.

D. THEODORA (*agastada*).

Não me falles nessa praga, menina; ora pois, eu não quero ouvir mais nesta casa semelhante palavra.

D. CARLOTA.

Eu pensei que não fazia mal.

D. THEODORA.

Faz mal e muito mal; essa endiabrada palavrinha volta a cabeça á muita gente: já estás esquecida do que te disse?

D. CARLOTA.

Lembro-me, sim, senhora: mas como minha tia Clemencia fallou na emancipação?

D. THEODORA (*agastada*).

E ainda me repetes?.... tua tia é uma douda de pedras; nem parece que é mestra de collegio; é bem certo o ditado:— Quem muito lê, treslê.

D. CARLOTA (*aparte*).

Já mandaria Sallustio pedir-me a papai?

D. THEODORA.

Onde está teu pai, menina? Quero-lhe pedir para levar-nos hoje ao *Phantasma Branco*.

D. CARLOTA.

Ah! mamãe, ha de ser bem bonita peça. Vamos, vamos pedir a papai.

D. THEODORA.

Pois eu vou. (*Olhando para dentro*). Oh! lá está elle com o compadre Chrispim; deixa-me ir fallar-lhe. (*Sahe D. Theodora*).

SCENA XII.

D. CARLOTA E POUCO DEPOIS SALVADOR E CHRISPIM.

D. CARLOTA (*só*).

Ora, emfim, resolveu-se o meu Sallustio; e eu estou certa de que papae não ha de negar o primeiro pedido que o Capitão lhe faz; afinal sempre se convenceu de que eu nem conheço e muito menos amo ao tal Lucrecio, que o fez ficar mal comigo por alguns momentos. Julieta não pensa senão na emancipação, e eu sou muito mais feliz do que ella, porque só cuido na minha união. Que fortuna para mim! (*Mudando de tom*). Ahi vem papae e o Chrispim. (*Entrão Salvador e Chrispim*).

SALVADOR.

Menina, vai-te apromptar que hoje havemos de ir ao theatro.

D. CARLOTA.

Ao *Phantasma Branco*, papae?

CHRISPIM.

Sim, senhora, a essa *Phantasma Branca:* ha de ser alguma alma do outro mundo.

SALVADOR.

Seja o que fôr; o que ouço dizer é que é bem boa peça.

CHRISPIM.

Então eu tambem vou, se o compadre der licença.

SALVADOR.

Pois não: essa é boa!

D. CARLOTA.

Então vou desde já cuidar dos meus arranjos.

SALVADOR.

Vai, vai. (*Sahe D. Carlota*).

CHRISPIM.

Mas então você toma o meu conselho: não é assim?

SALVADOR.

De certo: é o que posso fazer de melhor; vamos a ver no que dá este negocio.

CHRISPIM.

Sim ; eu cá penso que de outra maneira não se chega ao fim a que ambos desejamos ; deixe vir por cá o Capitão e depois você se entenderá com elle amigavelmente : póde até prometter-lhe que dá a menina.

SALVADOR.

Tenho pensado e vejo que o seu conselho é excellente; decididamente eu não deixo a Carlota casar com o tal Capitão, pois já tenho ahi de olho um sugeito que não está mal arranjado ; possue uns dez escravos, duas moradinhas de casas e umas doze apolices ; creio que já não é máo principio.

CHRISPIM (*logo*).

Não perca, compadre ; agarre-o, e se fôr preciso alguma alicantina, ou outro qualquer arranjo, conte comigo ; o tempo não está para graças : e que emprego tem elle ?

SALVADOR.

Compra e vende escravos.

CHRISPIM (*atalhando admirado*).

Escravos novos ?

SALVADOR.

Não ; ladinos, ladinos.

CHRISPIM.

Isso agora é outro caso ; pois é o que lhe digo :

agarre-o e conte comigo para tudo o que quizer ; sabe quanto lhe estimo e a toda a sua familia.

SALVADOR.

Obrigado, compadre ; eu reconheço.

SCENA XIII.

OS MESMOS E SALLUSTIO.

SALLUSTIO.

V. S. dá licença?

SALVADOR.

Póde entrar, Sr. Capitão (*aparte*); eil-o na ratoeira.

CHRISPIM (*aparte para Salvador*).

Dê-lhe isca, compadre.

SALLUSTIO (*comprimentando com muita polidez*).

Sr. Salvador, sou um criado de V. S. (*Para Chrispim*) Sr. Chrispim, ás suas ordens.

CHRISPIM.

Viva o Sr. Capitão.

SALVADOR.

Ora, pois, sim, senhor ; já sei que V. S....

CHRISPIM (*aparte para Salvador*).

Por ora, nada, compadre.

SALVADOR (*continuando*).

.... que V. S. vai hoje ao theatro.

SALLUSTIO.

Talvez, talvez; tenho de mandar uma ordem ao sargento sobre a distribuição das patrulhas, e depois é bem possivel (*mudando de tom*). Mas eu desejava que V. S. me fizesse o obsequio de dar uma palavra em particular.

CHRISPIM.

Eu posso retirar-me.

SALVADOR.

Não, compadre, não é preciso; se é o que supponho, o Sr. Capitão póde dizer aqui mesmo, isto é, se tem de fallar-me sobre a carta....

SALLUSTIO.

Isso mesmo, é isso mesmo; porém....

SALVADOR (*atalhando*).

Ah! então não tem duvida; o compadre é de casa. (*Mudando de tom e dirigindo-se a Sallustio*). Sim, senhor, V. S. dá-me muito prazer e eu faço até muito gosto.

SALLUSTIO (*aparte*).

Oh! ventura!

CHRISPIM (*aparte*).

O compadre é finorio.

SALVADOR (*continuando*).

Tencionava mesmo ir á casa de V. S....

SALLUSTIO.

Oh tanta bondade! Era até meu dever procurar a V. S.

CHRISPIM (*aparte*).

Cahio no laço.

SALVADOR (*continuando*).

.... tencionava mesmo ir ter com V. S. para me informar; porque bem sabe.... emfim.... o publico....

CHRISPIM (*aparte*).

E' agora.

SALLUSTIO.

Oh! sim, sim, senhor; eu sou até muito conhecido do publico.

SALVADOR.

Pois por esse mesmo motivo, bem vê V. S. que um pai....

SALLUSTIO (*atalhando*).

Sim, senhor, tem toda a razão; um pai deve-se informar, e mesmo eu desejo que....

SALVADOR.

Sim, senhor, para me informar de V. S. sobre um annuncio.

SALLUSTIO (*aparte*).

Estou perdido!

CHRISPIM (*aparte*).

Tocou-lhe na ferida.

SALVADOR (*abaixando a voz*).

Um annuncio do *Jornal* chamando-o para um negocio.

SALLUSTIO (*atalhando e indireitando-se*).

Ora, já que V. S. vio, estimo bem: é isso mesmo tambem um dos motivos que me fez vir logo depois de ter mandado a minha carta: sabe V. S. que a calumnia, a inveja e a intriga são tres entidades que se reunem quasi sempre para nodoar os homens de bem.

CHRISPIM.

Isto é um axioma de direito romano.

SALVADOR.

Assim acontece (*aparte*): ouçamos a explicação.

SALLUSTIO (*continuando*).

Ora bem: lembra-se V. S. da carta daquelle Lucrecio da Purificação?

SALVADOR.

Perfeitamente.

SALLUSTIO.

Pois esse maroto foi por mim preso em consequencia do atrevimento que praticou com V. S., e como me ficasse com um odio figadal, sabendo que eu devia a um sugeito uma certa quantia, compra a divida e pespega com o meu nome no *Jornal*.

SALVADOR E CHRISPIM.

Pois fez isso? Que atrevido!

SALLUSTIO.

Mas eu tambem já mandei instaurar-lhe um processo, e elle tem de responder a um conselho.

CHRISPIM.

Bravo! obrou em regra, Sr. Capitão.

SALVADOR (*para Chrispim*).

Ora vejão só o que é uma vingança!

SALLUSTIO.

Eis-aqui, pois, explicado o annuncio que tanta vexame me tem causado; tanto que hoje mandei uma correspondencia expondo todo o occorrido.

SALVADOR.

Ora, Sr. Capitão, sinto muito o seu desgosto!

SALLUSTIO.

Que quer V. S.? São os ossos do officio.

SALVADOR.

Porém, como lhe ia dizendo, póde V. S. ficar certo de que não me opponho.

SALLUSTIO (*aparte*).

Oh céos !

SALVADOR (*continuando*).

Com a condição, porém, de que faremos isso um pouco mais tarde.

SALLUSTIO.

Ah ! pois não ! tambem eu não exijo já ; V. S. bem vê que sempre é necessario dispôr uma ou outra cousa.

SALVADOR.

E' verdade ; é esse mesmo o motivo pelo qual....

SCENA XIV.

OS MESMOS, D. THEODORA, CHIQUINHO E D. CARLOTA.

Grande alvoroço no interior ; D. Carlota, Chiquinho e D. Theodora a gritar um apoz outro e muito depressa.

D. THEODORA.

Sr. Salvador, fugio ! fugio !

CHIQUINHO.

E' verdade, padrinho, fugio !

D. CARLOTA.

A prima fugio, meu Deos !

SALVADOR, CHRISPIM E SALLUSTIO (*com espanto*).

Que é isto ? O que foi ?

D. THEODORA.

A Julieta não está em casa.

SALVADOR.

Que diz, senhora? Será possivel!

D. THEODORA.

Ora esta! ainda duvida? a Julieta fugio!

SALVADOR.

Meu Deos! que desgraça! que vergonha! Compadre, vamos...

CHRISPIM (*interrompendo*).

Vamos, compadre, vamos dar algumas providencias

SALLUSTIO.

Sr. Salvador, se quizer....

SALVADOR (*no maior desespero*).

Deixe-me, Sr. Capitão.

D. THEODORA.

Sr. Salvador, como ha de ser isto?....

SALVADOR.

Não ha tempo a perder; toca, toca; vamos ao Chefe de Policia.

CHRISPIM.

E' o caso: vamos.

SALVADOR (*como ainda duvidando*).

Mas virão-n'a sahir?

D. THEODORA.

Diz o Chiquinho que haverá duas horas que não a vê.

SALVADOR.

Oh! desespero! oh! raiva! (*Vão todos sahir, quando entrão os seguintes*):

SCENA XV.

OS MESMOS, DR. DEOLINDO E D. JULIETA, *vestidos de noivos, trazendo esta collete de emancipação;* D. CLEMENCIA *tambem de collete de emancipação e aceiadamente vestida;* D. CHERUBINA *trajando como na scena 7ª deste acto; as oito pensionistas de D. Clemencia tambem com colletes de emancipação; tropa de senhoras, todas de collete de emancipação, umas de barretina, outras de bonet, espadas, bayonetas, espingardas, etc., etc., e uma dellas com uma bandeira, onde estará escripto em grandes letras o titulo* — A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES *;— pouco depois entra o* MAJOR SILVINO *vestido de mulher, que depois da sua unica falla nesta scena deverá de vez em quando dizer cantando:* " Estou emancipado. " *Entrará juntamente com este o* MASCATE ITALIANO; *ao entrarem em scena* DEOLINDO, JULIETA, D. CLEMENCIA,

D. CHERUBINA *e sua tropa, já se deverá ouvir a musica, o canto confuso do hymno marcial á emancipação.*

D. CLEMENCIA.

Ora, estão casados (*apresentando Deolindo e Julieta a Salvador e á Theodora*), e sou eu a madrinha.

D. THEODORA.

Que é isto?

SALVADOR.

Sem o meu consentimento? Que atrevimento é este?

D. CLEMENCIA.

Eu tambem sou tia de Julieta e venho responder pelo que fiz.

D. THEODORA.

Isto é um insulto!

SALVADOR.

Isto não é cousa que se faça!

D. CHERUBINA.

Pois já está feita e é approval-a, quando não.... (*Avança*).

SALVADOR.

Cale-se, mulher endemoninhada!

D. THEODORA (*olhando para D. Cherubina*).

D. Cherubina está douda: vestida de militar!

SALVADOR.

Eu não admitto desculpa alguma ; ninguem me pise mais um instante nesta casa : isto é o maior dos insultos que se póde fazer a um chefe de familia !

CHRISPIM (*aparte*).

Meu Deos ! o mundo está perdido : esta mulher feita majora !

DEOLINDO (*querendo aplacar Salvador*).

Meu tio, eu peço-lhe....

SALVADOR (*furioso*).

Não attendo a nada : o senhor é um maroto muito grande ; abusou da minha casa ; nem mais uma palavra.

D. CARLOTA (*para D. Theodora*).

Mamãe, socegue a papai.

SALLUSTIO (*aparte*).

Isto está o diabo !

SALVADOR.

Tudo já no meio da rua ! nem mais um instante ; eu vou annullar semelhante casamento.

CHRISPIM (*para Salvador*).

Não é possivel, Compadre.

SALVADOR.

Hei de annullar, que isto não se atura! (*Correndo para Deolindo e Julieta, e ameaçando-os*). Atrevidos! já pela porta fóra!

D. CHERUBINA (*mandando formar a tropa de senhoras*).

Avançar ao primeiro ataque do Sr. Salvador!

SALVADOR.

Cale-se, mulher de mil diabos! (*Entra Silvino embriagado e o Mascate).*

SILVINO (*muito embriagado*).

Aqui está o mascate.

SALVADOR

Que quer este beberrão?

MASCATE.

École de calxe de emanxipaxione....

SALVADOR.

Salta, carcamano: tambem tu! Meu Deos, que vergonha!

D. CARLOTA (*aparte*).

E eu não me casarei?

SALLUSTIO (*chegando-se timidamente a Salvador*).

Agora eu desejava que V. S....

SALVADOR (*no auge da furia, querendo precipitar-se sobre Sallustio*).

Grandessissimo atrevido, caloteiro, ponha-se no andar da rua!

D. CARLOTA.

Meu Deos! eu morro! (*Desmaiando no sofá*). Sallustio! ah!

D. THEODORA.

Jesus! minha filha!

D. CHERUBINA (*para a tropa*).

Perfilar! á frente!

SALVADOR (*na maior afflicção possivel*).

Oh desesperação! inferno!

CHRISPIM (*tomando uma resolução firme*).

Compadre, o mal está feito; eu peço-lhe que agora desculpe tudo; vamos fazer uma conciliação, sim, uma conciliação.

SALVADOR (*mais calmo*).

Meu Deos! que scenas em minha casa!

CHRISPIM.

Compadre, perdôe, perdôe á senhora sua sobrinha; sou eu que lhe peço.

TODOS.

Sim, perdôe, perdôe, Sr. Salvador.

SALVADOR (*como que meio constrangido*).

Pois bem, eu perdoarei a todos e até ao Sr. Capitão, comtanto que se ha de emendar de suas extravagancias.

SALLUSTIO.

Oh ventura! (*Chegando-se para D. Carlota*) D. Carlota, eu.... eu vou ser seu marido.

D. CARLOTA (*tornando a si*).

Meu Deos! que ouço!

SALVADOR.

Sim, eu ficarei em paz com todos; mas não consentirei nestas idéas de emancipação.

DEOLINDO (*com ar solemne*).

Sim, meu respeitavel tio: a emancipação das mulheres, tal como se quer entender, é um sonho irrealisavel e mesmo uma utopia ridicula....

D. CHERUBINA (*atalhando*).

Que diz, Sr. Doutor? pois o senhor illudio-me?

DEOLINDO (*continuando*).

Confesso que abusei da credulidade de um sexo tão fragil, fomentando idéas que não poderão jámais ser realisadas ; mas tudo quanto fiz não foi senão para alcançar com mais brevidade a minha união com aquella que de hoje em diante, no amor conjugal, na dedicação aos deveres domesticos e na pratica da virtude fará consistir toda a sua gloria, deixando em profundo olvido os pensamentos romanescos e as idéas extravagantes, que uma educação mal dirigida imprimio em seu espirito exaltado. (*Voltando-se para D. Cherubina e sua tropa*). E vós, senhoras, deponde essas armas que em vossas mãos dizem tão mal, porque a mulher é a flôr mimosa da creação, destinada para aformosear com sua belleza o painel da humanidade e amenisar com o perfume de suas virtudes a existencia terrestre ! (*Toda esta scena deve ser executada com a maior viveza e naturalidade. Cahe o panno*).

FIM.

AS TRES GRAÇAS.

COMEDIA ORIGINAL BRASILEIRA EM 3 ACTOS

PERSONAGENS.

MASCARAS,
INTERLOCUTORES, } personagens extranhos á comedia.
CELESTINO.
XAVIER.
RICARDO,
GUSTAVO, } sobrinhos de Celestino.
FERNANDO,
MIQUILINA, 30 annos.
ANACLETO, 58 "
MOÇA, com um cachorrinho.
UM PROVINCIANO.
GUILHERMINA, mulher de Anacleto.
IGNEZ, irmã de Guilhermina.
HENRIQUETA,
JOSEPHINA, } filhas de Anacleto.
GUEDES.
EDUARDO, medico, sobrinho de Anacleto.
UM CREADINHO, fardado.
UM OFFICIAL de policia.
AS TRES GRAÇAS (não fallão).

A scena é no Rio de Janeiro em 1863.

AS TRES GRAÇAS.

ACTO PRIMEIRO.

Vista de um salão de baile mascarado em um theatro: grande numero de Mascaras, e de individuos não mascarados: musica no interior tocando: quando se levanta o panno está a findar uma quadrilha. Emquanto os personagens estão dialogando na frente da scena; ha no segundo plano uma multidão de Mascaras, e de pessoas não mascaradas, que passeião, riem e conversão á meia-voz fazendo um murmurio que deve durar todo o primeiro acto: depois de levantado o panno ainda a musica toca a quadrilha, devendo a dança terminar um momento depois, bem como a musica. Mascaras vestidos arbitrariamente.

SCENA I.

UM MASCARA (*a um individuo não mascarado*).

Você me conhece?

INTERLOCUTOR.

Muito: pois não!

MASCARA.

Pois olhe ; eu tambem o conheço.

INTERLOCUTOR.

Melhor p'ra você.

MASCARA.

Então, você já achou a pedra philosophal ?

INTERLOCUTOR.

Ando em *busca-della.*

MASCARA.

O que ? Quer uma *cadella?* (*Vão-se os dous para o segundo plano do salão*).

SCENA II.

OUTRO MASCARA (*a um individuo não mascarado*).

Então, você já não me conhece mais ?

INTERLOCUTOR.

Já lhe perdi as feições.

MASCARA.

Sim ? Pois eu conservo bem as suas.

INTERLOCUTOR.

Estimo muito.

MASCARA.

Mas diga-me; não se lembra daquella viagem que fizemos p'ra Lisboa?

INTERLOCUTOR.

Oh! pois não!

MASCARA.

Nunca mais me hei de esquecer daquella historia da linha: recorda-se?

INTERLOCUTOR.

Eu lá sei disso.

MASCARA.

Sabe, pois não! você pedio ao Commandante que queria ver a linha quando estivessemos para passal-a: os gaiatos atravessarão um fio de linha no oculo, e você ficou pasmado a ver a maravilha. (*Ri-se*). Ah! ah! ah!

INTERLOCUTOR.

Isso é uma anedocta. (*Aparte*). Qualquer patife põe uma mascara, e vem para aqui dizer o que lhe parece. (*Vão os dous para o segundo plano do salão*).

SCENA III.

CELESTINO (*velho folgazão, bem disposto, maneiras cortezes, vestido com gosto*), E XAVIER (*provinciano, maneiras atoleimadas*).

XAVIER.

Ha muito, Sr. Celestino, que tenho essa idéa: sou apaixonadissimo pela musica, e na minha provincia estou que um theatro lyrico faria até muito negocio.

CELESTINO.

Sr. Xavier, parece que nascemos debaixo do mesmo signo; e estamos na mesma clave: eu sou tambem louco por musica; e quer que lhe diga uma cousa? Já tive a mesma idéa que V. S.

XAVIER.

O que? Fazer um theatro lyrico no Maranhão?

CELESTINO.

Exactamente.

XAVIER.

Então, nem de proposito.

CELESTINO.

E' verdade: tinha já uma cantora de *primo-cartello*, e um tenor dez vezes melhor que o Tamberlick.

XAVIER.

Isso é excellente, meu amigo; e porque não realisou a sua idéa?

CELESTINO.

Certos obstaculos....

XAVIER.

Mas, obstaculos insuperaveis?....

CELESTINO.

Nada: cousa de pouca monta.

XAVIER.

Talvez os capitaes...

CELESTINO.

Sim; os capitaes.... havia alguma difficuldade; mas isso arranjava-se; porém é que....

XAVIER.

O que, então?

CELESTINO.

E' que eu tinha contractado dous Baixos magnificos....

XAVIER (*atalhando*).

E eu que sou perdido pelos Baixos!....

CELESTINO (*continuando*).

Um delles era estupendo! dava o — dó — o mais grave que é possivel, e sem o menor esforço!....

SCENA IV.

OS MESMOS E DOUS MASCARAS (*trazendo penduradas ao pescoço umas pequenas caixas com escovas de sapatos: estes mascaras devem imitar a pronuncia italiana*).

PRIMEIRO MASCARA.

Engraixa bota, botine, sapato, sinhór.

SEGUNDO MASCARA.

Bene engraxato !.... bene vernizato !....

CELESTINO (*a Xavier*).

Faltava-nos ainda esta praga. (*Vão-se os mascaras*).

SCENA V.

CELESTINO E XAVIER.

XAVIER.

Porém tornando aos seus Baixos....

CELESTINO.

E' verdade: um delles era um rapaz Mineiro que tinha medo de passar o mar, e impôz então a condição de ganhar por noite quinhentos mil réis.

XAVIER.

Emfim, valia a pena.

CELESTINO.

Se valia !....

SCENA VI.

OS MESMOS E UM MASCARA (*que chegando-se junto de Xavier e Celestino canta procurando imitar a voz e o gesto de um actor do theatro lyrico*).

MASCARA (*cantando*).

Era già figlio (*filio*),
Prima d'amarti,
Non puô frenarmi
Il tuo martir.

Madre infelice (*infelixe*).
Corro a salvarti,
E teco almêno
Corro a morir!....

(*Retira-se depois de cantar*).

XAVIER (*para Celestino*).

E o bregeiro não tem uma voz excellente?

CELESTINO.

Creio que é um dos rapazes, que fórmava parte da minha companhia.

XAVIER.

Pois é pena: se todos os outros correspondião, devia ser uma companhia de estrondo.

CELESTINO.

De estrondo, diz muito bem: asseguro-lhe que não correspondião, mas até excedião.

XAVIER (*dando o braço a Celestino, e dirigindo-se para o 2º plano*).

Porém, Sr. Celestino, talvez que.... (*E vão-se para o 2º plano da scena fingindo que continuão a conversa*).

SCENA VII.

MASCARA (*que vem com um individuo não mascarado, e apresentando-lhe uma cartinha fechada*).

Meu amigo, sei que é um dos dignos Eleitores desta fornada, e por isso recommendo-lhe esta chapinha.

INTERLOCUTOR.

Então, é a genuina?

MASCARA.

São os nomes dos verdadeiros salvadores do paiz. (*Vai-se para o meio da multidão dos outros*).

SCENA VIII.

OUTRO MASCARA (*ao mesmo interlocutor*).

O senhor é Eleitor: a sua physionomia está mostrando.

INTERLOCUTOR.

Pelo que vejo, é discipulo de Lavater.

MASCARA.

Peço-lhe encarecidamente que não deixe de votar nesta chapa (*mostrando-lhe uma cartinha fechada*), não creia no que lhe acabou de dizer este amigo, que d'aqui sahio. A minha chapa compõe-se de oradores distinctos que com seus discursos hão de salvar a patria.

INTERLOCUTOR.

E' só com os discursos? Pois venha lá essa chapa. (*O Mascara entrega a chapa, e vae-se para o meio da multidão dos outros*).

SCENA IX.

OUTRO MASCARA (*ao mesmo interlocutor*).

Acabo de observar que V. S. é victima de uma fraude eleitoral: nenhuma destas chapas é legal.

INTERLOCUTOR.

Tambem não duvido.

MASCARA.

Esta chapa (*mostrando-lhe e entregando-lhe uma cartinha*) é effeito de uma combinação chimica; operou-se uma DISSOLUÇÃO em virtude de um magnifico reactivo, e o precipitado que deu foi uma *liga maravilhosa:* com ella compuz esta chapa que é ainda melhor do que qualquer das do Ricardo Kirck.

INTERLOCUTOR.

Todas ellas hão de regular pelo mesmo. (*O Mascara vai para o 2º plano da scena*).

SCENA X.

CELESTINO E XAVIER.

CELESTINO.

Pois muito bem, Sr. Xavier, da minha parte não ponho a menor duvida.

XAVIER.

Sim; estou bem certo de que essa empreza ha de dar lucros, e é um melhoramento de que muito carece a minha provincia.

CELESTINO.

Na minha opinião, Sr. Xavier, em cada capital de provincia devia haver um theatro lyrico.

XAVIER.

Apoiadissimo.

CELESTINO.

Porque dizem os autores, Voltaire, e creio que até Cornelio Nepóte, se bem me lembro; que a musica adoça os costumes, e faz a civilisação.

XAVIER.

Eu penso tambem assim: a proposito, esse Cornelio Nepóte é autor de uma opera, não?

CELESTINO.

De uma grande opera italiana; opera de immensa força; oh! pois não!....

XAVIER.

Julgo que já ouvi fallar nessa opera.

CELESTINO.

Sim, senhor; é muito fallada: eu a tenho no meu Repertorio. Porém, quanto ao nosso plano....

XAVIER (*atalhando*).

Vamos ver se o realisamos, Sr. Celestino: eu concorrerei com o que puder, pela minha parte.

CELESTINO.

Oh! sem duvida: V. S. será mesmo o Emprezario Capitalista, e eu me incumbo de tudo mais. (*Aparte*). Se arranjo esta....

XAVIER.

Disponho de alguma fortuna; não é lá muito; mas em uma empreza tão util....

CELESTINO (*atalhando*).

Ha tudo a ganhar, e nada a perder (*aparte*): cá pela minha parte. (*Xavier enfia o braço em Celestino, e vão fingindo que conversão para o 2º plano da scena*).

SCENA XI.

GUSTAVO E FERNANDO (*sem estarem mascarados*).

GUSTAVO.

A Henriqueta massa-me com as cartas, e fica toda arrufada quando não lhe respondo.

FERNANDO.

A irmã é a mesma cousa: escreve-me laudas e laudas de papel, que custo a decifrar; e demais a mais tudo escripto a lapis: é uma prolixidade, que me enfara.

GUSTAVO.

Felizmente o estylo da Henriqueta é conciso, e a letra de ver-se ao longe.

FERNANDO.

E eu não sei como a Josephina acha materia para encher ás vezes dez e doze paginas de papel: verdade é que tudo são repetições, e mais repetições.

GUSTAVO.

Em uma palavra, o projecto que ellas discutem, é o seu casamento, que cá pela minha parte não passa.

FERNANDO.

Nem pela minha: era preciso ter perdido de todo o juizo para neste tempo ir qualquer de nós casar com uma moça sem dinheiro, quando estamos a ver acabar-se o restinho da fortuna, que herdámos.

GUSTAVO.

E' verdade, tinha que vêr-se.

FERNANDO.

Nada; apreciarmos a vidinha de solteiro o mais que pudermos, e prendermo-nos só em grilhões de ouro.

GUSTAVO.

Apoiado; e isso mesmo.... não sei....

FERNANDO.

De cem contos para cima já se póde fazer um pequeno sacrificio.

GUSTAVO.

Sim; mas só de cem contos para cima.

SCENA XII.

MASCARADO (*montado em um cavallo de papelão dirigindo-se a diversos grupos*).

O dentista universal! O unico dentista do seculo! Ou queixo, ou dente! Cheguem-se.

(*Risadas de outros Mascaras*).

SCENA XIII.

MASCARA.

Phosphoros! Phosphoros! superiores e inalteraveis.

SCENA XIV.

GUSTAVO, FERNANDO E RICARDO.

RICARDO.

Até que afinal os encontrei!

FERNANDO.

Nós tambem já estavamos cançados de te procurar.

RICARDO.

Vocês virão o tio Celestino?

GUSTAVO.

Inda ha pouco esteve elle a conversar com um Xavier, que já no outro dia lá appareceu em casa.

FERNANDO.

Mas o que ha de novo?

RICARDO.

Parece que vocês não pensão na vida: só cuidão de namoros, theatros, bailes, e....

GUSTAVO.

E então o que havemos de fazer?

FERNANDO.

Ai, que estás hoje para prégar sermões, meu irmão.

RICARDO.

E' que as cousas não vão bem.

GUSTAVO.

E que temos nós com isso?

FERNANDO.

Gustavo, deixa o Ricardo fallar: vamos d'aqui ao Paraiso.

RICARDO.

Pois vão, que eu creio que pouco falta para irmos todos para o inferno.

GUSTAVO.

Mas então, o que temos? Que novidades ha?

RICARDO.

Novidades velhas: vocês sabem que o tio Celestino está empenhado até os cabellos: tudo quanto tinhamos, foi-se; elle não tem d'onde se possa manter, nem tão pouco a nós.

FERNANDO.

Por consequencia....

RICARDO.

Cahimos muito breve em miseria.

GUSTAVO.

Pois o negocio está assim tão feio?

RICARDO.

E' o que estou dizendo: o caso está sério.

FERNANDO.

Então, vamos tomar uma resolução.

GUSTAVO.

Eu metto-me n'um convento.

FERNANDO.

E eu n'outro; mas de Freiras.

RICARDO.

E eu e o tio Celestino iremos vender bilhetes da loria, não é isso? (*Os tres conversão baixo, e vão para o meio do salão*).

SCENA XV.

MASCARA (*todo vestido de cartazes, traz uma grande vara, em cuja extremidade vê-se um quadro de papel annunciando de ambos os lados o espectaculo do Al-*

caçar lyrico, traz tambem uma campainha na mão, e vai tocando e dizendo):

Chega, freguez ! chega, freguez !

SCENA XVI.

DOUS MASCARAS (*conversando um com outro*).

PRIMEIRO MASCARA.

Quer você saber d'uma cousa espantosa ?

SEGUNDO MASCARA.

Vamos á ella ; bem que eu hoje já de nada me espanto.

PRIMEIRO MASCARA.

Acabei de saber o motivo, porque o fio do telegrapho electrico para Petropolis está sempre arrebentado.

SEGUNDO MASCARA.

E' boa ! é porque é muito fino.

PRIMEIRO MASCARA.

Não ha tal : é que mora uma Sra. Balêa mesmo no logar, por onde passa o fio, e tem dous filhotes muito travessos, que fazem daquillo corda de balanço.

SEGUNDO MASCARA.

E quem lhe deu essa noticia ?

PRIMEIRO MASCARA.

Um mergulhador das obras hydraulicas da Alfandega. (*Vão-se para o segundo plano*).

SCENA XVII.

RICARDO, GUSTAVO E FERNANDO.

FERNANDO.

Mas isso está o diabo!

GUSTAVO.

Em que havemos então ganhar dinheiro licitamente?

RICARDO.

A mim não occorre cousa nenhuma.

FERNANDO.

E' verdade: todas as minas estão exploradas.

GUSTAVO.

E algumas tem arrebentado, levando até o diabo os mineiros.

RICARDO.

Já me lembrei de fazer-me doutor em leis.

GUSTAVO.

Mas como?

FERNANDO.

Pois ias estudar agora ?

RICARDO.

Não ; mandava buscar uma carta á Europa.

GUSTAVO.

Póde ser.

FERNANDO.

Não é mal lembrado.

GUSTAVO.

Então, nós, Fernando, podiamos pôr um negocio.

FERNANDO.

Estás louco ?!.... Pois não sabes que por ahi se diz que Brasileiro não serve para negocio ?

GUSTAVO.

Pois está dito : vamos dar lições por casas particulares. (*Vão-se para o meio do salão*).

SCENA XVIII.

DOUS RAPAZES E UMA MASCARA,
(*traz o rosto coberto*).

PRIMEIRO RAPAZ.

Bem ; mas você já nos prometteu que tirava a mascara.

SEGUNDO RAPAZ.

Ha de cumprir a palavra.

MASCARA.

Eu tenho vergonha....

PRIMEIRO RAPAZ.

Ora, ia-iá, não exaspere a gente.

SEGUNDO RAPAZ.

Toda a noite a temos seguido, sempre com a esperança de vermos este rosto de Anjo.

MASCARA.

Você namora a Mariquinhas da rua do Lavradio, e vem agora me render finezas: não vê que eu lhe acredito? pois não!

PRIMEIRO RAPAZ (*para o companheiro*).

Esta Mascara é por força uma Franceza, com quem eu vim na Gondola de Botafogo haverá duas noites.

SEGUNDO RAPAZ.

Qual Franceza! pois se ella falla tão bem o portuguez!

MASCARA.

Não sou Franceza, não: sou sua patricia.

PRIMEIRO RAPAZ.

Patricia!....

SEGUNDO RAPAZ.

Oh! como ha de ser bella. (*Cada um toma uma mão da Mascara e beija*).

MASCARA (*puxando as mãos d'entre as dos rapazes*).

Me deixem; isso não são modos!

PRIMEIRO RAPAZ (*como quem descobrio quem era a Mascara*).

Já sei quem é você.

SEGUNDO RAPAZ.

Quem é?

MASCARA.

Ora adivinhe, se é capaz.

PRIMEIRO RAPAZ.

Você não é a Eliza?

(*Mascara tirando a mascara e apresentando um espesso bigode e uma barba immensa, apenas se descobre vai-se logo retirando, e cobrindo de novo o rosto*).

PRIMEIRO RAPAZ.

Ora esta!

SEGUNDO RAPAZ.

Que patife! imita perfeitamente a voz de mulher. (*Vão-se os dous rapazes para o meio do salão*).

SCENA XIX.

GUSTAVO E FERNANDO (*vem de um lado da scena com o braço passado um sobre o hombro do outro*), RICARDO (*vem do outro lado da scena, e encontra-se*).

RICARDO.

Novidade fresca.

GUSTAVO.

Arranja-se dinheiro?

FERNANDO.

Descobrio-se a quadratura do circulo?

RICARDO.

Nem uma, nem outra cousa.

GUSTAVO E FERNANDO.

Então, o que é?

RICARDO.

Chegou da Europa um Dr. Eduardo, priminho da tua Henriqueta. (*Voltando-se para Gustavo*).

FERNANDO.

E por consequencia tambem Primo da minha Josephina.

GUSTAVO.

E como se ha de classificar esse animalejo?

RICARDO.

Rival de Gustavo ou de Fernando, futuro genro do vosso ex-sogro, e sobrinho de seu tio Anacleto.

FERNANDO.

Ah! se elle quizesse ser meu rival, era um fortuna: ficava eu livre das immensas cartas da Josephina.

GUSTAVO.

Pois eu não desejo por ora deixar o passatempo da minha Henriquetinha.

RICARDO.

Só eu não acho quem me queira.

FERNANDO.

E' por tua culpa.

GUSTAVO.

Tu ainda és daquelles, que namoras só p'ra casar!...

FERNANDO.

Mas quem te deu essa noticia?

RICARDO.

Aquelle Sr. Guedes, que vocês chamão Empata-vasas.

GUSTAVO.

Ah! aquelle diabo que está vivo e morto em casa do Anacleto?!

FERNANDO.

Isso é um almanak vivo.

RICARDO.

Vamos tomar um refresco ?

GUSTAVO.

Pagando tu, prompto.

FERNANDO.

Vamos a isso. (*Vão-se os tres para o meio do salão*).

SCENA XX.

CELESTINO (*só*).

O homem está influidissimo : nada de perder-se esta occasião : nestes 8 dias, vencem-se as letras do Anacleto, e eu tenho de fazer-me em dinheiro. Sete contos de réis !!.... Onde hei de eu ir buscal-os ?!.... Os rapazes já estão quasi sem vintem : não ha que hesitar ; levo-os comigo para o Maranhão, e faço-os cantores : isto não deve ser monopolio dos Italianos. Ahi vem o dilettanti.

SCENA XXI.

O PRECEDENTE E XAVIER.

XAVIER.

Então, Sr. Celestino, amanhã na rua Direita ás 10 horas.

CELESTINO.

Sem falta; ás 10 horas na rua Direita.

XAVIER.

A companhia só de canto; por ora não tratemos do corpo de baile.

CELESTINO.

Não é conveniente: a quadra não offerece vantagens para as dançarinas.

XAVIER.

Sim; e mesmo para principiar seria muita despeza.

CELESTINO.

Nada de grandes despezas: a maior economia possivel; a época é toda de economias. (*Vão-se para o salão*).

(*Apenas Celestino acaba a ultima palavra, a musica toca dentro o galope infernal; todos os Mascaras danção; ha grande confusão, e o alarido do costume na occasião, em que finda um baile mascarado: ouve-se tambem tocar uma sineta em signal de retirada*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Sala espaçosa em casa de Celestino: um apparelho de photographia, uma pequena mesa com uma caixa que se figura ser de instrumentos de dentista; uma poltrona, e os mais arranjos de uma sala sem luxo. O apparelho de tirar retratos, a mesa com a caixa dos ferros, e a poltrona devem estar em lugares separados e distantes uns dos outros.

SCENA I.

RICARDO (*só, vendo o relogio*).

São quasi nove e meia: não póde tardar. (*Pega no Jornal do Commercio que está em cima da mesa*) Vamos ver o meu annuncio (*procurando*) cá está elle! (*Lendo*) " Somnambula— Consultorio Magnetico— O grande magnetisador prophetico dá suas sessões magneticas todos os dias até ás 2 horas da tarde. Cada consulta 20$000 rs. Perguntas sobre o futuro 50$000 rs. " (*Acabando de ler*) Isto ha de produzir muito effeito! Foi uma inspiração! E o tio Celestino descobriu-me uma somnambula de patente! Parece-me que ella tem uma grande pratica, e é de uma lucidez perfeita (*Batem palmas*) Não tem duvida; estas palmas são magneticas. (*fallando para fóra*) Póde entrar.

SCENA II.

O PRECEDENTE E MIQUELINA *que entra e vem comprimentando com muitos requebros.*

RICARDO (*aparte*).

Parece-me que sou eu quem fica magnetisado (*alto*) Foi pontual, minha senhora.

MIQUELINA (*com muita affectação e requebros*).

Pontualidade magnetica: pedi hontem ao meu antigo magnetisador que me fizesse dormir vestida e prompta desde ás 10 horas da noite, e que ás 9 e meia da manhã estivesse aqui,acordando-me nesse mesmo instante.

RICARDO (*aparte*).

Safa ! (*alto*) Mas não me disse que o seu magnetisador tinha ido para a Europa ?

MIQUELINA.

E' verdade.

RICARDO.

Porém, então....

MIQUELINA.

Eu converso com elle em espirito, mesmo daqui para Paris.

RICARDO (*aparte*).

E' dura de engolir !.... mas vá feito. (*alto*) Porém, minha somnambula, não podemos perder tempo ; talvez appareça algum consultante, e preciso que convencionemos sobre o processo....

MIQUELINA.

Eu lhe explico.

RICARDO.

Sim, é necessario uma pequena explicação, posto que eu já li um manual de magnetismo.

MIQUELINA *tirando o chapéo*).

Sento-me em uma cadeira ; esta poltrona, por exemplo ; recosto-me ; (*vai fazendo tudo ao vivo*) o doutor..

RICARDO (*atalhando*).

Olhe que não sou formado.

MIQUELINA.

E' o mesmo, uma vez que magnetisa.....

RICARDO.

Bem, bem.

MIQUELINA (*continuando*).

O Dr. senta-se defronte de mim. (*Ricardo senta-se defronte della*).

RICARDO.

Assim, não ?

MIQUELINA.

Exactamente ; assim mesmo.

RICARDO.

E depois....

MIQUELINA.

Pega nas minhas mãos....

RICARDO (*pegando nas mãos de Miquelina*).

Muito bem, muito bem.

MIQUELINA.

Ai! mas não aperte assim....

RICARDO (*aparte*).

Estou quasi magnetisado.

MIQUELINA (*continuando a explicar*).

Encosta bem a cabeça do seu dedo no meu.....

RICARDO.

De que dedo?

MIQUELINA.

Do seu mata-piolho.

RICARDO (*fazendo ao vivo*).

Está bem encostadinho.

MIQUELINA (*continuando a explicar*).

Os seus joelhos nos meus..... (*Ricardo faz ao vivo*).

RICARDO (*aparte*).

Estou sentindo uns arripios.... (*alto e com a voz tremula*) E agora....

MIQUELINA.

Olhe bem, bem para mim com os olhos muito arregalados; (*Ricardo fazendo ao vivo*) como quem está jogando o jogo do sizo.

RICARDO.

Mas eu estou sentindo a vista tão turva....

MIQUELINA.

Isso passa; é o primeiro choque.

RICARDO.

Porém leva-se muito tempo neste jogo do serio? olhe que eu não quero rir-me.

MIQUELINA.

Não; passados 20 a 25 minutos, eu fécho os olhos e estou magnetisada.

RICARDO.

E não póde ser em menos tempo?

MIQUELINA.

Isso depende da maior ou menor força do magnetisador.

RICARDO.

E quanto tempo julga que lhe bastará recebendo o meu fluido?

MIQUELINA.

Talvez em menos de 5 minutos eu caia em somnambulismo.

RICARDO.

Eu tambem devo fechar os olhos ?

MIQUELINA.

Não, apenas eu der um suspiro e revirar os olhos, o doutor tira as suas mãos dentre as minhas, e faz os passes com ellas abertas desde a altura dos olhos até o estomago (*Ricardo faz ao vivo*).

RICARDO.

Sim, os passes ; e quantas vezes ?

MIQUELINA.

Duas ou tres vezes, e depois declara a sua somnambula em perfeito somno magnetico.

RICARDO (*já de pé e Miquelina tambem*).

E quanto ás respostas e adivinhações ?

MIQUELINA.

Isso deixe estar por minha conta ; e quando alguma vez eu me engane....

RICARDO.

Sim, isso é que eu receio.

MIQUELINA.

E' nunca perder o sangue frio, quando se achar em algum embaraço : diga então — é preciso dar-lhe mais

fluido — e feche os dedos como quem atira um punhadinho de sal na panella, fazendo a menção sobre o meu rosto.

RICARDO (*executando o que Miquelina acaba de dizer*).

Assim, não ?

MIQUELINA.

Exactamente.

RICARDO.

Estou um perfeito magnetisador.

MIQUELINA.

Assim é que se principia.

SCENA III.

OS MESMOS E MAIS GUSTAVO E FERNANDO.

GUSTAVO (*entrando e comprimentando Miquelina; aparte*)

Magnifico !....

FERNANDO (*idem, aparte*).

E' uma pequena de truz !

GUSTAVO (*a Miquelina*).

Vem tirar o seu retrato ?

FERNANDO.

Quer que lhe examine os dentes ? (*Miquelina sorrise a estas perguntas e faz requebros*).

RICARDO.

Esta senhora é a minha somnambula : a Sra. D. Miquelina Gityrana.

GUSTAVO *(aparte)*.

Pois parece não ter nada de tyranna.

MIQUELINA.

Doutor, eu me acho fatigada, e se podesse repousar por um momento....

RICARDO.

Aqui ha uma saleta proxima; entre e descance: é mesmo um gabinete que lhe mandei preparar (*Miquelina comprimenta os tres, toma o chapéo, e vai para o interior*).

FERNANDO.

Antes eu me tivesse feito magnetisador.

GUSTAVO.

O' Ricardo, vamos nós trocar de profissão ?

FERNANDO.

Eu tambem tróco.

RICARDO.

Nada, o que está feito, está feito.

GUSTAVO.

Mas eu não tenho feito quasi nada pela photographia.

FERNANDO.

E eu acabo de saber que aquelle frade, a quem arranquei o dente, morreu de uma hemorrhagia.

RICARDO.

Isso é que é máu.

GUSTAVO.

Mas onde foste doscobrir esta somnambula ?

FERNANDO.

E caladinho!....ah! Ricardo!....

RICARDO.

Foi o tio Celestino que descobriu: disse-me que o Magnetisador de quem ella já foi somnambula, retirou-se rico para a Europa.

SCENA IV.

OS PRECEDENTES E ANACLETO

ANACLETO.

Dão-me licença? (*entrando*).

RICARDO.

Oh! Sr. Anacleto! póde entrar (*Anacleto comprimenta os 3 e mostra-se afflicto.*)

GUSTAVO (*a Fernando*).

Que quererá o Anacleto?

FERNANDO (*a Gustavo*).

Está tão espantado...

RICARDO.

Que determina V. S. Sr., Anacleto ?

ANACLETO.

Sr. Ricardo, venho recorrer ao Senhor como ao ultimo meio de salvação.

RICARDO.

Oh! Sr. Anacleto! então ulguma cousa....

ANACLETO (*embaraçado, e como que desejando ficar a sós com Ricardo diz em voz um pouco baixa*).

E' uma cousa particular....se eu podesse....

RICARDO.

Pois nesse caso....(*faz signal aos irmãos que se retirem*).

GUSTAVO (*a Anacleto*).

V. S. me ha de permittir que eu leve um retrato a casa....

ANACLETO.

Pois não, Sr. Gustavo.

FERNANDO.

Eu tenho de ir extrahir um dente aqui na visinhança e por isso....

ANACLETO.

Sem comprimento (*Retirão-se Gustavo e Fernando*).

RICARDO.

Então em que posso ser util a V. S. ?

ANACLETO.

Sr. Ricardo, não sei se está informado de que minha filha Josephina padece, e padece muito.

RICARDO.

Tenho ouvido dizer.

ANACLETO.

Já não ha medico nenhum que falte consultar: até já forão consultas á Europa, e tudo quanto se tem feito nada tem aproveitado.

RICARDO.

Oh! sinto muito!

ANACLETO'

Estando eu hontem com o Senhor seu tio Celestino, disse-me elle que o Senhor tem feito ha muitos annos estudos de magnetismo.

RICARDO (*com muita seriedade*).

Estudos profundos.

ANACLETO (*continuando*).

E que tem uma somnambula.

RICARDO (*atalhando*).

Um somnambula de primeira força.

ANACLETO (*continuando*).

E que basta trazer um pouco dos cabellos da doente n'uma caixinha para que ella....

RICARDO (*atalhando*).

Para que ella descreva a enfermidade, e diga se morrerá ou não daquelle mal.

ANACLETO.

Mas, Sr. Ricardo, eu não acreditava nessas historias; porém á vista do estado de minha filha....são ataques todos os dias....Minha mulher já não sabe o que hade fazer: quando passa melhor é se vai a algum baile, theatro, ou passeio....

RICARDO.

Sim, a distracção hade fazer-lhe bem.

ANACLETO.

E' o que todos me dizem—Oh! é um soffrimento, Sr. Ricardo, como o Senhor não póde imaginar: tenho gasto rios de dinheiro.

RICARDO.

E talvez com 15 ou 20 sessões magneticas já ella estivesse perfeitamente boa.

ANACLETO.

Talvez, talvez: por isso vim agora disposto a consultal-o. Mas não tem aqui a somnambula?

RICARDO.

Magnetisei-a; e ella está dormindo em pé, haverá duas horas neste gabinete proximo.

ANACLETO.

Dormindo em pé, ha duas horas? e sem cahir?!.

RICARDO.

Isso não tem nada de admiravel, Sr. Anacleto : já vejo que V. S. nunca assistiu a uma sessão magnetica.

ANACLETO.

Nunca, nunca, Sr. Ricardo.

RICARDO.

Pois saiba que eu ás vezes tenho feito esta minha somnambula, e muitas outras elevarem-se do chão quasi um palmo, ficando nas pontinhas dos pés.

ANACLETO,

Oh! parece quasi um milagre!

RICARDO.

Pois não é mais que o effeito de uma exaltação nervosa.

ANACLETO.

Estou já ancioso por ouvir a opinião da somnambula.

RICARDO.

Pois vou fazer-lhe a vontade.

ANACLETO.

E' favor.

RICARDO.

Daqui mesmo ordenarei que ella se accorde: ella obedecerá e virá tão fresca e louçã que nem parecerá que esteve dormindo por tanto tempo.

ANACLETO.

Cada vez se descobrem mais novidades; esta era uma, em que eu não acreditava; mas emfim....

RICARDO.

Olhe, Sr. Anacleto, lá vai:—Somnambula, accorda-
" te! a minha vontade imperiosa te ordena que te accor-
" des, e te aprestes diante de mim como uma humilde
" serva!" (*diz estas palavras tomando uma atitude e gravidade charlatanicas:* ANACLETO *fica boquiaberto ao ouvil-o; mas a somnambula não apparece*).

ANACLETO.

Talvez não ouvisse, Sr. Ricardo: póde ser que fallando mais alto....

RICARDO (*á parte*).

Mau! (*alto e com voz mais forte*) Somnambula, accor-

" da-te! a minha vontade imperiosa te ordena que te ac-
" cordes, e te apresentes diante de mim como uma hu-
" milde serva! (*A somnambula não apparece*).

ANACLETO (*á parte*).

Não vá ella estar morta ? ! (*alto*) Porque não vai até o gabinete, Sr. Ricardo ? Talvez....

RICARDO (*á parte*).

Que diabo teria acontecido ? ! (*alto e com muito sangue frio*) Eu já sei o que foi isto.

ANACLETO.

Algum ataque ? !

RICARDO (*com muita calma*).

Nada, não Senhor. Eu disse-lhe quando ella adormeceu que fosse até a Polonia; e depois aos Estados-Unidos, e me trouxesse uma informação exacta do que se está passando agora naquellas infelizes nações.

ANACLETO (*desconfiado*).

Porém Sr. Ricardo, eu sou um homem, que já tenho perto de sessenta annos, e bem vê que não estou no caso de....

RICARDO (*formalisado*).

V. Senhoria hade perdoar-me: eu sei que isto deve parecer-lhe maravilhoso: entretanto não é menos exacto. Sr. Anacleto, eu sou incapaz de zombar de uma pessoa tão sizuda, como V. S.

ANACLETO *(convencido das palavras de Ricardo).*

Emfim Sr. Ricardo, tudo póde ser. Mas sempre é bom ir ao menos até á porta do gabinete.

RICARDO *(á parte).*

Não ha outro remedio : aqui ha novidade (*alto*). Vou unicamente para satisfazer-lhe. *(Chega até o bastidor, mas não entra, o espectador deve percebel-o no bastidor).*

ANACLETO.

Ha uns 20 annos para cá tenho visto cousas neste Rio de Janeiro!!.... especialmente depois dos taes Paquetes!.... pois se são dous por mez da Europa p'raqui e d'aqui p'ra a Europa ! ? *(Em outro tom)* Emfim, este rapaz, parece-me serio: e o tio regula pela minha idade; estou bem certo de que não consentiria em maroteiras.

RICARDO *(voltando e dizendo com muita calma).*

Bem podia eu chamal-a !

ANACLETO.

Morreu, não ?

RICARDO.

Não, senhor ; mais está com medo de que isso lhe aconteça.

ANACLETO.

Oh ! mas Sr. Ricardo, por quem é, acabe com isso ; tire-a desse somno.

RICARDO.

Agora não é possivel.

ANACLETO.

Mas a policia póde....

RICARDO (*com muito sangue frio*).

Não se assuste, Sr. Anacleto; fallei com a somnambula; ella foi á Polonia; e já está de volta dos Estados-Unidos; porém neste momento está no Grande Oceano.

ANACLETO.

No Circo Grande Oceano?

RICARDO.

Não, senhor; no alto mar.

ANACLETO.

Quasi a affogar-se não é isso?

RICARDO (*com muita calma*).

Pelo contrario; não é a agua o que ella teme, mas o fogo.

ANACLETO.

Mas o fogo, como assim?

RICARDO

Vinha de volta dos Estados-Unidos, quando encontra o *Alabama* aprisionando um barco americano; o fogo que o corsario está fazendo é vivissimo, e ella está em grande susto.

ANACLATO.

E não voltará?

RICARDO.

Não posso dizer-lhe ao certo, quando chegara: a distancia é immensa!

ANACLATO.

Pois nesse caso eu voltarei depois; talvez daqui á duas horas.

RICARDO.

Sim, Sr. Anacleto: entretanto prometto-lhe levar-lhe a somnambula mesmo á sua casa.

ANACLETO.

Oh! isso seria talvez o melhor; porque minha cunhada Ignez tem muita vontade de ver.

RICARDO.

Pois, Sr. Anacleto, tranquillise-se sobre o estado da senhora sua filha que vai ficar boa; e quanto á somnambula, eu a levarei.

ANACLETO.

Estamos tratados: até lá.)*Sahe Anacleto*)

SCENA V.

RICARDO (*só*).

Esta agora é que é bonita! O gabinete vasio e aberta a porta que dá para a rua! Não tem mais que ver, a

Sra. D. Miquelina fugio. Ainda me parece mentira! E com que cara d'asno ia ficando eu! Foi bom lembrar-me do conselho que ella deu-me: —Nunca perder o sangue frio, quando me achasse embaraçado.— O velho ia desconfiando *(em outro tom)*. Mas porque sahiria a Sra. D. Gitirana? Talvez tivesse ido dar um passeio, e tenha já voltado: vejamos. (*indo até o bastidor e voltando*) Ah!.... aqui anda segundo magnetisador! a charuteira do Gustavo em cima da mesa!.... está decifrado o enigma! aquelle meu irmão.... aquelle meu irmão....

SCENA VI.

O PRECEDENTE E FERNANDO.

FERNANDO (*entrando assustado e tomando uma grande respiração*).

Ah!.... safa!

RICARDO.

Que é isso? vens tão pallido?

FERNANDO.

Esta lembrança que tive de fazer-me dentista foi a peior possivel.

RICARDO.

E' ainda a historia do frade?

FERNANDO.

Nada; esta agora é mais seria.

RICARDO.

Fernando, acho melhor que mudes de profissão; mas então o que foi?

FERNANDO.

Lembras-te daquella senhora que aqui veio outro dia pare eu pôr-lhe uns dentes, não?

RICARDO.

Lembro-me perfeitamente.

FERNANDO.

Eu não sabia como lhe havia de pespegar a dentuça, e fui escavacando as gengivas tanto e tanto que era sangue e mais sangue.

RICARDO.

E' verdade; e eu vi o negocio bem mal parado.

FERNANDO.

Mas afinal lá enganchei-lhe os tres dentes da frente.

RICARDO.

Bem; mas o que mais succedeo?

FERNANDO.

Succedeo que veio-lhe um tetano, e nos taes movimentos convulsivos despregarão-se-lhe os dentes, ficando com elles atravessados na garganta.

RICARDO.

Oh! diabo!.... e quem te disse isso?

FERNANDO.

Estava agora mesmo em uma loja da rua do Ouvidor, e ouvi os dous medicos que forão chamados para vel-a conversando sobre o caso, e dizião até que se devia trancafiar com o dentista na cadeia.

RICARDO.

Esta tua lembrança de ser dentista foi desgraçada.

FERNANDO.

Desgraçadissima; mas como eu via ahi apparecerem dentistas a cada canto, suppuz que era negocio rendoso; porém enganei-me: não ha nada como o magnetismo.

RICARDO.

Tem tambem suas desvantagens.

FRRNANDO.

Mas ha somnambulas encantadoras!....

RICARDO.

Que fogem do magnetisador quando elle mais precisa

FERNANDO (*rindo*).

Ah! ah! ah! sim?

RICARDO.

Tambem entraste no logro, não é assim?

FERNANDO.

Pois foste logrado ?

RICARDO.

E até sei quem foi o auctor da brincadeira: deixou ficar em cima da meza o seu cartão de visita : aquelle Gustavo....

FERNANDO.

Olha, Ricardo: de nós tres he o que sabe melhor apreciar esta vida.

RICARDO.

Por isso estou eu: mas he que hia-me compromettendo seriamente com o Anacleto.

FERNANDO.

Pois o Gustavo hia n'uma gondola bem contente e a conversar com a Sra. D. Miquilina ; porém não pensei que elle tivesse commettido um rapto, tanto que quiz tambem entrar;mas infelizmente a gondola estava completa.

RICARDO.

Foi uma dos diabos: eu a chamar a somnambula!.... foi-me preciso inventar cada carapetão !

FERNANDO (*rindo*).

Ah ! ah ! ah ! e como se arranjou o negocio ?

RICARDO.

Disse ao Anacleto que a somnambula tinha hido por

ordem minha a Polonia e aos Estados-Unidos, e que na volta encontrára o Alabama que estava fazendo fogo a um navio americano; razão pela qual ella estava com muito medo de atravessar o grande oceano.

FERNANDO.

E o homem enguliu essa?

RICARDO.

Enguliu, como muitos que se presumem de mais atilados engolem outras de igual teor e forma.

SCENA VII.

OS MESMOS E GUSTAVO (*que traz um guarda-chuva*).

FERNANDO.

Oh! cá está o raptor!

RICARDO.

Sr. Gustavo, o senhor fêl-a bonita!.... essas suas cassoadas inda um dia podem prejudicar-nos seriamente.

GUSTAVO.

Essa não é má! em vez de agradecer-me....

RICARDO.

Oh! pois não!....

GUSTAVO.

Aposto que inda não sabe do que escapou ?

FERNANDO.

Isto agora é mais interessante.

RICARDO.

Escapei de ficar com cara d'asno.

GUSTAVO.

Exactamente.

FERNANDO.

Mas como foi isso então ?

GUSTAVO.

Depois que ambos sahimos, eu voltei e fui ao gabinete.

RICARDO.

E lá deixou ficar a sua charuteira; até ahi nada adianta.

FERNANDO.

Mas vinha magnetizar ?

GUSTAVO.

Não ; nem me lembrava mais da Sra. D. Miquilina: vinha buscar este guarda-chuva. Entro e dou com ella inquieta : apenas me avista, diz-me : Oh ! o senhor foi um anjo.

RICARDO.

Oh! um anjo! pois não!

FERNANDO.

Que arrebatou-a nas azas.

GUSTAVO.

Deixem-me acabar.

RICARDO.

A conclusão já eu tirei ha muito tempo.

FERNANDO.

He verdade; e as premissas forão gabinete vazio e a charuterira em cima da mesa.

GUSTAVO.

Desta maneira he impossivel continuar.

RICARDO.

Continue, continue.

GUSTAVO.

Pergunto-lhe por que estava tão assustada e ella responde-me que era....

FERNANDO (*acabando a phrase*).

Por causa do Alabama.

RICARDO.

Provavelmente.

GUSTAVO (*continuando*).

Que era por não poder apresentar-se para a consulta do Senhor que se achava na sala ; por isso que elle e a familia a conhecião perfeitamente desde o tempo em que ella foi costureira da modista, que fazia os vestidos para a mulher e filhas do Anacleto, e assim achava mais prudente retirar-se.

RICARDO.

Si esta não é do mesmo calibre das que eu preguei ao Anacleto....

FERNANDO.

Parece mais verosimil.

RICARDO.

A vista disto levaste-a de gondola, e....

GUSTAVO.

Ambos iamos para o lado do Catete....

FERNANDO.

A explicação é perfeitamente satisfactoria.

SCENA VIII.

OS MESMOS E UMA MOÇA (*com um cachorrinho ao collo e acompanhada por um criadinho fardado*).

RICARDO (*a Fernando*).

Virá consultar a somnambula ?

FERNANDO (*baixo a Ricardo*).

Julgo que vem limpar os dentes.

MOÇA (*comprimentando os tres*).

Eu desejava tirar uns vinte retratos em cartão.

GUSTAVC (*com interesse*).

Pois não, minha senhora; V. Exa. não se quer sentar ?

MOÇA.

Estou bem.

FERNANDO (*a Ricardo*).

Será um para cada namorado?

RICARDO (*a Fernando*).

Pode muito bem ser.

GUSTAVO.

Acho melhor, minha senhora, completar as duas duzias.

RICARDO (*a Gustavo*).

A photographia mata o magnetismo.

MOÇA.

Pois sejão 24.

GUSTAVO.

Então ha de fazer o favor de sentar-se para cá (*prepara uma cadeira fronteira a machina de retratar*).

MOÇA.

Não he o meu retrato, não senhor.

GUSTAVO.

Então de quem he, minha senhora?

MOÇA.

He deste cachorrinho, do meu cupidinho (*Fernando e Gustavo riem-se sem que a moça perceba*).

GUSTAVO.

Porém....

MOÇA.

Eu estimo muito a este cachorrinho; e já me fugio duas vezes: foi muito difficil apanhal-o, e por isso quero ter de prevenção o seu retrato.

GUSTAVO.

Sim, senhora, o retrato do cachorrinho.

MOÇA (*continuando*),

Para distribuil-o pelos pedestres no caso de elle fugir-me terceira vez. (*Ricardo e Fernando continuão a rir sem que a moça perceba*).

GUSTAVO.

Então o seu criado segurará o bichinho, e eu n'um momento lhe tirarei a sua physionomia (*Ricardo e Fernando continuão a rir-se*). *A moça entrega o cachorrinho ao criado. Gustavo põe o creado em attitude de retratal-o*

e para esse fim colloca-o defronte da machina, fazendo-o levantar o pé no ar, e pondo-lhe uma das mãos abertas de modo que o pollegar toque na ponta do nariz como se faz quando se quer zombar de alguem: depois mette-se atraz da machina e cobre a cabeça com um pedaço de panno imitando em tudo isto o processo dos photographos.

FERNANDO (*á moça*).

Minha senhora, tenho tambem aqui o meu gabinete de dentista; si....

MOÇA.

Obrigada; tenho muito medo dos Srs. dentistas.

RICARDO (*a parte*).

Esta foi forte!

FERNANDO.

Pois, minha senhora, eu sou muito feliz em todas as minhas operações, faço-as sempre com muito desembaraço: ainda está para ser a primeira vez, em que me tenha sahido mal.

RICARDO (*a parte*).

Oh! pois não! Testemunhas o frade morto, e a mulher do tetano.

MOÇA.

Agora mesmo está uma minha visinha bastante mal e quasi á morte por ter posto tres dentes.

FERNANDO (*a parte*).

He a minha victima! (*alto*) Oh! (*olhando para onde está Gustavo*) creio que o seu retrato está prompto.

FERNANDO.

Pois foste logrado ?

RICARDO.

E até sei quem foi o auctor da brincadeira: deixou ficar em cima da meza o seu cartão de visita: aquelle Gustavo....

FERNANDO.

Olha, Ricardo: de nós tres he o que sabe melhor apreciar esta vida.

RICARDO.

Por isso estou eu: mas he que hia-me compromettendo seriamente com o Anacleto.

FERNANDO.

Pois o Gustavo hia n'uma gondola bem contente e a conversar com a Sra. D. Miquilina ; porém não pensei que elle tivesse commettido um rapto, tanto que quiz tambem entrar;mas infelizmente a gondola estava completa.

RICARDO.

Foi uma dos diabos: eu a chamar a somnambula!.... foi-me preciso inventar cada carapetão !

FERNANDO (*rindo*).

Ah ! ah ! ah ! e como se arranjou o negocio ?

RICARDO.

Disse ao Anacleto que a somnambula tinha hido por

ordem minha a Polonia e aos Estados-Unidos, e que na volta encontrára o Alabama que estava fazendo fogo a um navio americano; razão pela qual ella estava com muito medo de atravessar o grande oceano.

FERNANDO.

E o homem enguliu essa?

RICARDO.

Enguliu, como muitos que se presumem de mais atilados engolem outras de igual teor e forma.

SCENA VII.

OS MESMOS E GUSTAVO (*que traz um guarda-chuva*).

FERNANDO.

Oh! cá está o raptor!

RICARDO.

Sr. Gustavo, o senhor fêl-a bonita!.... essas suas cassoadas inda um dia podem prejudicar-nos seriamente.

GUSTAVO.

Essa não é má! em vez de agradecer-me....

RICARDO.

Oh! pois não!....

GUSTAVO.

Aposto que inda não sabe do que escapou ?

FERNANDO.

Isto agora é mais interessante.

RICARDO.

Escapei de ficar com cara d'asno.

GUSTAVO.

Exactamente.

FERNANDO.

Mas como foi isso então ?

GUSTAVO.

Depois que ambos sahimos, eu voltei e fui ao gabinete.

RICARDO.

E lá deixou ficar a sua charuteira; até ahi nada adianta.

FERNANDO.

Mas vinha magnetizar ?

GUSTAVO.

Não ; nem me lembrava mais da Sra. D. Miquilina: vinha buscar este guarda-chuva. Entro e dou com ella inquieta : apenas me avista, diz-me : Oh ! o senhor foi um anjo.

RICARDO.

Oh! um anjo! pois não!

FERNANDO.

Que arrebatou-a nas azas.

GUSTAVO.

Deixem-me acabar.

RICARDO.

A conclusão já eu tirei ha muito tempo.

FERNANDO.

He verdade; e as premissas forão gabinete vazio e a charuterira em cima da mesa.

GUSTAVO.

Desta maneira he impossivel continuar.

RICARDO.

Continue, continue.

GUSTAVO.

Pergunto-lhe por que estava tão assustada e ella responde-me que era....

FERNANDO (*acabando a phrase*).

Por causa do Alabama.

RICARDO.

Provavelmente.

GUSTAVO (*continuando*).

Que era por não poder apresentar-se para a consulta do Senhor que se achava na sala ; por isso que elle e a familia a conhecião perfeitamente desde o tempo em que ella foi costureira da modista, que fazia os vestidos para a mulher e filhas do Anacleto, e assim achava mais prudente retirar-se.

RICARDO.

Si esta não é do mesmo calibre das que eu preguei ao Anacleto....

FERNANDO.

Parece mais verosimil.

RICARDO.

A vista disto levaste-a de gondola, e....

GUSTAVO.

Ambos iamos para o lado do Catete....

FERNANDO.

A explicação é perfeitamente satisfactoria.

SCENA VIII.

OS MESMOS E UMA MOÇA (*com um cachorrinho ao collo e acompanhada por um criadinho fardado*).

RICARDO (*a Fernando*).

Virá consultar a somnambula ?

FERNANDO (*baixo a Ricardo*).

Julgo que vem limpar os dentes.

MOÇA (*comprimentando os tres*).

Eu desejava tirar uns vinte retratos em cartão.

GUSTAVO (*com interesse*).

Pois não, minha senhora; V. Exa. não se quer sentar?

MOÇA.

Estou bem.

FERNANDO (*a Ricardo*).

Será um para cada namorado?

RICARDO (*a Fernando*).

Pode muito bem ser.

GUSTAVO.

Acho melhor, minha senhora, completar as duas duzias.

RICARDO (*a Gustavo*).

A photographia mata o magnetismo.

MOÇA.

Pois sejão 24.

GUSTAVO.

Então ha de fazer o favor de sentar-se para cá (*prepara uma cadeira fronteira a machina de retratar*).

MOÇA.

Não he o meu retrato, não senhor.

GUSTAVO.

Então de quem he, minha senhora?

MOÇA.

He deste cachorrinho, do meu cupidinho (*Fernando e Gustavo riem-se sem que a moça perceba*).

GUSTAVO.

Porém....

MOÇA.

Eu estimo muito a este cachorrinho; e já me fugio duas vezes: foi muito difficil apanhal-o, e por isso quero ter de prevenção o seu retrato.

GUSTAVO.

Sim, senhora, o retrato do cachorrinho.

MOÇA (*continuando*),

Para distribuil-o pelos pedestres no caso de elle fugir-me terceira vez. (*Ricardo e Fernando continuão a rir sem que a moça perceba*).

GUSTAVO.

Então o seu criado segurará o bichinho, e eu n'um momento lhe tirarei a sua physionomia (*Ricardo e Fernando continuão a rir-se*). *A moça entrega o cachorrinho ao criado. Gustavo põe o creado em attitude de retratal-o*

e para esse fim colloca-o defronte da machina, fazendo-o levantar o pé no ar, e pondo-lhe uma das mãos abertas de modo que o pollegar toque na ponta do nariz como se faz quando se quer zombar de alguem: depois mette-se atraz da machina e cobre a cabeça com um pedaço de panno imitando em tudo isto o processo dos photographos.

FERNANDO (*á moça*).

Minha senhora, tenho tambem aqui o meu gabinete de dentista; si....

MOÇA.

Obrigada; tenho muito medo dos Srs. dentistas.

RICARDO (*a parte*).

Esta foi forte!

FERNANDO.

Pois, minha senhora, eu sou muito feliz em todas as minhas operações, faço-as sempre com muito desembaraço: ainda está para ser a primeira vez, em que me tenha sahido mal.

RICARDO (*a parte*).

Oh! pois não! Testemunhas o frade morto, e a mulher do tetano.

MOÇA.

Agora mesmo está uma minha visinha bastante mal e quasi á morte por ter posto tres dentes.

FERNANDO (*a parte*).

He a minha victima! (*alto*) Oh! (*olhando para onde está Gustavo*) creio que o seu retrato está prompto.

GUSTAVO.

Aqui está, minha senhora; he o seu fiel retrato, ou por outra, o fiel retrato de seu cupidinho.

MOÇA (*beijando o vidro do retrato*).

He verdade; está muito bonitinho.

FERNANDO (*a Ricardo*).

Beijou tambem o retrato do criado !....

MOÇA.

Pois muito bem; (*tira do indispensavel um bilhete do banco e entrega-o a Gustavo que recebe-o com muita delicadeza*) então até amanhã (*comprimenta-os e vai*).

SCENA IX.

RICARDO, GUSTAVO E FERNANDO.

FERNANDO.

Que lembrança! tirar o retrato do cachorrinho!

GUSTAVO (*olhando para o dinheiro que está em uma mão e para o retrato que está n'outra*).

Maravilhosa industria!

RICARDO.

Agora estava eu quasi acceitando a troca.

GUSTAVO.

Nada, nada ; o que está feito está feito.

FERNANDO.

E eu estou a cada momento a lembrar-me da conversa dos dois medicos.

SCENA X.

OS MESMOS E UM PROVINCIANO (*figura muito esturdia; cara muito exquisita, trajando extravagantemente*).

PROVINCIANO (*entrando e dizendo logo desde o entrada*). Ah! policia! policia! (*Fernando deve mostrar-se muito assustado ao ouvir esta palavra*).

FERNANDO (*a parte*).

He agora! não tem duvida!

PROVINCIANO.

Ora, Sr. Pintor, o senhor borrou-me toda a pintura (*dirigindo-se a Gustavo*).

FERNANDO (*a parte*).

Criei alma nova. (*conversa baixo com Ricardo*).

GUSTAVO.

Então o que temos, meu caro senhor?

PROVINCIANO.

He o que lhe digo: a policia devia olhar para estas coisas.

GUSTAVO.

Explique-se, explique-se, meu caro.

FERNANDO.

Sim; he favor; explique-se: creio que não he á mim que se refere?

PROVINCIANO.

Não he com o senhor o negocio (*Fernando toma uma larga respiração*).

GUSTAVO.

Mas o que he que acconteceu?

PROVINCIANO

O senhor poz-me de pernas para o ar.

GUSTAVO.

Porém como, se eu o vejo tocar o chão com os pés?

PROVINCIANO (*tirando da algibeira uma caixinha de retrato e mostrando a Gustavo*).

Aqui está; veja, veja as suas obras; abalei-me lá dos sertões de Matto-Grosso, e tenho nescessidade de voltar já para a semana, entretanto minha sobrinha quer por força que eu lhe deixe o meu retrato; e o senhor....

GUSTAVO (*batendo na testa*)

Meu amigo, um simples esquecimento foi a causa de tudo isto.

PROVINCIANO.

Então de que se esqueceu o senhor ?

GUSTAVO.

De dizer-lhe quando tirou o retrato que era preciso por-se de cabeça para baixo.

PROVINCIANO.

Que está dizendo?! ainda mais essa? como está isto mudado!! Ha quarenta annos que não venho á corte!!

GUSTAVO.

He verdade: esta é uma machina modernissima: o apparelho de optica inventado por Mr. Daguerre foi ultimamente aperfeiçoado por Mr. Seidlitz; e em consequencia da camara escura que torna o fóco luminoso em um perfeito circulo quadrangular, cujos angulos de reflexão se projectão sobre a lamina phosphorescente, acontece que os obejectos que se apresentão ás direitas sahem retratados ás avessas.

RICARDO (*a parte a Fernando*).

Está tambem viajando pela Polonia e pelos Estados-Unidos !

PROVINCIANO.

Que diabo de embrulhada! Não entendi nada do que o Senhor esteve dizendo !....

GUSTAVO.

He muito simples: V. S. tira outra vez o retrato.

PROVINCIANO.

Porém não pago a segunda experiencia....

GUSTAVO.

Dará apenas metade do que deu pelo primeiro.

PROVINCIANO.

Ora esta! emfim, a menina quer por força....

GUSTAVO (*preparando-se para retratal-o e com a caixinha do retrato do Provinciano*).

Olhe, meus irmãos me ajudarão.

PROVINCIANO.

Pois são tambem retratistas?

GUSTAVO.

Não, senhor; mas collocarão a V. S. de cabeça para baixo.

PROVINCIANO.

Não consinto: pois eu sou alguma creança?!

GUSTAVO.

Porém faz-se necessario, porque senão sahe o senhor outra vez de pernas para o ar.

FERNANDO (*a parte a Ricardo*).

Vou apertar o Gustavo. (*alto*) Mas nesse caso, mano Gustavo, ponha você a sua machina ás avessas para sahir o retrato do senhor ás direitas.

PROVINCIANO.

Apoiado; apoiado; foi uma boa idéa!

GUSTAVO (*a parte*).

Este Fernando he o diabo. (*alto*) Isso não he possivel.

PROVINCIANO.

Ora essa não he má! então, porque?

GUSTAVO.

Porque esta machina tem um espelho convexo e outro concavo, de modo que se eu viral-a debaixo para cima, a imagem reflectida no apparelho ustorio irá formar um angulo recto com a penumbra.

PROVINCIANO.

E então o que he que póde acontecer?

GUSTAVO.

Acontece que o seu retrato sahirá atravessado.

PROVINCIANO.

Isto só pelo diabo! entretanto não estou para gastar

mais dinheiro indo á outro; e sabe Deos como sahirei eu então!....

RICARDO.

Acho melhor que o senhor se sujeite.

FERNANDO.

Agora mesmo sahio daqui uma senhora com o seu retrato.

PROVINCIANO (*atalhando com surpreza*).

Com o meu retrato ? !

FERNANDO.

Nada; com o retrato della, e....

PROVINCIANO (*atalhando*).

E pôz-se tambem de cabeça para baixo?

GUSTAVO.

Não, Senhor, para as senhoras ha um instrumento especial; mas os retratos custão o triplo.

PROVINCIANO.

Homem, eu dou mais alguma cousa: já agora vamos acabar com isto, com tanto que eu não me ponha de cabeça para baixo.

GUSTAVO.

Pois bem; occorre-me agora uma idéa.

PROVINCIANO.

Qual he ?

GUSTAVO.

He uma descoberta que acabo de fazer neste instante, e vou pedir um privilegio. Oh! foi uma inspiração!

PROVINCIANO.

Mas diga, diga.

GUSTAVO.

Essa é boa! isto por ora é segredo; e vou já pol-a em pratica (*vai para traz da machina fingindo que trabalha com esta, mas não faz mais do que virar o cartão dentro da caixinha pondo-o ás direitas*).

FERNANDO (*ao Provinciano*).

Este meu irmão tem muito talento!

RICARDO (*idem*)

Foi até premiado na exposição.

GUSTAVO (*com a caixinha mostrando-a ao Provinciano*).

Ora aqui está! de pernas para baixo e cabeça para cima.

PROVINCIANO (*vendo o retrato*).

Isto agora he vinho de outra pipa! (*tira o dinheiro que dá a Gustavo*) Ora tome lá Sr. Pintor, Deus lhe de muitas felicidades.

GUSTAVO.

A's suas ordens.

PROVINCIANO.

Meus amigos, até mais ver (*vai-se*).

SCENA XI.

GUSTAVO, FERNANDO, RICARDO E POUCO DEPOIS CELESTINO.

FERNANDO.

Esta he irmã da anedocta da chicara com a aza para a esquerda.

RICARDO (*rindo*).

Inda ha muito simplorio por este mundo!....

CELESTINO (*entrando sempre com ar jovial: uza de pincenez e traz sempre no braço esquerdo uma capa ou sobretudo dobrado*).

Meus queridos sobrinhos! Bravos cavalheiros!

GUSTAVO (*a parte*)

De industria.

FERNANDO E RICARDO.

Meu bom tio!

CELESTINO.

Bom tio, diseis muito bem: sou devéras muito bom: venha um abraço apertado de cada um.(*abraça-os*)Então, como vamos de negocio ?

FERNANDO.

Eu pessimamente, como já sabe.

RICARDO.

A somnambula foi aos Estados-Unidos e não voltou mais.

GUSTAVO.

Assim mesmo não me devo queixar da sorte; ha oito dias que estou estabelecido, e já tenho feito quarenta mil réis.

CELESTINO.

Estou de tudo informado. Fallei já com a Miquilina e quanto á senhora do tetano....

FERNANDO (*atalhando*).

He verdade, meu tio, alguma novidade?

CELESTINO.

Depois que me contaste a conversa que ouviste, fui pedir á um dos doutores para não te comprometter; felizmente a doente está livre de perigo.

FERNANDO.

E eu tambem, graças a Deus.

CELESTINO.

Agora uma noticia de arromba.

RICARDO.

A empreza lyrica do Maranhão?

CELESTINO.

Não.

GUSTAVO.

Então o Xavier arrependeu-se?

FERNANDO.

E eu que ia ser o barytono!....

CELESTINO.

Arranjei do Xavier tres contos de réis para as primeiras dispezas....

RICARDO.

Então quando partimos?

CELESTINO.

Qual partir ! o dinheiro está cá, mas eu lá não vou.

FERNANDO.

Porém meu tio....

CELESTINO.

Descobri a pedra philosophal.

OS TRES.

Deveras ?

CELESTINO.

Um casamento para todos tres !

GUSTAVO.

Como ? ! pois é possivel um só casamento para todos tres ?

CELESTINO.

Um para cada um.

OS TRES.

Ah!....

CELESTINO.

Cem contos de réis para cada noivo!!!

OS TRES.

Oh! lá!

CELESTINO.

Tres jovens....

GUSTAVO (*atalhando*).

Encantadoras?

RICARDO (*atalhando*).

Vaporosas?

FERNANDO (*atalhando*).

Tres virgens de Raphael?

CELESTINO.

Deixem-me acabar, rapazes. São tres jovens herdeiras de um rico capitalista que fez-nos o obsequio de morrer em Portugal deixando a cada uma destas sobrinhas cincoenta contos de réis fortes.

GUSTAVO.

Oh! ventura!

FERNANDO.

A providencia véla sobre os infelizes!

RICARDO.

Deos tarda, mas não falha!

CELESTINO.

E que premio deve ter o vosso bom tio, que nunca se esqueceu de seus adorados sobrinhos ?

OS TRES.

Oh ! meu tio....

CELESTINO.

O vosso tio que véla tambem na terra como uma segunda Providencia sobre a sorte de seus queridos sobrinhos ?

GUSTAVO.

Não ha dinheiro que pague tanta dedicação.

FERNANDO.

Eu penso do mesmo modo, meu tio.

RICARDO.

Eu cá por mim offereço a quinta parte da minha fortuna.

CELESTINO.

Foste o mais generoso, Ricardo.

GUSTAVO.

Eu farei o mesmo.

FERNANDO.

Acompanho meus irmãos na sua offerta.

CELESTINO.

Pois muito bem: vossa palavra é uma escriptura. Agora vou explicar-vos.

OS TRES.

Sim.

CELESTINO.

Aquelle procurador velho, meu parceiro constante do lansquenet, foi quem deu-me a noticia; já se sabe, quer ver se tambem pesca alguma cousa tratando do negocio. As herdeiras morão....

OS TRES (*atalhando*).

Morão?

CELESTINO.

Em Irajá.

GUSTAVO.

E meu tio *ira já* tambem apresentar-nos, não é assim?....

CELESTINO.

Espera rapaz, as cousas não se fazem assim. O procurador, que reside tambem para essa bandas, vai primeiramente persuadil-as a que ellas se devem casar, para que cada uma tenha no seu marido o mais proprio e o mais seguro administrador de seus bens.

FERNANDO.

E' muito bem lembrado.

RICARDO.

Essa idéa foi por força indicada por meu tio.

CELESTINO.

Está claro; até porque não causa suspeita sendo o conselho dado por um procurador que era o mais interessado em que ellas não se casassem.

GUSTAVO.

Meu tio quem me dera ter o seu talento!

CELESTINO.

Anda lá; tu e os dois outros não degenerastes. Mas vamos ao que serve. Depois desta isca procuratoria eu serei apresentado pelo dito meu amigo, e desenvolverei perante essas nymphas todos os recursos da minha loquella (*muda de tom*) para felicitar-vos, unicamente para vos fazer venturosos.

OS TRES.

Oh! muito obrigado, meu tio.

CELESTINO.

Então fallarei de vossas qualidades, dos vossos dotes com maior enthusiasmo do que poderia qualquer pai fallar das virtudes de seus filhos; e para que a minha petição surta o desejado effeito comproval-a-hei com tres documentos vivos, a saber....

GUSTVAO (*atalhando*).

Ricardo.

RICARDO (*atalhando*).

Fernando.

FERNANDO (*atalhando*).

Gustavo.

CELESTINO.

Exactamente: demorar-me-hei além disso o tempo que fôr preciso, e como tenho dinheiro fresco do Xavier, saberei aplanar todas as difficuldades....

RICARDO.

Mas como se chamão essas tres fascinadoras *huris*?

FRRNANDO.

Sim, o nome dessas tres arrebatadoras divindades?

GUSTAVO.

Diga, meu tio, como se chamão esses cherubins?

CELESTINO.

O philantropo testador chamava-se Pantaleão da Graça; mas por ora inda ignoro o nome de baptismo dessas ditosas herdeiras; apenas sei que tem o mesmo appellido de meu tio — Graça. —

FERNANDO.

Então não tem mais que ver; são as tres Graças.

RICARDO.

Apoiado; as tres Graças.

CELESTINO.

Pois muito bem; serão as tres Graças, e vós tres....

GUSTAVO (*atalhando*).

Os tres agraciados! (*Quando Gustavo diz esta ultima falla está entre Fernando e Ricardo; e os tres devem formar um grupo imitando na posição ao grupo das tres Graças, podendo ser deste modo: Gustavo com um braço passado sobre o hombro de Fernando e com o outro abraçando a cintura de Ricardo; este e Fernando que ficão nas extremidades devem tambem tomar uma attitude graciosa etc., etc.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Sala de visitas em casa de Anacleto, decentemente mobiliada, tres portas ao fundo; á um dos lados divan, cadeiras etc. etc.

SCENA I.

IGNEZ, SENHORA DE 40 ANNOS; POUCO DEPOIS HENRIQUETA.

IGNEZ.

Tenho tanta vontade de ver uma pessoa magnetisada.... tambem só queria fazer duas perguntas; uma, si é verdade o que penso; e a outra, quando me casarei. Entretanto logo aconteceu que a somnambula do Ricardo cahio doente, emfim, esperaremos. Ai! ai! (*suspira*).

HENRIQUETA (*entrando e perguntando*).

Por quem suspira, titia Ignez?

IGNEZ.

Não é da tua conta, curiosa: quando tu suspiras, eu não te pergunto.

HENRIQUETA.

Ora! é por que já sabe.

IGNEZ.

Sabia emquanto o Gustavo não estava para casar com outra ; mas agora....

HENRIQUETA.

Agora tambem não suspiro mais.

IGNEZ.

Deveras, Henriqueta?

HENRIQUETA.

Deveras : fui infeliz no primeiro amor, por tanto....

IGNEZ.

E' tentares segundo : se um bilhete sahe branco, outro póde sahir premiado.

HENRIQUETA.

Mas eu sou muito caipora.

IGNEZ.

Então, já não é o primeiro que te sahe branco.

HENRIQUETA.

Ora titia....

IGNEZ.

E tua mana, como está? é ainda muito tola aquella menina.

HENRIQUETA.

Parece que quer morrer só por que o Fernando vai-se casar: se ha de fazer como eu, ainda cahe na asneira de mostrar-se apaixonada....

IGNEZ.

E' que a Josephina é mais sensivel.

HENRIQUETA.

E demais a mais, quando eu e ella fomos despresadas só por que essas noivas são herdeiras ricas....

IGNEZ.

Os homens, Henriqueta, cada vez ficão mais pervertidos; a ambição do ouro é o unico sentimento que existe nos seus corações.

IGNEZ.

Por isso muitos pagão bem caro essa ambição.

IGNEZ.

Já não se veem casamentos, como ainda até bem pouco tempo, feitos por amor; hoje tudo é dinheiro e mais dinheiro.

HENRIQUETA.

Mas o que me enche de prazer é quando vejo algum desses ambiciosos levar um apparelho galvanisado pensando que é prata de lei.

IGNEZ.

Isso é mesmo um castigo do céo.

SCENA II.

AS PRECEDENTES E GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

A Josephina está um pouco mais socegada.

IGNEZ.

E você tambem, não é assim?

GUILHERMINA.

E' verdade: entretanto tomara que chegue meu sobrinho Eduardo a ver se receita alguma cousa que faça bem á esta menina.

HENRIQUETA.

O primo diz que aquillo não é coisa de cuidado.

GUILHERMINA.

Não é; mas ella vai cada vez definhando mais. A proposito, vai para o quarto fazer companhia a tua irmã em quanto estou cá fóra.

HENRIQUETA.

Sim, senhora. (*vai-se*)

IGNEZ.

Mana Guilhermina, tudo o que a Josephina soffre é effeito da paixão que tinha pelo Fernando.

GUILHERMINA.

Assim me parece; mas seu cunhado Anacleto nem sonha com semelhante cousa.

IGNEZ.

Pois até foi ser o padrinho dos noivos!....

GUILHERMINA.

E por fallar nisso; podem ahi chegar á todo o momento os noivos e padrinhos; e eu nesta inquietação com a menina doente.

IGNEZ.

Não sei como seu marido acceitou semelhante convite.

GUILHERMINA

Que havia elle de fazer? O Celestino pedio-lhe com

muita instancia e escreveu-lhe de Irajá uma carta que era um testamento: pelo que elle diz, as noivas são riquissimas, cada uma tem para mais de cem contos de réis em ouro.

IGNEZ.

Esse ouro, esse ouro é que põe os homens perdidos.

GUILHERMINA.

Ora, como você sabe, o Celestino deve a'Anacleto; por consequencia foi até muito bom que o chamasse para padrinho.

IGNEZ.

Mas o dinheiro não é para o Celestino.

GUILHEMINA.

Ahi ha suas cousas: na carta elle explica tudo; parece-me até que Anacleto irá com Celestino a Europa para trazerem esse dinheiro.

IGNEZ.

E os tres rapazes já forão buscar as noivas ?

GUILHERMINA.

Os rapazes partirão acompanhados por Anacleto, que se foi juntar a elles no campo de S. Christovão ; e hoje devem todos estar de volta casadinhos....

IGNEZ (*atalhando*).

E arranjadinhos. (*esfregando o pollegar e o indicador para significar dinheiro*).

SCENA III.

AS PRECEDENTES E DUARDO. (*trajando calça preta e sobrecasaca*).

EDUARDO (*comprimentando*).

Minhas queridas tias.

GUILHERMINA.

Ah ! é Eduardo.

IGNEZ.

Chegaste a proposito.

GUILHERMINA.

E' verdade.

EDUARDO.

Então porque ?

GUILHERMINA.

Para ver tua prima Josephina.

EDUARDO.

Continuão os phenomenos nervosos ?

IGNEZ (*para a frente da scena*).

E' tambem a meu mal : os taes nervos....

GUILHERMINA.

Agora tem estado um pouco mais socegada.

EDUARDO.

Bem, estimo muito.

GUILHERMINA.

Mas o que eu quero é que lhe tires aquillo de uma vez.

EDUARDO.

Minha tia, eu farei toda a diligencia.

IGNEZ.

Sim, vê te lembras de alguma fomentação, ou outra qualquer cousa.

EDUARDO.

Uma injecção de leite virginal pelo nariz na occasião do ataque talvez....

IGNEZ (*atalhando*).

Mas que leite é esse ?

EDUARDO.

E' uma mistura de agua de rosas com benjoim ; é mesmo o nome com que é conhecido em pharmacia.

IGNEZ.

Pois se é bom, quero que me faças uma applicação.

GUILHERMINA.

Vamos, vamos cá para dentro.

EDUARDO.

Sim, minha tia. (*vão-se Guilhermina e Eduardo*).

SCENA IV.

IGNEZ (*só*).

Os meos incommodos nervosos são mais antigos; não é qualquer remediosinho que os ha de curar. O que eu queria era saber com certesa a resposta da somnambula: só depois disto é que me tranquillisaria. Ai! ai! (*suspira* (Este Eduardo está me parecendo que tem inclinação pela Henriqueta: é bem feliz esta menina: acho que fará melhor casamento com o Eduardo do que com o Gustavo: entretanto o Sr. Guedes não sei o que espera; ha já tres annos que frequenta esta casa e ainda não se achou com animo de me fazer uma declaração formal: esse dia seria para mim o da mais completa ventura.

SCENA V.

A MESMA E GUEDES (*figura muito esturdia e ridiculamente trajado*).

GUEDES (*entrando e repetindo as ultimas palavras de Ignez*).

Completa ventura! (*comprimentando*) Minha senhora

IGNEZ (*aparte*).

Estou vexadissima (*alto*) Sr. Guedes....

GUEDES.

Minha senhora, ha tres annos....

IGNEZ (*aparte*).

Eu desmaio!

GUEDES (*continuando*).

Que uma idéa....

IGNEZ (*aparte*).

Não posso duvidar!

GUEDES (*continuando*).

Uma idéa constante.... ah! era o meu sonho dourado.... Está percebendo, minha senhora?

IGNEZ (*com os olhos baixos*).

Sim, Sr. Guedes....

GUEDES.

Não póde crer como tenho revolvido a minha imaginação....

IGNEZ.

Porém, eu não comprehendo....

GUEDES.

Era tambem quasi incomprehensivel para mim, minha senhora, mas ...

IGNEZ.

Mas....

GUEDES.

Depois de tres annos de uma aturada luta, depois de

tres annos em que ora tinha as maiores esperanças, ora o maior desanimo....

IGNEZ (*aparte*).

Raiou para mim o dia da ventura!

GUEDES.

Raiou o dia da minha felicidade.

IGNEZ (*aparte com os olhos baixos*).

Meu Deos!

GUEDES.

Vou ser feliz; vou ser completamente venturoso!

IGNEZ (*aparte*).

Céos!

GUEDES.

Sim, minha senhora, compartilhe comigo esta ventura e permitta que eu lhe offereça (*tirando da algibeira um embrulho e entregando a Ignez que aceita*). Eis aqui.

IGNEZ *desembrulhando e dando com uma vella de sebo*).

Que é isto, Sr. Guedes?

GUEDES.

E' uma vella com tres pavios, minha senhora, é o maior apuro da industria moderna!!

IGNEZ (*desmaiando*).

Ah! (*cahe o sobre o divan, Guedes chega-se para junto de Ignez como quem vai acordar*).

SCENA VI.

OS MESMOS, GUILHERMINA E EDUARDO *que entrão acodindo logo ao grito de Ignez*).

GUILHERMINA.

Que é isto? minha irmã com um ataque?! (*chega-se para junto della*).

EDUARDO.

E' uma syncope; não ha de ser nada, (*chegando-se para junto della e tomando-lhe o pulso*).

GUEDES (*a Eduardo*).

Foi repentinamente: eu estava contando que trabalhava ha tres annos na minha fabrica de vellas para descobrir.

IGNEZ (*tornado a si*).

Ah! eu morro!

GUILHERMINA

Que tem, mana Ignez?

IGNEZ (*ainda com a vela na mão*).

Ai! eu desfalleço!

EDUARDO (*mettendo a mão na algibeira da aba da sobrecasaca*) Cheire aqui.... (*chegando-lhe ao nariz um vidrinho e um lenço branco*).

Cheire com força, minha tia (*Ignez dá um espirro*).

GUILHERMINA.

Viva, viva, minha irmã!

GUEDES.

Espirrou? está livre do perigo.

EDUARDO (*para Guilhermina*).

E' melhor leval-a para dentro: minha tia, é conveniente que repouse por alguns instantes: isto foi uma syncope.

GUILHERMINA (*levantando Ignez que vai para dentro encostada a Guilhermina*).

Vamos, mana, venha descançar um pouco (*Vão-se Guilhermina e Ignez*).

SCENA VII.

GUEDES E EDUARDO.

GUEDES (*ainda espantado*)

Mas Sr. Doutor, haverá algum perigo?

EDUARDO.

Nenhum perigo. As pessoas nervosas são sujeitas á estes deliquios.

GUEDES.

E' verdade que emquanto eu lhe fallava na minha descuberta, notei que a Sra. D. Ignez parecia ter uns estremecimentos....

EDUARDO.

Justamente, erão os estremecimentos nervosos. Porém o Sr. Guedes fallava sobre....

GUEDES.

Sobre a minha descoberta.

EDUARDO.

Descoberta de....

GUEDES.

O Sr. Doutor já deve talvez saber que possúo uma fabrica de vellas de sebo.

EDUARDO (*á parte*).

Ora sebo (*alto*). Sim, Senhor.

GUEDES (*continuando*).

E como depois do maldito gaz, e do terrivel kerosene o negocio tem sempre diminuido, tratei de inventar tambem alguma coisa maravilhosa na minha arte.

EDUARDO (*a parte*).

Artista em sebo! não é má! (*alto*) E descobrio então....

GUEDES.

Fazer vellas com tres pavios que devem dar uma luz tão clara como a do sol.

EDUARDO

E' a oitava maravilha ! e como chegou a executar a sua invenção?

GUEDES.

Perdão: isso por ora é o meu segredo.

EDUARDO.

Pois trate de publicar quanto antes a sua descoberta; porque no paquete, em que vim da Europa, veio um francez que se propõe a fazer vellas de sebo tão claras e fortes como as de espermacete.

GUEDES.

Com mil diabos! um francez já me attravessando o negocio!

EDUARDO (*continuando*).

E conta com certeza, por ser estrangeiro, alcançar com toda a brevidade um previlegio.

GUEDES.

Vou já e já, Sr. Doutor, mandar a noticia da minha descoberta para a gazetilha.

EDUARDO.

Não perca tempo; é pôr sebo nos calcanhares, e untar todas as molas.

GUEDES (*tomando o chapéo*)

Sem demora; até logo, Sr. Doutor.

EDUARDO.

Que seja muito feliz,

SCENA VIII.

EDUARDO (*só*)

Que exquisitão! Parece-me que minha tia desmaiou ao ver semelhante figura. He celebre! toda esta minha parentalha é nervosa: felizmente a Henriqueta não padece de faniquitos. Ah! creio que ella ahi vem: é a estrella Venus despontando no horisonte.

SCENA IX.

O MESMO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA.

Primo, acha então que minha tia não tem coisa de cuidado?

EDUARDO.

Não se assuste, minha prima, não ha o menor perigo.

HENRIQUETA.

Sim, ella já recobrou os sentidos; mas está muito abatida e só suspirando.

EDUARDO.

E' natural; depois do ataque sempre accontece isso.

(*outro tom*) Porém diga-me, já cantou aquelle romance que eu lhe trouxe?

HENRIQUETA.

Tirei-o todo hontem mesmo.

EDUARDO.

Oh! muito obrigado: é uma fineza.

HENRIQUETA.

Até já sei de cór.

EDUARDO (*tomando-lhe a mão*).

Minha querida prima....

HENRIQUETA (*com pudor*).

Primo....

EDUARDO (*com ternura*).

Não, não poderei jámais esquecer aquellas palavras que me disse antes de hontem no jardim:—Você é o meu primeiro e será o meu ultimo amor!—Minha adorada Henriqueta, ao fogo de teus olhos, á doçura de tua voz, á belleza de teu rosto, á magestade de teu porte, deve por força corresponder a ternura do teu coração.

HENRIQUETA.

A minha resposta será sempre a mesma: Este é o primeiro e o ultimo amor.

EDUARDO.

Oh! sim! repita-me mil vezes essa phrase angelica

dictada pela verdade e pronunciada pelos labios da innocencia !....

HENRIQUTA.

Mas se este amor....

EDUARDO.

Este amor que me devora, é uma chamma que em vez de me destruir, me alenta a existencia : o meu peito é um volcão sobre que desabrocha cada dia mais uma flor de esperança !

HENRIQUETA.

E devo crer que seja tão ditosa....

EDUARDO.

A mim é antes a quem compete duvidar da ventura de merecer o teu amor.... o teu primeiro amor.

HENRIQUETA.

Oh ! eu.... eu juro....

EDUARDO.

Sim ; tu juras pelos teus lindos olhos que sou eu o teu primeiro amor, não é assim ?

HENRIQUETA.

Juro mesmo que este será o meu ultimo amor.

EDUARDO.

Estou certo da tua affeição ; e prometto-te que jámais pertencere a outra mulher.

HENRIQUETA.

Porém papai....

EDUARDO.

Meu tio não desmintirá a estima que sempre me ha mostrado (*ouve-se a voz de Guilhermina chamando de dentro*).

GUILHERMINA (*chamando de dentro*).

Henriqueta ! Henriqueta !

HENRIQUETA (*apertando a mão de Eduardo*).

Adeos, (*fallando para dentro*) já vou.

EDUARDO.

Adeos, beija-flor humanisado ! (*vai-se Henriqueta*).

SCENA X.

EDUARDO (*só*).

E esta! estou arrranjado ! Duas irmãs apaixonadas por um só primo ! E ambas jurando-me que sou eu o seu primeiro amor! Creio, creio:—depois do ultimo póde muito bem ser que eu séja o seu primeiro amor. Agora é que eu queria ver um rapaz de talento como se havia de sahir deste dilema namoratorio!.... Inda se este fabricante de vellas quizesse ser meu rival.... porém qual!....A figura é a mais repugnante do mundo!....

Demais a mais elle hoje só cuida da descoberta das vellas com tres pavios. Acontecem ás vezes contratempos!

GUILHERMINA (*chamando dentro*).

Meu sobrinho, meu sobrinho!!

EDUARDO.

E' outro faniquito da Josephina: são saudades minhas (*para dentro*). Aqui vou, minha tia, aqui vou.

SCENA XI.

GUEDES (*entrando pelo fundo apenas Eduardo sahe*).

GUEDES (*entrando e dizendo*).

O sebo baixou de preço felizmente: vou comprar todo o sebo que houver no Rio de Janeiro: o tal francez não ha de levar a sua avante. Não póde um brasileiro ter uma idéa que não venha logo um estrangeiro atravessar-se. Ah! uma vella com tres pavios! quando pensaria eu chegar a descobrir uma cousa que esteve sempre encoberta?! Emfim o homem é capaz de tudo!....

SCENA XII.

O MESMO E GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

Oh! Sr. Guedes; de volta?

GUEDES.

E' verdade, minha senhora.

GUILHERMINA.

Então já sabe, Sr. Guedes?

GUEDES.

Sim, já sei; porém tambem já lhe cortei as vazas.

GUILHERMINA.

Mas o que, Sr. Guedes?

GUEDES.

O tal francez, sim; não ha de achar nem para uma torcida.

GUILHERMINA.

Estou inteiramente confusa....

GUEDES.

Nem um pingo, minha senhora, é o que lhe digo.

GUILHERMINA.

Não comprehendo nada.

GUEDES.

Se sebo fosse agua havia de morrer á sêde.

GUILHERMINA.

Meu Deos! não entendo nenhuma palavra....

GUEDES.

Pois é bem simples: o francez quer transformar vellas de sebo em vellas de espermacete; mas eu trato de comprar todo o sebo do Rio de Janeiro.

GUILHERMINA (*como que entendendo*).

Ah! (*outro tom*) Mas não é isso o que eu vinha lhe dizer.

GUEDES.

Minha senhora, perdão, a senhora sua mana já experimentou a minha véla?

GUILHERMINA.

Que véla, Sr. Guedes?

GUEDES.

Que estava na mão da Sra. D. Ignez, quando teve o ataque.

GUILHERMINA.

Não, senhor, ainda não.

GUEDES.

Pois é favor dizer-lhe que logo á noite experimente, e verá que effeito, que luz!!

GUILHERMINA.

Bem, mas ainda não me deu tempo de lhe dizer duas cousas que eu tinha na idéa.

GUEDES.

Todo ao seu dispôr.

GUILHERMINA.

Estou muito satisfeita.

GUEDES.

Alguma descoberta tambem, não é isso ?

GUILHERMINA (*continuando*).

Porque minha filha Josephina está livre de todo o perigo ; e até apresentou-se agora muito alegre.

GUEDES.

Estimo muito, minha senhora ; e ella já vio a véla ?

GUILHERMINA (*sem dar attenção*).

E a outra noticia é que o Celestino e Anacleto não devem tardar com os noivos e noivas : veio um portador adiante avisar-nos e vou já dar as providencias para recebel-os : dê-me licença. (*Vai-se*).

SCENA XIII.

GUEDES (*só*).

Este Sr. Celestino.... este Sr. Celestino.... é um tratante!.... Esbanjou a fortuna dos sobrinhos e educou-os como uns libertinos !.... Um homem que não é criança e sempre mettido em hoteis, patuscadas, jogatinas.... Inda me lembro de que aqui mesmo na noite de annos do Anacleto engulio-me uns 300$000 no joguinho do ecarté, elle junto com os taes sobrinhos que são tres marotos da mesma tempera ! E o mais é que hontem na loja do José Barbeiro fallava-se em que a Policia tinha o olho no tio, e nos sobrinhos por causa de certas cavallarias altas, que por ahi tem feito. Não

sei como o Anacleto conserva esta amizade: ora eu hei de abrir-lhe os olhos. E que diabo de casamento será este agora? (*Ao dizer isto dá uma volta passeiando, ficando de costas para o lado d'onde entra Ignez*).

SCENA XIV.

O MESMO E IGNEZ.

IGNEZ (*entrando sem vêl-o*).

E' um monstro!.... quando eu julgava....

GUEDES (*voltando-se*).

Dê-me os parabens, minha senhora, que eu tambem lh'os dou.

IGNEZ (*assustada*).

Ah! (*comprimentando com algum vexame*). Sr. Guedes....

GUEDES.

Não se esqueça logo á noite de experimentar a minha véla, minha senhora.

IGNEZ (*aparte*).

O amor mudou-se em odio!....

GUEDES.

Dá uma luz brilhantissima: foi uma descoberta sublime!....

IGNEZ.

Dê-me licença: estou ainda muito nervosa.

GUEDES.

Pois não, minha senhora. (*Sahe Ignez*).

SCENA XV.

GUEDES (*só*).

GUEDES (*acompanhando com o olhar a Ignez que se retira*).

Está ainda com a feição bastante alterada: o doutor diz que aquillo não é nada, mas á mim está me parecendo que esta D. Ignez acaba louca: uns modos tão desconfiados.... uns gestos tão exquisitos.... Nem ao menos enthusiasmar-se com a minha descoberta.... Uma cousa que tem causado um espanto geral!.... E' verdade que ha pessoas que parecem de gelo; recebem as maiores novidades com uma indifferença que tira muitas vezes o gosto aos inventores. Se ella fosse homem eu dizia que era inveja.

SCENA XVI.

O MESMO, EDUARDO, HENRIQUETA E JOSEPHINA.

GUEDES (*comprimentando*).

Minhas senhoras.... (*Henriqueta e Josephina respondem por um simples movimento de cabeça*).

EDUARDO.

Então, Sr. Guedes, já foi noticiar ao publico a sua invenção?

GUEDES.

Por ora ainda não, fui cuidar de cousa mais importante.

EDUARDO.

E póde-se saber?

GUEDES.

Pois não: estou tratando de comprar todo o sebo que ha no Rio de Janeiro, e quero ver então onde o tal francez ha de achar materia prima para a sua especulação.

EDUARDO.

Ora, Sr. Guedes, e julga que venceu a batalha?

GUEDES.

E porque não?

EDUARDO.

Está enganado: o francez a esta hora tem já talvez o privilegio e vai provavelmente no primeiro paquete para o Rio Grande estabelecer uma fabrica de vélas maior do que o palacio de crystal em Londres.

GUEDES (*como que cahindo em si*).

E' verdade.... é verdade.... nem me lembrava do Rio Grande.... (*Durante todo este dialogo as duas irmãs conversão baixo e passeião abraçadas*).

EDUARDO.

E agora?

GUEDES (*depois de pensar um pouco*).

Vou tambem pedir um privilegio! A minha industria é differente: eu descobri fazer vélas com tres pavios que dão uma luz melhor que a do sol.

EDUARDO.

Apoiado; peça o privilegio, e não perca tempo: sebo e mais sebo nos calcanhares.

GUEDES.

Está dito. (*Tomando o chapéo e dirigindo-se a Eduardo e ás moças*). Mas, Sr. Doutor, o que lhe peço é que logo á noite não se esqueça de fazer, para que estas senhoras vejão a experiencia da véla que eu trouxe.

EDUARDO.

Fique descançado; não me esquecerei.

GUEDES (*despedindo-se*).

Minhas senhoras, Sr. Doutor....

EDUARDO.

Até logo. (*Sahe Guedes*).

SCENA XVII.

EDUARDO, HENRIQUETA E JOSEPHINA.

JOSEPHINA.

Primo, você tem essa véla? Eu quero ver; parece-me impossivel.

HENRIQUETA (*para Josephina*).

Este Guedes é um maluco: essa véla de que elle falla estava na mão de titia, quando teve o ataque, e com as convulsões derreteu-se toda e manchou-lhe até o lenço e o vestido.

EDUARDO.

Minhas primas, compadeçamo-nos deste pobre maniaco e fallemos de outro assumpto.

SCENA XVIII.

OS MESMOS E IGNEZ.

IGNEZ.

Graças a Deos que já se foi esse malvado.

EDUARDO.

Quem, minha tia?

HENRIQUTA.

O Guedes ?

IGNEZ.

Sim, esse mesmo: tenho tomado um aborrecimento a esse homem.... (*passa a fallar baixinho com Henriqueta durante todo o dialogo de Josephina com Eduardo.*)

JOSEPHINA (*baixo a Eduardo*).

Já ouvio cantar o romance que trouxe para Henriqueta?

EDUARDO (*a parte*).

Que apuros! (*alto*) Prima.... por quem é....

JOSEPHINA (*baixo a Eduardo*).

Ella só é que merece tudo....

EDUARDO (*baixo a Josephina*).

Que injustiça !.... você sabe que o meu amor....

JOSEPHINA (*baixo a Eduardo*).

Está dado á ella, não é isso ?

EDUARDO (*baixo a Josephina*).

Nunca.... nunca ....você é o meu unico amor.

HENRIQUETA (*tendo acabado de conversar com Ignez que agora passa a conversar baixo com Josephina.*)

Que segredinho era aquelle com a Josephina ?

EDUARDO (*a parte*).

E esta ! (*baixo a Henriqueta*) Não era segredo : eu lhe dizia....

HENRIQUETA (*baixo e atalhando*).

O mesmo que sempre me costuma a dizer ; não é assim ?

EDUARDO (*baixo a Henriqueta*).

Era sobre os seus ataques nervosos.

HENRIQUETA (*baixo a Eduardo*).

Sim ; e sobre o seu amor, não ?

EDUARDO (*baixo a Henriqueta*).

Nunca.... nunca.... você é o meu unico amor.

SCENA XIX.

OS MESMOS E GUILHERMINA (TRAZENDO UMA CESTINHA COM FOLHAS DE ROSAS.)

GUILHERMINA (*entrando e dizendo*).

Os noivos e padrinhos não podem tardar.

EDUARDO.

E' verdade, minha tia, devemo-nos preparar para a recepção.

GUILHERMINA.

Já trouxe esta cestinha com folhas de rosas para atirar sobre as noivas.

IGNEZ (*para frente da scena*).

Só o Sr. Guedes é que prefere sebo a rosas.

HENRIQUETA (*baixo a Eduardo*).

Quando será o nosso dia ?....

JOSEPHINA (*baixo a Eduardo*).

Quando nos succederá o mesmo?

EDUARDO (*embaraçado e a parte*).

Entre Scylla e Charybdis ! o naufragio é infallivel !...

GUILHERMINA (*como quem ouve*).

Parou um carro : hão de ser elles (*todos tirão um*

punhado de rosas e preparão-se para receber os noivos á entrada).

SCENA XX.

OS MESMOS E MAIS ANACLETO E CELESTINO, GUSTAVO, FERNANDO E RICARDO *vestidos de noivos trazendo cada um pelo braço a sua noiva. As noivas são tres velhas horrorosamente feias, uma enormemente gorda, outra alta e magra como um esqueleto, a terceira anã e corcunda : para melhor effeito scenico podem ser homens vestidos de mulher*),

GUILHERMINA (*acompanhada de Ignez, Henriqueta, Josephina e Eduardo gritão apenas entrão os noivos e padrinhos*).

Vivão os noivos! vivão os noivos ! (*atirão as folhas de rosas.*)

ANACLETO.

Ora eis-nos de volta.

CELESTINO.

Minhas senhoras (*comprimentando.*) (*Depois que os noivos entrão, os que estavão em casa vão comprimental-os : Guilhermina e Ignez fazem as honras da sala ; levão as noivas para o divan e sentão-se junto dellas: as duas moças ora estão junto ao divan, ora vem para a frente da scena, umas vezes fica Henriqueta, outras Josephina*).

JOSEPHINA (*para a frente da scena*).

E foi por um destes tres jacarés que Fernando me despresou ! (*vai para junto do divan*).

HENRIQUETA (*para a frente da scena*).

Vejão só a tartaruga que me tirou do lance! Bem diz minha tia que a ambição do ouro é o unico sentimento que existe no coração do homem.

EDUARDO (*a Anacleto*).

Meu tio, que tres surucacús são estes? !

ANACLETO (*baixa a Eduardo*).

São ar tres Graças.

EDUARDO (*baixo a Anacleto*).

São as tres Furias meu tio!

ANACLETO (*baixo a Eduardo*).

Calla-te, rapaz, cada uma tem para mais de cem contos de réis! (*continua a conversar baixo*).

IGNEZ (*levantando-se do divan pa a a frente da scena*).

Se eu fosse como qualquer destas tres caninanas já ha muito tempo estava pedida pelo Guedes! Ai! ai! (*suspira*) (*Durante toda falla destes ultimos personagens as senhoras que estiverem sentadas junto das tres noivas fingem conversar com ellas; Celestino tambem finge estar conversando com as noivas desde que ellas se sentarão no divan. Os tres irmãos estarão quasi sempre juntos*).

FRRNANDO (*para Gustavo*).

Estou envergonhadissimo com a Josephina!

GUSTAVO (*para Fernando*).

E a Henriqueta olhou já duas vezes para mim que não sei como não morri de vergonha.

RICARDO (*para os dois irmãos*).

Tomára já ver-me fora daqui! (*continuão a conservar baixo ora um ora outro dos tres chega para o divan e finge conversar com Guilhermina e algumas vezes fingem dirigir-se á respectiva noiva*).

EDUARDO (*baixo a Anacleto*).

Mas donde vem a fortuna destes crocodilos?

ANACLETO (*baixo a Eduardo*).

De seu tio Pantaleão da Graça, que morreu em Portugal: tu devias ter ouvido fallar nisso por lá.

EDUARDO.

Que está dizendo?

ANACLETO.

E' verdade.

EDUARDO.

Não ha tal: eu sei perfeitamente de todo esse negocio: o advogado, que tratou da questão, morava comigo no mesmo hotel: espalhou-se ao principio essa noticia, é verdade; mas depois foi logo publicado o testamento desse Pantaleão e a Santa Casa da Mizericordia do Porto é que ficou herdeira universal desse ricaço.

ANACLETO (*espantado*).

Deveras?

EDUARDO.

E' o que lhe digo: a Santa Casa até já arrecadou a herança; e esse negocio estava completamente liquidado quando eu de lá parti.

ANACLETO (*chamando com inquietação e bem alto*).

O' Sr. Celestino! Sr. Celestino!

CELESTINO (*levantando-se e vindo para junto de Anacleto e Eduardo; acompanhão-no tambem os tres sobrinhoe e mais Henriqueta e Ignez que tem de ouvir o dia logo seguinte*).

O que é, meu amigo, o que é?

ANACLETO.

Uma cousa horrivel.

CELESTINO.

O que?

ANACLETO.

As Sras. D. Paschoa da Graça, Escholastica da Graça e Quiteria da Graça não herdarão coisa nenhuma!!!

CELESTINO.

Que está dizendo ?!

EDUARDO.

E' verdade . eu estava em Portugal quando morreu o Pantaleão : o testamento foi publicado ; e a Santa Casa da Mizericordia do Porto foi que herdou toda a fortuna, e até já arrecadou a herança: o advogado desse negocio é meu amigo e morava comigo no mesmo hotel.

CELESTINO.

O Senhor jura-me isso á fé de christão?

EDUARDO.

Juro á fé de christão e asseguro-lhe sob minha palavra de honra.

CELESTINO.

Com mil diabos! estou perdido!

RICARDO (*que tem acabado de ouvir a horrivel noticia*)

Meu tio, dou-lhe a quarta parte da minha tortuna; livre-me daquella onça!

FERNANDO (*que tem acabado de ouvir a horrivel noticia.*

Eu dou-lhe metade, mate-me aquella cascavel.

GUSTAVO (*que tem acabado de ouvir a horrivel noticia.*)

Eu dou-lhe tudo, meu tio, arranque-me da guella daquella giboia!

HENRIQUETA *(rindo).*

Ah! ah! ah! titia! tres dos taes apparelhos, e até sem galvanismo! estou vingada!

IGNEZ.

Disto é que o Guedes precisava!

SCENA XXI.

OS MESMOS GUEDES, E UM OFFICIAL DE POLICIA.

GUEDES (*entrando e comprimentando diz com ar de satisfação*).

Meus Srs. e Sras. aqui chega comigo um official de policia que procura pelo Sr. Celestino.

TODOS (*com espanto*).

A policia ! ?

OFFICIAL (*entrando e apresentando um papel a Celestino*)

E' uma intimação para que o Sr. Celestino e seus sobrinhos me acompanhem já, e se apresentem á authoridade.

TODOS (*com surpresa*).

Oh ! !

GUSTAVO (*para a frente da scena*)

Bemdita seja a policia que me livra da minha serpente!

ANACLETO.

E os meus sete contos!!

FERNANDO (*para Ricardo*).

Ellas forão tantas!

RICARDO

Agora é que vou viajar á Polonia !

CELESTINO (*fulminado e abatido*).

Findou-se hoje o meu contrato com o diabo?

ANACLETO.

Os meus sete contos!....

OFICIAL.

Vamos, meus senhores; não ha tempo a perder. (*as tres velhas desatão em um chôro e berraria medonha*).

SCENA XXII.

OS MESMOS E XAVIER ENTRANDO COM QUATRO OU SEIS SOLDADOS.

XAVIER.

E' aqui mesmo, entrem, camaradas: cá está o homem que me enganou (*entrão os soldados*).

ANACLETO (*attonito*).

Meu Deus! o que será de mim! os meus sete contos!

GUILHERMINA (*lançando-se ao pescoço de Anacleto*).

Meu marido da minha alma!

JOSEPHINA E HENRIQUETA (*agarrando-se ambas a Eduardo*).

Priminho, nos accuda por quem é! (*Logs que os sol-*

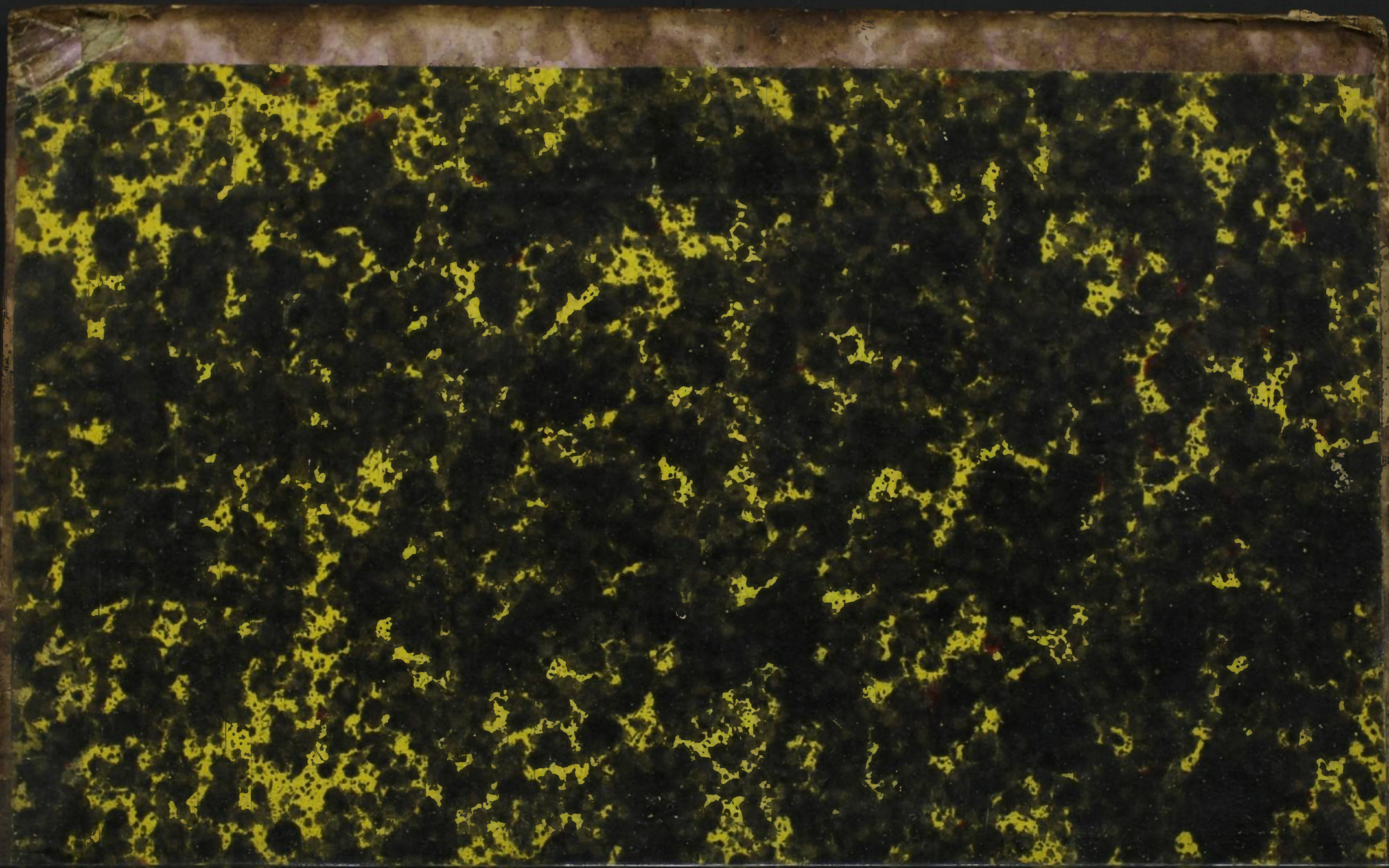
dodos entrão, as tres velhas continuão o chôro a a berraria ainda mais forte, e todas tres agarrão-se cada uma a seu noivo. Anacleto abraçado por Guilhermina anda de um lado para outro sem saber o que faz; os solados vão levando Celestino e os sobrinhos).

IGNEZ (*correndo de um lado para outro sem ter outro cavalheiro a quem se dirija*).

Sr. Guedes, tenha compaixão de mim (*lançando-se sobre Guedes*)

GUEDES (*atrapalhado empurrando Iguez*)

Camaradas, levem esta senhora para o Hospicio de Pedro II (*a gritaria das velhas deve ir augmentando cada vez mais*).

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO.

17641